UMA VIDA VOLTADA PARA DEUS

JOHN PIPER

EDITORA FIEL

UMA VIDA VOLTADA PARA DEUS

Traduzido do original em inglês:
A GODWARD LIFE

Published by Multnomah Books
a division of Random House, Inc.
12265 Oracle Boulevard, Suite 200
Colorado Springs, Colorado 80921 USA

ISBN Nº. 85-99145-27-2

Editor: Pr. Richard Denham
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Marilene Paschoal
Ana Paula Eusébio Pereira
Diagramação: Marilene Paschoal
Capa: Edvanio Silva
Direção de Arte: Rick Denham

EDITORA FIEL da
MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA
Caixa Postal 81
12201-970 - São José dos Campos, SP

Dedicado à

David e Karin Livingston
David e Sally Michael
Brad e Cindy Nelson

Preciosos companheiros em uma vida voltada
para Deus, que têm amado e trabalhado
por mais de dez anos comigo
na Igreja Batista Bethlehem.

Índice

PREFÁCIO

Livros não mudam pessoas; parágrafos, sim. Às vezes, até sentenças. Ainda recordo uma tarde, no outono de 1968, quando estive em uma livraria na Avenida Colorado, em Pasadena, e li a primeira página de *The Weight of Glory* (O Peso de Góría), escrito por C. S. Lewis. Ainda que eu não tivesse lido outra página, minha vida teria sido mudada para sempre. Talvez possa resumir o que li em duas sentenças: "Somos criaturas indiferentes, que brincam com bebidas, sexo e ambição, enquanto o gozo infinito é-nos oferecido; como uma criança ignorante que deseja continuar brincando na lama em uma favela, porque não imagina o que significa o oferecimento de um feriado na praia. Satisfazemo-nos com coisas pequenas demais".[1] Quase trinta anos depois, ainda sinto o arrepio daquela descoberta e o ímpeto de luz que me atingiu. Nada jamais seria o mesmo. Apenas um parágrafo, e a obra decisiva foi realizada.

Isto não é algo novo. Dezesseis séculos atrás, em agosto de 386, Agostinho estava em aflição espiritual. Em um jardim de Milão (Itália), ele se lançou ao chão, debaixo de uma figueira, e deu lugar às lágrimas, que jorravam de seus olhos: "Arranquei cabelos e bati na cabeça com os punhos. Fechei os dedos e abracei os joelhos". Em seguida, ele

ouviu "a voz melódica de um menino ou uma menina, não tenho certeza, que repetia em refrão: 'Pega-o e lê; pega-o e lê'". Agostinho aceitou isso como "uma ordem divina para abrir meu livro das Escrituras e ler a primeira passagem em que caísse o meu olhar". Ele abriu e leu: "Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências". Com duas sentenças, toda a aflição foi desfeita. "Não tive qualquer desejo de ler mais, nem precisava fazê-lo. Pois, em um instante, quando cheguei ao final da sentença, aconteceu como se a luz da confiança inundasse meu coração, e todas as trevas de dúvidas foram removidas".[2]

Quanto a Lutero, sua vida foi tocada por intermédio de outra das grandes sentenças do apóstolo Paulo — Romanos 1.16-17. Na vida de Jonathan Edwards, foi 1 Timóteo 1.17. Para John Wesley foi o prefácio do comentário livro *A Epístola aos Romanos,* escrito por Lutero. E poderíamos acrescentar outros nomes à lista. A verdade é que a leitura de muitos livros pode ser semelhante a ajuntar pedaços de madeira, mas as chamas brilham de uma única sentença. A marca é deixada na mente não pela queima de muitas páginas, e sim pelo calor de uma sentença aquecida por Deus.

Minha oração é que Deus se agrade em tomar as breves leituras deste livro e queimar uma sentença ou um parágrafo em sua mente. As meditações têm apenas duas ou três páginas de extensão. Não estão arranjadas em ordem de assuntos. O que as mantém unidas é uma busca por experimentarmos a supremacia de Deus em toda a vida. O meu alvo é despertar e nutrir essa fome.

---

1 1. Lewis, C. S. *The weight of Glory*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965. p. 1-2.

2 *Augustine's Confessions,* Book VIII. In: Brown, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*. Berkeley, Calif.: University of California Press, 1967. p. 108-109.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Noël, minha esposa, pelas repetidas leituras destas páginas. Amo estar associado a uma editora que vê a imperfeição, mas aprecia a visão. Agradeço a Steve Halliday por alimentar uma idéia de dez anos e por ajudar na concretização dessa idéia. Agradeço a Carol Steinbach por elaborar, conforme penso, os índices em sua hora de repouso e ficar acordada até tarde para cumprir o impiedoso prazo de entrega.

Quando terminava este livro, David e Karin Livingstone, Brad e Cindy Nelson completavam, comigo, dez anos de ministério pastoral na equipe da Igreja Batista Bethlehem. No ano passado, David e Sally Michael atingiram essa marca. Com abundante gratidão a Deus, dedico este livro a esses pacientes companheiros na Grande Obra.

David e Karin, obrigado pelos vinte e três anos de amizade inabalável, os incontáveis atos de hospitalidade, centrada em Deus, o incansável amor pelos perdidos e os dez anos de espontânea flexibilidade no amor sacrificial por todos os santos. David e Sally, obrigado por se dedicarem ao interior da cidade antes que algum de nós tivéssemos esse sonho e por viverem a Palavra, mesmo quando aflitos, e por conhecerem a diferença entre a moralização centralizada no ho-

mem e o significado da vida voltada para Deus, no ministério da Palavra aos nossos filhos.

Brad e Cindy, obrigado por um dos raros triunfos — dez anos de ministério fiel que exalta a Deus entre os adolescentes; por permanecerem fortes quando os agradecimentos eram poucos; por entretecerem missões mundiais em todos os seus sonhos; por edificarem a vida de nossos jovens com o ensino bíblico, adoração e testemunho e por pastorearem meus quatro filhos em direção a uma paixão pela supremacia de Deus.

Amo todos vocês e a igreja à qual servimos com alegria.

Introdução

O Mestre, a Bíblia e uma vida voltada para Deus

Admito que isso parece uma contradição. Estou procurando fazer com que você leia algo mais além da Bíblia, ou seja, este livro em suas mãos. Contudo, o principal argumento deste livro é que a leitura da Bíblia, por si mesma, é o que realmente importa. Aprecio muito estas palavras de John Wesley: “Sou uma criatura de um dia. Sou um espírito que veio de Deus e retorna para Deus. Quero conhecer apenas uma coisa: o caminho para o céu. Deus mesmo condescendeu em ensinar-me esse caminho. Ele o descreveu em um Livro. Oh! dêem-me esse livro! A qualquer preço, dêem-me o Livro de Deus. Quero ser o homem de um único Livro”.[1] Esse livro é a Bíblia — a preciosa Palavra de Deus. Somente nela encontramos o caminho para o céu. Somente na Bíblia aprendemos sobre uma vida voltada para Deus.

Isto é uma contradição? Seria apenas por uma razão: a Bíblia nos diz que Deus chama professores humanos para explicarem e aplicarem seu Livro. Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém e Saulo foram chamados de “mestres” na igreja

de Antioquia (At 13.1). Em 1 Coríntios 12.28, Paulo disse que "a uns estabeleceu Deus na igreja... mestres". Em Efésios 4.11, Paulo disse que Cristo "concedeu uns para... mestres". Também sabemos, com base em 1 Timóteo 3.2, que os presbíteros da igreja têm de ser aptos para ensinar. Portanto, mestres humanos são o desígnio de Deus para o seu povo. A tarefa deles consiste em explicar e aplicar a Bíblia de modo que as pessoas entendam-na, creiam nela e vivam-na.

Alguns desses mestres escrevem. Não posso falar pelos outros. Contudo, quanto a mim mesmo, é uma questão de necessidade. Não entendo com clareza um assunto enquanto não tento escrever sobre ele. É uma fraqueza proveitosa. Não sou João Calvino ou Agostinho, mas, como eles, digo que "me considero um daqueles que escrevem enquanto aprendem e aprendem enquanto escrevem".[2]

Não importa o quanto aprendamos, os mestres não equivalem à Bíblia. Todos, "agora, vemos como em espelho, obscuramente" (1 Co 13.12). "Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres... Porque todos tropeçamos em muitas coisas" (Tg 3.1-2). É triste mas verdadeiro o fato de que muitos crentes podem dizer como o salmista: "Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos" (Sl 119.99). É o testemunho do Senhor, e não o ensino de homens, que "dá sabedoria aos símplices" (Sl 19.7). Muitos mestres ensinam pouco sobre a Bíblia, e as palavras deles são como a erva. "Seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente" (1 Pe 1.24-25).

O ensino que permanece — e os livros que permanecem — é o ensino que "jorra a Bíblia". C. H. Spurgeon disse a respeito de John Bunyan: "Fure-o em qualquer parte, e você descobrirá que a Bíblia está em seu sangue; a própria essência da Bíblia flui de Bunyan. Ele não pode falar sem citar um texto bíblico, pois sua alma está repleta da Palavra de Deus".[3] Deus quer que haja mestres humanos de sua divina Palavra, mas Ele quer que esses mestres sejam repletos da Palavra de Deus. A Bíblia deve jorrar deles. A Bíblia tem de fluir no sangue — e nos livros — deles.

O ensino não é o único dom na igreja. Os lábios que ensinam não podem dizer às mãos que tocam ou aos pés que correm: "Não

preciso de vós” (1 Co 12.21). Existe reciprocidade. “Aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui” (Gl 6.6). Não significa apenas “paguem a quem prega”. Também significa que estes precisam de “todas as coisas boas” que aqueles que recebem os ensinamentos são e fazem. Não sobreviveria sem o eco da verdade no amor de meu povo.

Este livro é um transbordamento de minha chamada para ensinar na igreja. Por mais de dezessete anos, prego ao rebanho da Igreja Batista Bethlehem. Todavia, há muito mais a dizer do que um pregador poderia fazê-lo aos domingos e às quartas-feiras. A Bíblia é uma fonte inesgotável de discernimento a respeito de Deus e seus caminhos. Por isso, neste tempo, tenho escrito semanalmente uma carta ao meu rebanho naquilo que chamamos afetuosamente de *Star*. O que você tem em mãos é uma coletânea de algumas dessas meditações.

Elas são, por desígnio e quase na totalidade, meditações sobre as Escrituras. Algumas focalizam em aplicação pessoal ou social. Outras, em explanação bíblica. Em ambos os casos, o alvo é ser bíblico, implícita e explicitamente. Essa é a única exigência para a utilidade permanente na vida. Várias dessas cartas semanais desapareceram no misericordioso esquecimento da História. Outras são bem limitadas no assunto que enfocam e podem não ser interessante para outras igrejas. Creio que algumas delas têm relevância duradoura e fundamento bíblico suficientes para magnificar a Cristo, além de uma igreja e de uma década. Se isso é verdade, o tempo dirá.

Um das grandes coisas a respeito de estar em uma igreja por dezessete anos é que a missão da igreja e a missão do pregador tendem a se tornar uma. Isto é verdade na Igreja Batista Bethlehem. Existimos para difundir uma paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, para regozijo de todas as pessoas. Essa é a missão de nossa igreja; também, a de minha vida. Procuro avaliar tudo o que falo, escrevo e vivo por meio deste padrão: isto propaga uma paixão pela supremacia de Deus?

Portanto, se existe uma linha que une estas meditações, é o meu incansável alvo de experimentar a supremacia de Deus em todas as coisas. Essa é a razão. “Experimentar” é a palavra correta. A supre-

macia de Deus não é uma mera idéia. Nem mesmo um fato apenas magnificente. É uma agradável realidade. Deus não pretende tão-somente ser visto como supremo; Ele quer ser provado. "Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom" (Sl 34.8). A supremacia da bondade, santidade, poder, conhecimento, justiça e sabedoria de Deus são mel para a língua do coração e ouro para o tesouro de nossa alma. Deus almeja que conheçamos estas qualidades em nossa mente e as experimentemos com prazer em nosso coração.

Penso a respeito da supremacia de Deus o mesmo que Jonathan Edwards pensava sobre a soberania de Deus: "A soberania absoluta de Deus... é aquilo em que a minha mente parece descansar segura, mais do que em qualquer coisa que eu possa ver com os olhos... Com bastante freqüência, esta doutrina tem parecido muitíssimo agradável, brilhante e doce. A soberania absoluta é aquilo que eu gosto muito de atribuir a Deus... A soberania de Deus sempre me pareceu grande parte da glória dEle. Freqüentemente tenho encontrado prazer em aproximar-me de Deus e adorá-Lo como Deus soberano".[4]

Este experimentar é um dever profundo e prazeroso. A Bíblia diz: "Folguem e em ti se rejubilem todos os que te buscam; e os que amam a tua salvação digam sempre: Deus seja magnificado!" (Sl 70.4.) De fato, estas duas coisas — rejubilar-se em Deus e magnificá-Lo — não são coisas separadas. A bandeira que drapeja sobre cada meditação deste livro é a convicção de que Deus é mais magnificado em nós, quando estamos mais satisfeitos nEle.

Quando o salmista afirmou: "Então, irei ao altar de Deus, de Deus, que é a minha grande alegria; ao som da harpa eu te louvarei, ó Deus, Deus meu" (Sl 43.4), ele pretendia dizer que a extensão de sua alegria era parte do que tornava autêntico o seu louvor. A supremacia da beleza e do valor todo-satisfatório de Deus é o alimento crucial para o saborear de nossa alma, e não os dons dEle. Não há outra maneira de explicar palavras como estas:

> *Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado,*

> *todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação* (Hc 3.17-18).

Somente uma coisa explica estas palavras de Paulo: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8). — Cristo, a essência e imagem de Deus, tem de ser mais desejado do que todos os seus dons. Ele é o fim do saborear de nossa alma, e não o meio.

Os dons de Deus são bons. Precisam ser recebidos com gratidão e alegria, mas não são Deus, nem o alimento final de nossa alma. Apontam para longe de si mesmos — para Deus. "Os céus proclamam a glória de Deus" (Sl 19.1). Todos os outros dons que gozamos também fazem isso. Muitas vezes, retorno à oração de Agostinho para levar meus fardos: "Muito pouco Te ama aquele que ama qualquer coisa juntamente contigo, e que não Te ama por quem és".[5] Nestas meditações, eu me regozijo em muitos dons, mas terei errado meu alvo, se o impacto geral deste livro não nos levar a parar de buscar os dons e a experimentarmos o próprio Deus.

Uma vida voltada para Deus é vivida para a finalidade de ver, experimentar e mostrar a Deus em todas as coisas. "Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Co 10.31). E a glória de Deus é mais plenamente manifesta quando sua amabilidade todo-satisfatória nos liberta para sofrermos — até com alegria — por amor do seu nome. "E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome" (At 5.41).

Uma vida voltada para Deus é vivida com um olhar constante para a recompensa da eterna comunhão com Deus. Esta esperança centralizada em Deus é o poder que desencadeia o amor sacrifical (Cl 1.4-5) em um mundo impaciente que quer tudo agora. "Ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos". Os justos olham para a recompensa da comunhão com Deus e amam. Isto é uma vida voltada para Deus. "Não somente vos

compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável" (Hb 10.34). Eles olharam para a recompensa da comunhão com Deus e amaram. Isto é uma vida voltada para Deus.

A única esperança de que tal recompensa poderia ser herdada por pecadores como nós é a morte de Cristo em nosso lugar. "Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus" (1 Pe 3.18). Cristo morreu em nosso lugar para que pecadores se regozijem na santidade de Deus e não sejam destruídos. Esta é a nossa única esperança. O Justo morreu pelos injustos. Sem isso, uma vida voltada para Deus seria impossível e suicida, se tal coisa existisse. Enquanto a ira de Deus não é desviada de minha alma pecaminosa, pela morte de Cristo, Deus é um fogo consumidor. Subseqüentemente, pela fé, Ele é a luz da vida e o alvo de todos os meus desejos. Este é o testemunho final de uma vida centralizada em Deus:

> *Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.*
>
> Salmos 73.25-26

---

1 Citado em FULLER, Daniel. "I Was Just Thinking". *Today's christian,* September 1977.

2 CALVINO disse isto (citando *Augustine's letters 143.2*) na introdução de *Institutes of the christian religion,* v. 1. Philadelphia: Westminster Press, 1960. p. 5.

3 Citado de SPURGEON, C. H. *Autobiography*. In: MURRAY, Iain. *The forgotten Spurgeon*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1973. p. 34.

4 EDWARDS, Jonathan. Personal Narrative. In: *Jonathan Edwards Selections.* New York: Hill and Wang, 1962. p. 59, 67.

5 AGOSTINHO, citado de *Confessions.* In: BETTENSON, Henry (Ed.). *Documents of the christian church.* London: Oxford University Press, 1967. p. 54.

1

AMANDO A DEUS POR AQUILO QUE ELE É

Uma perspectiva de pastor

Uma das mais admiráveis verdades que descobri foi esta: Deus é mais glorificado em mim quando sou mais satisfeito nEle. Este é o lema que direciona meu ministério como pastor. Afeta tudo o que eu faço.

Se eu como, bebo, prego, aconselho ou faço — em tudo isso, o meu alvo é glorificar a Deus pela maneira como o faço (1 Co 10.31). Isto significa que meu alvo é fazer tudo de modo que revele como a glória de Deus tem satisfeito os anelos de meu coração. Se a minha pregação denunciasse que Deus não tem satisfeito minhas necessidades, ela seria fraudulenta. Se Cristo não fosse a satisfação de meu coração, será que as pessoas creriam, quando eu proclamasse a mensagem dEle: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (Jo 6.35)?

A glória do pão consiste em que ele satisfaz. A glória da água viva está no fato de que ela sacia a sede. Não honramos a água refrescante, auto-renovadora e pura que desce da fonte na montanha, quando lhe damos nossa contribuição por trazermos baldes de água

de poços do vale. Honramos a fonte por sentirmos sede, ajoelharmo-nos e bebermos com gozo. Em seguida, dizemos: "Ahhhh!" (isto é adoração!) e prosseguimos nossa jornada com a força proveniente da fonte (isto é serviço). A fonte da montanha é mais glorificada quando mais nos satisfazemos com a sua água.

Tragicamente, muitos de nós fomos ensinados que o dever, e não o deleite, é a maneira de glorificarmos a Deus. Não aprendemos que o deleite em Deus é nosso dever! Satisfazer-se em Deus não é um acréscimo opcional ao verdadeiro dever cristão. É a exigência mais elementar de todas. "Agrada-te do SENHOR" (Sl 37.4). Não é uma sugestão, é uma ordem, assim como o são: "Servi ao SENHOR com alegria" (Sl 100.2) e: "Alegrai-vos sempre no Senhor" (Fp 4.4).

A responsabilidade de um pastor é mostrar com clareza aos outros que o amor de Deus "é melhor do que a vida" (Sl 63.3). Se o amor de Deus é melhor do que a vida, é também melhor do que tudo o que a vida neste mundo oferece. Isto significa que a satisfação não está nos dons, e sim na glória de Deus — a glória do amor, do poder, da sabedoria, da santidade, da justiça, da bondade e da verdade de Deus.

Esta é a razão por que o salmista clamou: "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (Sl 73.25-26). Nada na terra, nenhum dos dons de Deus, na criação — podia satisfazer o coração de Asafe. Somente Deus podia. Davi queria expressar isso quando disse ao Senhor: "Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente" (Sl 16.2).

Davi e Asafe nos ensinam, por seu anelo centralizado em Deus, que os dons de Deus — como saúde, riqueza e prosperidade — não satisfazem. Somente Deus satisfaz. Seria presunção não agradecer a Deus pelos seus dons ("Não te esqueças de nem um só de seus benefícios" — Sl 103.2), mas seria uma atitude idólatra chamar de amor a Deus a alegria que obtemos de tais dons. Quando Davi disse ao Senhor: "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11), ele estava afirmando que estar

próximo de Deus é a única experiência todo-satisfatória do universo.

Não era pelos dons de Deus que Davi anelava como um amante profundamente apaixonado. “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42.1-2). Davi queria experimentar uma revelação da glória e do poder de Deus: “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória” (Sl 63.1-2). Somente Deus satisfará um coração como o de Davi, que era um homem segundo o coração de Deus. Fomos criados para sermos assim.

Isto é a essência do que significa amar a Deus — satisfazer-se nEle. NEle! Amar a Deus pode incluir obedecer a todos os seus mandamentos, pode incluir crer em toda a sua Palavra e agradecer-Lhe por todos os seus dons. Mas a essência de amar a Deus é desfrutar de tudo o que Ele é. Este desfrutar de Deus glorifica mais plenamente a dignidade dEle, em especial quando tudo ao redor de nossa alma está desmoronando.

Todos sabemos disso por intuito, bem como por meio das Escrituras. Sentimo-nos mais honrados pelo amor daqueles que nos servem por obrigação ou pelo deleite da comunhão? Minha esposa é mais honrada quando eu lhe digo: “Gastar tempo com você me torna feliz”. Minha felicidade é o eco da excelência dela. O mesmo é verdade em relação a Deus. Ele é mais glorificado quando nos satisfazemos mais nEle.

Nenhum de nós tem chegado à completa satisfação em Deus. Freqüentemente, sinto-me triste com o murmurar de meu coração sobre a perda de confortos mundanos, mas tenho provado que o Senhor é bom. Pela graça de Deus, conheço agora a fonte de gozo eterno; por isso, gosto muito de passar os dias atraindo as pessoas a este gozo, até que possam dizer comigo: “Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo” (Sl 27.4).

2

AS MISERICÓRDIAS DE HOJE PARA OS PROBLEMAS DE HOJE

Meditação sobre Mateus 6.34

> *Não fiquem ansiosos a respeito do amanhã, porque o amanhã trará suas próprias ansiedades. Para hoje, é suficiente o seu próprio problema.*
>
> (Tradução do autor.)

Uma parte da fé salvadora é a segurança de que amanhã teremos fé. Confiar em Cristo hoje inclui o crer que Ele lhe dará a confiança de amanhã, quando o amanhã chegar. Com freqüência, sentimos que nossa reserva de forças não será suficiente para mais um dia. E, de fato, não será. Os recursos de hoje são para hoje; e uma parte desses recursos é a confiança de que novos recursos nos serão dados amanhã.

O alicerce desta segurança é o maravilhoso ensino bíblico de que Deus determina para cada dia apenas a quantidade de problemas que este dia é capaz de suportar. Em nenhum dia, Deus permitirá que seus filhos sejam provados além do que a sua misericórdia para aquele dia suportará. Isso foi o que Paulo quis dizer em 1 Coríntios 10.13:

"Nenhuma prova lhes tem sobrevindo, que não seja comum ao homem. Deus é fiel, e não permitirá que sejam provados além do que são capazes de agüentar, mas, com a prova, Ele também dará o meio de escape, para que possam suportá-la" (tradução do autor).

O antigo hino sueco "Dia a Dia" é baseado em Deuteronômio 33.25: "A tua força *será* como os teus dias" (ARC). O hino nos dá a mesma segurança:

Dia a dia e a cada momento que passa,
Acho forças para enfrentar minha provação;
Confiando na sábia outorga de meu Pai,
Não tenho motivo para temor ou inquietação.

A "sábia outorga de meu Pai" é equivalente à quantidade de problemas que podemos suportar a cada dia — e nenhum problema a mais:

Ele, cujo coração é imensuravelmente bom,
Com amor, dá a sua parte de prazer e dor,
E, a cada dia, o que julga o melhor dom
Mesclando com paz e descanso o intenso labor

Juntamente com a medida de dor para cada dia, Ele nos dá novas misericórdias. Este é o argumento de Lamentações 3.22-23: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade".

As misericórdias de Deus são novas cada manhã, porque existem misericórdias suficientes para cada dia. É por isso que tendemos a entrar em desespero, quando pensamos que talvez possamos ou tenhamos de levar os fardos de amanhã com os recursos de hoje. Deus deseja que estejamos cientes de que não podemos. As misericórdias de hoje são para os problemas de hoje; as de amanhã, para os problemas de amanhã.

Às vezes, nos perguntamos se teremos misericórdia para

permanecermos firmes em provas terríveis. Sim, teremos. Pedro disse: "Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus" (1 Pe 4.14). Quando a injúria nos sobrevém, o Espírito da glória se manifesta. Aconteceu com Estêvão, quando ele estava sendo apedrejado (At 7.55-60). Acontecerá com você. Quando o Espírito e a glória são necessários, eles surgem.

O maná no deserto foi dado uma vez por dia. Não havia armazenagem de maná. Essa é a maneira como temos de depender da misericórdia de Deus. Você não recebe hoje a força para levar os fardos de amanhã. Recebe misericórdias hoje para os problemas de hoje. Amanhã, as misericórdias serão renovadas. "Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Co 1.9). "Fiel é o que vos chama, e Ele também agirá!" (1 Ts 5.24 — tradução do autor.)

3

Quando Palavras são Vento

Meditação sobre Jó 6.26

Acaso, pensais em reprovar as minhas palavras,
ditas por um desesperado ao vento?

Quando estão em tristeza, dor e desespero, as pessoas dizem coisas que não diriam em outras circunstâncias. Elas pintam a realidade com tons mais escuros do que a pintarão amanhã, quando o sol despontar. Tais pessoas cantam em notas menores e falam como se aquela fosse a única melodia. Elas vêem apenas nuvens e falam como se não houvesse céu.

Tais pessoas dizem: "Onde está Deus?" Ou: "Não há proveito em continuar vivendo". Ou: "Nada faz sentido". Ou: "Não há esperança para mim". Ou: "Se Deus fosse bom, isto não teria acontecido".

O que faremos com estas palavras?

Jó disse que não precisamos reprovar tais palavras. Elas são vento ou, literalmente, para o vento. Tais palavras desaparecerão rapidamente. Haverá uma mudança nas circunstâncias, e a pessoa

desesperada acordará das trevas noturnas e se arrependerá das palavras precipitadas.

Portanto, não desperdicemos nosso tempo e energia reprovando tais palavras. Elas desaparecerão por si mesmas, ao vento. Uma pessoa não precisa podar folhas no outono; é um esforço inútil. Elas logo se espalharão aos quatros ventos.

Quão rapidamente nos dispomos a defender a Deus — ou, às vezes, a verdade — contra palavras que são ditas apenas ao vento. Existem muitas palavras, premeditadas e ponderadas, que precisam de nossa reprovação, mas nem toda heresia desesperadora, dita irrefletidamente em horas de agonia, precisa ser respondida. Se tivéssemos discernimento, poderíamos ver a diferença entre palavras profundas e palavras ditas ao vento.

Existem palavras que têm raízes em erros e males profundos. Mas nem todas as palavras cinzentas obtêm sua cor de corações pretos. Algumas são coloridas principalmente pela dor, pelo desespero. O que você ouve não são as coisas mais profundas do coração. Existe algo real em nosso íntimo, de onde procedem as palavras, mas é temporário — como uma infecção passageira — real, doloroso; mas não é a verdadeira pessoa.

Aprendamos a discernir se as palavras faladas contra nós, contra Deus e contra a verdade são apenas ditas ao vento — proferidas não da alma, mas do sofrimento. Se são palavras ditas ao vento, esperemos em silêncio e não reprovemos. Restaurar a alma, e não reprovar o sofrimento, é o alvo de nosso amor.

4

Graça Futura

Considerando o poder que precisamos para a obediência

A gratidão é uma emoção saudável para a adoração, mas é um motivo perigoso para a obediência. Somos ordenados em termos explícitos a sermos agradecidos: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração... e sede agradecidos" (Cl 3.15). "Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1 Ts 5.18). Como podemos não ser agradecidos quando devemos tudo a Deus?

Mas, no que concerne à obediência, a gratidão é um motivo perigoso. Tende a se expressar em termos de dívida — ou no que às vezes chamo de ética de devedor. Por exemplo: "Veja o quanto Deus tem feito por você. Motivado por gratidão, você não deveria fazer muito por Ele?" Ou: "Devemos a Deus tudo o que temos e somos. O que temos feito por Ele, em retribuição?"

Encontro, pelo menos, três problemas nesse tipo de motivação. Primeiro, é impossível pagarmos a Deus por toda a graça que Ele nos tem dado. Não podemos nem mesmo começar a pagar-Lhe, visto que Romanos 11.35-36 afirma: "Quem primeiro deu a ele para que

lhe venha a ser restituído? [Resposta: ninguém.] Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente". Não podemos restituir a Deus porque Ele já possui tudo o que temos para lhe dar.

Segundo, ainda que fôssemos bem-sucedidos em compensar a Deus por todas as suas graças para conosco, seríamos bem-sucedidos apenas em tornar a graça uma transação comercial. Se pudéssemos pagar-Lhe, a graça não seria graça. "Ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida" (Rm 4.4). Se tentássemos negociar com Deus, anularíamos a graça. Se os amigos tentam mostrar-lhe um favor especial, de amor, convidando-o para jantar, e, ao fim da noite você diz que os recompensará, recebendo-os na próxima semana, você anula a graça de seus amigos e a transforma em comércio. Deus não gosta de ter sua graça anulada. Ele gosta de tê-la glorificada (Ef 1.6, 12, 14).

Terceiro, focalizar a gratidão como um elemento que capacita a obediência tende a menosprezar a importância crucial da graça futura. A gratidão olha para trás, contempla a graça recebida e sente-se grata. A fé olha adiante, vê a graça prometida para o futuro e sente esperança. "A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem" (Hb 11.1).

A fé na graça futura é o poder para a obediência que preserva a agradável qualidade da obediência humana. A obediência não consiste em recompensar a Deus e, assim, tornar a graça em comércio. A obediência resulta da confiança de que Deus nos dará mais graça — graça futura — e esta confiança magnifica os infinitos recursos do amor e do poder de Deus. "Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo" (1 Co 15.10). A graça que capacitou Paulo a trabalhar muito, em uma vida de obediência, consistia na chegada diária de novos suprimentos de graça. É nisto que a fé confia — a contínua chegada de graça. A fé contempla promessas como: "O SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares" (Js 1.9) e, nessa confiança, a fé se aventura, em obediência, a tomar a promessa.

O papel bíblico da graça passada — especialmente a cruz — é

garantir a certeza de graça futura: "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou [graça passada], porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas [graça futura]?" (Rm 8.32) Confiar na graça futura é a força que capacita a obediência. Quanto mais confiamos na graça futura, tanto mais damos a Deus a oportunidade de mostrar, em nossa vida, a glória de sua inesgotável graça. Portanto, aproprie-se da promessa de graça futura e, com base nessa promessa, pratique um ato de obediência radical. Deus será poderosamente honrado.[1]

1 Quanto a um desenvolvimento do conceito de graça futura, ver PIPER, John. In: *The purifying power of living by faith in future grace.* Sisters, Ore.: Multnomah Press, 1995.

5

Dom e Determinação (Nessa Ordem)

Reflexão sobre o esforço humano e a capacitação divina

Pergunta: Se Deus é Aquele que nos outorga diversas medidas de fé, devemos buscar uma fé maior?

Resposta: Sim! Com toda a nossa força! Por meio da oração, da Palavra, da comunhão e da obediência.

A fé é um dom de Deus. Romanos 12.3 diz: “Pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. Deus outorga a cada crente uma medida de fé. Efésios 2.8 afirma: “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. A palavra “isto” se refere a todo o ato de Deus, incluindo a realização da obra de salvação na cruz e a sua aplicação por meio da fé. Filipenses 1.29 diz: “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele”. Crer e padecer são dons de Deus. De modo semelhante, o arrependimento (o outro lado da fé) é chamado um dom de Deus (2 Tm 2.25; At 11.18). A revelação de Cristo ao coração torna possível a fé e também é um dom (Mt 16.17; 2 Co 4.4, 6).

Isto não significa que a fé é estática ou que não devemos buscá-

la mais e mais. Em 2 Tessalonicenses 1.3, Paulo diz: "A vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando". Em 2 Coríntios 10.15, Paulo declara que tinha esperança de que fé daqueles crentes cresceria.

Portanto, é claro que a fé precisa crescer e não permanecer estática. O fato de que Deus lhe deu um nível de fé ontem não significa que a vontade dEle para hoje é que você tenha a mesma medida de fé. O propósito dEle para você hoje pode incluir uma fé muito maior. O seu mandamento é que confiemos nEle "em todo tempo" (Sl 62.8) e cresçamos "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 3.18).

Deus ordena o que quer e concede em medida aquilo que ordena. Mas devemos sempre buscar aquilo que Deus nos ordena. Ele manda: "Desenvolvei a vossa salvação... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12-13). Deus não disse: "Visto que eu efetuo, vocês não devem agir". Ele disse: "Porque eu efetuo, vocês realizam". O dom de Deus não substitui o nosso esforço, mas capacita-o e sustenta-o.

Afirmamos, juntamente com Paulo: "A sua graça [de Deus], que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei..." (1 Co 15.10). O dom da graça produziu o trabalho árduo. Não acontece de maneira contrária. Paulo disse mais: "Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo". O próprio trabalho de Paulo foi um dom da graça. Sim, isto se parece com o nosso esforço. É um esforço! Mas isto não é tudo. O esforço não é a raiz. Se é virtuoso, é Deus "quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Ele cumpre "com poder todo propósito de bondade e obra de fé" (2 Ts 1.11). Deus equipa com "todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele" (Hb 13.21).

Por conseguinte, busquemos a maior fé possível, com todos os meios que a graça de Deus nos tem dado. Sejamos como Paulo e esforcemo-nos "o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente" em nós (Cl 1.29). E, quando trabalharmos arduamente, não pensemos de nós mesmos mais do que é necessário, mas, como

Paulo, digamos: "Não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio... pelo poder do Espírito Santo" (Rm 15.18-19). Existe um lugar para a determinação na vida cristã ("trabalhei muito mais"), porém, ela é precedida e capacitada pelo dom ("a graça de Deus comigo"). Portanto, toda determinação é vivificada pela fé na graça futura.

6

O Zelo pelo Bem é Louvado ou Perseguido?

Meditação sobre 1 Pedro 3.13-16

Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom? Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo.

Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom? (verso 13)

Os crentes devem ser "zelosos do que é bom". Você pode fazer alguma coisa boa por alguém? Pode ajudá-lo? Pode mudar

alguma coisa ruim e torná-la boa? Então, faça-o — e faça-o com zelo!

Você será prejudicado? Não, em última instância. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8.31) "O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem? (Hb 13.6) "Não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer... Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto, nenhum deles está em esquecimento diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais! Bem mais valeis do que muitos pardais" (Lc 12.4, 6-7).

Verso 14a: *"Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois."*

Sim, haverá oposição, se você for zeloso do que é bom e justo, mas nunca esqueça a bem-aventurança: "Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5.10).

Versos 14b-15a: *"Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor."*

Você reverencia aquilo que teme. Por isso, acovardar-se em temor diante dos homens é o oposto de prostrar-se diante do Senhor da glória.

Versos 15b-16a: *"Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor."*

Por que eles perguntam sobre a nossa esperança? Porque a fome de felicidade no coração humano é tão intensa, que a única explicação para a nossa prontidão em sofrer por causa da justiça tem de ser uma esperança. Foi exatamente isso que Jesus disse: "Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus" (Mt 5.12). A esperança sustenta o zelo pelo bem, quando somos perseguidos.

As pessoas sabem disso intuitivamente. Por isso, elas perguntam a respeito de nossa esperança.

Verso 16b: *"Com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo."*

Existe um espaço de tempo entre a ocasião em que uma boa atitude é praticada e o momento em que é reconhecida como boa por nossos oponentes. Primeiro, eles "difamam" nossa atitude. Então, mais tarde, eles ficam "envergonhados". Quanto tempo depois? Talvez, somente no Juízo Final algumas pessoas verão as coisas como realmente são. Para alguns, este reconhecimento pode vir mais cedo. Pedro descreveu a mudança do injuriar para o glorificar a Deus: "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1 Pe 2.12). Assim, por enquanto, eles nos difamam como malfeitores, porém, mais tarde, glorificarão a Deus pelas próprias boas obras que antes injuriavam. Isto pode significar que eles foram convertidos aqui, ou que foram compelidos a render glória no dia do Julgamento.

Não temos o direito de fazer a determinação final. Nosso dever consiste em falar com uma consciência pura e dar uma resposta amável e reverente.

Você tem zelo por uma causa digna? Existe alguma coisa boa pela qual você está sendo difamado? Ou a sua rotina é tão inofensiva neste mundo perverso, que se enquadra adequadamente com as coisas que estão se passando, e, por isso, ninguém lhe pergunta coisa alguma?

7

Você Também Terá os Seus Adufes

Meditação sobre todo o Conselho de Deus: Uma defesa hedonista da doutrina

Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí... Ainda serás adornada com os teus adufes e sairás com o coro dos que dançam.

Jeremias 31.3-4

Em minha pregação, enfatizo a doutrina. Uma das razões para eu fazer isso é que o apóstolo Paulo também a enfatizava. Era uma estratégia missionária dele. Quando terminou seu trabalho de implantar a igreja em Éfeso, ele disse: "Eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus" (At 20.26-27). Por isso, aos domingos eu prego doutrina.

Hoje é segunda. O sol está brilhando. O céu está azul como o oceano. A temperatura está na casa dos 20º. O vento sopra suave. O ar está limpo e claro como o cristal. A tulipas estão crescendo. Em

tempos como este, você quer pular de alegria e não estudar doutrina.

Eu também não.

Não estou interessado em uma religião que ofereça qualquer coisa que não seja a plenitude de alegria e delícias perpetuamente (Sl 16.11). Não estou me referindo somente a deleites profundos que surgem nos momentos em que o coração descobre a fidelidade de Deus em uma tragédia. Existem muitas enfermidades cruéis e morte no mundo, para que eu não me refira a elas — até que a maldição seja removida — mas agora não estou falando a respeito dessas coisas.

Também estou me referindo àquilo que os bezerros fazem: "Saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria" (Ml 4.2). Eu gosto muito do sol de abril, do calor em minha pele e da brisa em meu rosto. Aprecio os gritos de alegria de meus pequeninos, quando eles voltam da escola, testando seus pulmões. Gosto muito da afeição desinibida e inconstante dos pré-adolescentes. Amo a exuberância de alguns jovens de minha igreja, demonstrada em dramatizações, por amor a Jesus.

Exuberância!

Esta é uma palavra rara, não é? Penso que aos onze anos já temos perdido tal característica. Tentamos reencontrá-la de muitas maneiras artificiais, mas ela acabou. Crescemos e agora sabemos demais.

Ou será que sabemos pouco? Será que crescemos apenas parcialmente? Saímos da ingênua exuberância da infância para o realismo sombrio da maturidade.

Voltando à doutrina: todo o Conselho de Deus. O que é todo o Conselho de Deus?

É o novo fundamento da exuberância, quando a ingenuidade da infância não é mais oportuna; é um fundamento diferente. O velho fundamento não pode lidar com a realidade, o novo, porém, vê todas as coisas — câncer, armas nucleares, crises ambientais, terrorismo, aborto, cidades arrasadas, casamentos desfeitos, crianças abandonadas, depressão — vê e sente todas elas. Contudo, este fundamento não se destrói, nem desaparece — quer no hospital, quer na cadeia.

Este é todo o conselho de Deus. Se você pretende pular de

alegria em um dia da primavera, lembre-se: ou o fará com os olhos fechados, ou o fará no grande planalto de granito de todo o conselho de Deus, também conhecido como doutrina.

"Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque ______________" (Lc 6.22-23). Sim, o espaço foi preenchido com as palavras "grande é o vosso galardão no céu". Mas, como você chegou a esperar este galardão; como foi ele comprado para você por Cristo; que parte da natureza da fé se apropria deste galardão; qual o conteúdo deste galardão e como você mantém confiança diária na garantia do galardão — tudo isso é doutrina. Sem ela, não pularemos de alegria por muito tempo. E, com certeza, não na cadeia.

8

Morrer é Grande Lucro
Cinco Razões para Isto

Meditação sobre Filipenses 1.21

Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

Para toda pessoa melancólica, que pensa de maneira patológica sobre a morte, existem provavelmente milhões de pessoas que não pensam muito a respeito dela. Quando Moisés contemplou a brevidade da vida, ele orou: “Ensina-nos a contar os nossos dias” (Sl 90.12). É bom pensarmos na morte. Devemos viver bem para que morramos bem. Parte do viver bem inclui o aprendermos por que a morte é lucro.

Nesta meditação, oferecemos cinco razões, mas elas representam apenas um pouco das glórias. Por exemplo, elas não contemplam a grande glória da ressurreição; mas, embora fiquem aquém daquele grande Dia, existe o suficiente para nos deixar sem fôlego e dizer, como Paulo:

Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

1. No momento da morte, os crentes serão aperfeiçoados.

Não haverá mais pecado em nós. Acabaremos com a luta interior e com os desapontamentos de ofender o Senhor, que nos amou e a Si mesmo se entregou por nós.

"Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.22-23).

2. No momento da morte, seremos libertos do sofrimento deste mundo.

Ainda não desfrutaremos da alegria da ressurreição, mas teremos o gozo de ser livres do sofrimento. Jesus contou a história de Lázaro e o rico para mostrar a grande reversão que ocorre na morte: "Então, [o rico] clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos" (Lc 16.24-25).

3. No momento da morte, ganharemos profundo descanso em nossa alma.

Haverá uma serenidade sob o olhar e o cuidado de Deus que ultrapassa qualquer coisa que já conhecemos neste mundo, no mais brando entardecer de verão, ao lado do mais pacífico lago, em nossos momentos mais felizes.

"Vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma

vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo" (Ap 6.9-11).

4. No momento da morte, experimentaremos um profundo senso de estar em casa.

Toda a raça humana, mesmo sem perceber, sente muita falta de Deus. Quando formos ao lar, para viver com Cristo, haverá um contentamento que excede qualquer senso de segurança e paz que conhecemos. "Estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (2 Co 5.8).

5. No momento da morte, estaremos com Cristo.

Cristo é a pessoa mais maravilhosa que qualquer outra na terra. Ele é mais sábio, mais forte e mais amável do que qualquer pessoa com quem nos alegramos em passar tempo. Cristo é sempre interessante. Ele sabe exatamente o que fazer e o que dizer, em cada momento, para tornar os seus amigos tão felizes quanto puderem ser. Cristo transborda amor e infinita percepção a respeito de como usar seu amor para fazer que os seus sintam-se amados. Por isso, Paulo disse: "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (Fp 1.21-23).

Com estas cinco razões para considerarmos a morte como lucro, vimos apenas a superfície da maravilha. Existe mais — muito mais.

9

O Gozo de Saber que Deus é Deus

Deus pode ser impressionado pelo homem?

O esforço humano nunca pode impressionar um Deus onipotente, e a grandeza dos homens jamais pode impressionar um Deus de grandeza infinita. Isto é má notícia para aqueles que competem com Deus, mas boa notícia para aqueles que querem viver pela fé.

O Salmo 147 é uma emocionante declaração de esperança para um povo que desfruta do gozo e certeza de que Deus é Deus. O salmista afirma: "Conta o número das estrelas, chamando-as todas pelo seu nome" (v. 4). Ora, isto é mais do que podemos apreender! "Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir" (Sl 139.6).

A Terra, onde vivemos, é um pequeno planeta que gira em torno de uma estrela chamada Sol, que tem o volume um milhão e trezentas vezes maior do que o da Terra. Existem estrelas milhões de vezes mais luminosas do que o Sol. Existem aproximadamente cem bilhões de estrelas em nossa galáxia, a Via Láctea, que tem cem mil anos-luz de extensão. (Um ano-luz equivale a 299.792.458 km/s.) O Sol viaja

a 249 km/s, e, por isso, seriam necessários, duzentos milhões de anos para que o sol cumprisse apenas uma órbita em volta da Via Láctea. Existem milhões de outras galáxias além da nossa.

Agora, ouça novamente: o Salmo 147 afirma que Deus conta o número de todas as estrelas. Não somente isso, afirma também que Ele as chama pelo nome que lhes deu, tal como se faz a animais de estimação. Você os olha, observa suas características e chama-os por algum nome que se enquadre nas diferenças. Quando cantamos o hino "Let All Things Now Living", de Katherine Davis, eu sorrio com grande satisfação quando chego às palavras:

Ele estabelece a sua lei:
As estrelas, em seus cursos,
O Sol, em sua órbita,
Resplandecem obedientemente.

Sim, eu penso, "obedientemente" é a palavra correta! O sol tem um nome na mente de Deus. Ele chama o sol por seu nome, diz a ele o que fazer e ele obedece. E assim o fazem trilhões de estrelas. (Assim como todos os elétrons, em todas as moléculas dos elementos das estrelas e dos planetas, incluindo os elementos que se encontram nas guelras de um tubarão que vive embaixo das rochas, na costa da ilha de Rhode.)

Ora, o que impressionaria um Deus como este? Salmo 147.10-11 nos mostra com clareza:

Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o Senhor dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia.

Imagine um levantador de peso, nas Olimpíadas, que se orgulha de haver levantado duzentos e vinte e cinco quilos. Ou imagine algum cientista se orgulhando de que descobriu como uma molécula é afetada por outra. Não precisamos ser gênios para saber que Deus não se deixa impressionar por essas coisas.

As boas-novas para aqueles que desfrutam do gozo de saber que Deus é Deus é que Ele tem prazer nessas pessoas. Deus se agrada daqueles que esperam no imensurável poder dEle. Não é uma coincidência literária o fato de que os versículos referentes a outro aspecto da grandeza de Deus (nos versículos 4 e 5), mostram-No cuidando do fraco (vv. 3 e 6):

> *3 sara os de coração quebrantado*
> *e lhes pensa as feridas.*
> *4 Conta o número das estrelas,*
> *chamando-as todas pelo seu nome.*
> *5 Grande é o Senhor nosso e mui poderoso;*
> *o seu entendimento não se pode medir.*
> *6 O SENHOR ampara os humildes*
> *e dá com os ímpios em terra.*

Oh! que prenda a nossa atenção a verdade de que Deus é Deus e trabalha onipotentemente em favor daqueles que esperam nEle (Is 64.4), bem como na sua misericórdia (Sl 147.11) e O amam (Rm 8.28). Ele ama ser Deus para os fracos e desamparados, que O buscam para tudo o que necessitam.

10

O Efeito Cascata da Palavra

Reflexão sobre ler e escrever

Tenho pensado sobre a importância de ler e escrever. Há várias razões por que eu escrevo. O fato de que eu leio é uma das razões que mais me compelem a escrever. Digo-lhes que meu principal sustento espiritual vem do Espírito Santo por meio da leitura. Por conseguinte, ler é mais importante para mim do que comer. Se eu ficasse cego, pagaria a alguém a fim de que lesse para mim. Tentaria aprender braile. Compraria livros gravados em fitas cassetes. Preferiria viver sem comida a viver sem livros. Por isso, escrever parece algo que me dá vida, visto que alimento a minha vida com muito do que leio.

Combine isto com as palavras de Paulo em Efésios 3.3-4: "Segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo". A igreja primitiva foi estabelecida pelos escritos dos apóstolos, bem como pela pregação deles. Deus resolveu enviar sua palavra viva ao mundo por trinta anos, e sua Palavra escrita, por dois mil anos. Pense sobre a

intenção que estava por trás desta resolução divina. As pessoas, em cada geração, seriam dependentes daqueles que lêem. Algumas pessoas, se não todas, teriam de aprender a ler — e ler bem — para serem fiéis a Deus.

Assim tem sido por milhares de anos. Geração após geração tem lido as percepções de seus escritores. Esta é a razão por que novas afirmações de antigas verdades são continuamente necessárias. Sem elas, as pessoas lerão o erro. Daniel Webster disse:

> *Se livros religiosos não circularem amplamente entre as massas, neste país, não sei o que nos tornaremos como nação. Se a verdade não for difundida, o erro o será. Se Deus e sua Palavra não forem conhecidos e recebidos, o diabo e suas obras ganharão ascendência. Se os livros evangélicos não alcançarem cada vilarejo, as páginas de literatura corrupta e licenciosa alcançarão.*[1]

Milhões de pessoas se envolverão em leitura. Se não lerem livros cristãos contemporâneos, lerão livros seculares contemporâneos. Elas lerão. É admirável observar as pessoas em aeroportos. Somente nos aeroportos, em qualquer momento, existem centenas de pessoas lendo. Uma das coisas com a qual nós, crentes, precisamos estar comprometidos, além da leitura, é a atitude de dar livros espirituais àqueles que podem lê-los, mas não os compram.

O efeito cascata é incalculável. Considere esta ilustração:

> *Um livro escrito por Richard Sibbes, um dos mais seletos escritores puritanos, foi lido por Richard Baxter, que foi muito abençoado pelo livro. Depois, Baxter escreveu* Um Apelo ao Não-Convertido, *que influenciou profundamente Philip Doddridge, o qual, por sua vez, escreveu* O Surgimento e o Progresso do Cristianismo na Alma. *Este livro trouxe William Wilberforce, um político e inimigo da escravatura, a re-*

> *flexões sérias sobre a eternidade. Wilberforce escreveu o seu* Guia Prático do Cristianismo*, que incendiou a alma de Leigh Richmond. Este, por sua vez, escreveu* A Filha do Leiteiro*, que trouxe milhares ao Senhor, ajudando, entre outros, Thomas Chalmers, o grande pregador.*[2]

Parece-me que, em uma cultura literária como a nossa, na qual muitos sabem como ler e livros se encontram disponíveis, o mandato bíblico é que você continue a ler aquilo que lhe abrirá, mais e mais, as Escrituras e que continue a orar por escritores saturados com a Bíblia. Existem importantes livros antigos para lermos, mas cada nova geração necessita de seus próprios escritores para tornar a mensagem nova. Leia e ore. Depois, obedeça.

---

1 Reisinger, Ernest. "Every christian a publisher". In: *Free grace broadcaster,* no. 51 (winter 1995), p. 17.

2 Ibid., p. 18.

11

O QUE É UM CRISTÃO?

Meditação sobre 2 Coríntios 5.14-15

> *Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.*

O que significa ser um cristão? Charles Hodge, um dos grandes teólogos reformados do século XIX, achou a resposta neste texto: "É ser constrangido por um senso do amor de nosso divino Senhor, de tal modo que Lhe consagramos nossa vida".[1]

Ser um cristão não significa apenas crer, de coração, que Cristo morreu por nós. Significa "ser constrangido" pelo amor demonstrado nesse ato. A verdade nos pressiona. Ela força e se apropria; impele e controla. A verdade nos cerca, não nos deixando fugir. Ela nos prende em gozo.

Como a verdade faz isso? Paulo disse que o amor de Cristo o constrangia por causa de um julgamento que ele fazia a respeito da

morte: “Julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram”. Paulo se tornou cristão não somente por meio da decisão com base no fato de que Cristo morreu pelos pecadores, mas também por meio do sábio discernimento de que a morte de Cristo foi também a morte de todos aqueles em favor dos quais Ele morreu.

Em outras palavras, tornar-se um cristão é chegar a crer não somente que Cristo morreu por seu povo, mas também que todo o seu povo morreu quando Ele morreu. Tornar-se um cristão é, primeiramente, fazer esta pergunta: estou convencido de que Cristo morreu por mim e de que eu morri nEle? Estou pronto a morrer, a fim de viver no poder do amor dEle e para a demonstração da sua glória. Em segundo lugar, tornar-se um cristão significa responder *sim,* de coração.

O amor de Cristo nos constrange a responder *sim.* Sentimos tanto amor fluindo da morte de Cristo para nós, que descobrimos nossa morte na morte dEle — nossa morte para todas as lealdades rivais. Somos tão dominados (“constrangidos”) pelo amor de Cristo, que o mundo desaparece, como que diante de olhos mortos. O futuro abre um amplo campo de amor.

Um cristão é uma pessoa que vive sob o constrangimento do amor de Cristo. O cristianismo não é meramente crer num conjunto de doutrinas a respeito do amor de Cristo. É uma experiência de ser constrangido por esse amor — passado, presente, futuro.

Entretanto, esse constrangimento surge de um juízo que fazemos sobre a morte de Cristo: “Quando Ele morreu, eu morri”. É um julgamento profundo. “Assim como o pecado de Adão foi, legal e eficazmente, o pecado de toda a raça, assim também a morte de Cristo foi, legal e eficazmente, a morte de seu povo.”[2] Visto que nossa morte já aconteceu, não temos mais condenação (Rm 8.1-3). Isto é a essência do amor de Cristo por nós. Por meio de sua morte imerecida, Cristo morreu nossa morte bem merecida e abriu o seu futuro como o nosso futuro.

Portanto, o juízo que fazemos sobre a sua morte resulta em sermos constrangidos pelo amor dEle. Veja como Charles Hodge expressou isso: “Um cristão é alguém que reconhece a Jesus como o

Cristo, o Filho do Deus vivo, como Deus manifestado em carne, que nos amou e morreu por nossa redenção. É também uma pessoa afetada por um senso do amor deste Deus encarnado, a ponto de ser constrangida a fazer da vontade de Cristo a norma de sua obediência e da glória de Cristo o grande alvo em favor do qual ela vive".[3]

Como não viver por Aquele que morreu nossa morte, para que vivamos por sua vida? Ser um cristão é ser constrangido pelo amor de Cristo.

---

1 Charles Hodge, *Commentary on the Second Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.), p. 133.

2 Idem, p. 136.

3 Idem, p. 133.

12

Tolerando o Ateísmo

Pensamentos sobre a supremacia de Deus em um mundo pluralista

A igreja existe para "propagar a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, para alegria das pessoas". Esta é nossa missão. "Todas as coisas" significa negócio, trabalho, educação, meios de comunicação, esportes, artes, lazer, governo e todos os detalhes de nossa vida. Isto significa que Deus deveria ser reconhecido e crido como supremo por todas as pessoas que Ele criou. A Bíblia, porém, nos ensina que nunca haverá um tempo, antes da volta de Jesus, em que todas as pessoas honrarão a Deus como supremo (2 Ts 1.6-10).

Então, de que maneira expressamos uma paixão pela supremacia de Deus em um mundo pluralista, no qual a maioria das pessoas não reconhece a Deus como parte importante de suas vidas e menos ainda como parte importante do governo, educação, negócios, trabalho, artes, recreação ou entretenimento? Em seguida, apresentamos cinco maneiras:

1. Em todas as ocasiões, mantenha uma convicção de que

Deus está sempre presente e dá a todas as coisas o seu significado mais importante. Ele é o Criador, Sustentador e Governador de todas as coisas. Temos de conservar em mente a verdade de que todas as coisas existem para revelar algo das infinitas perfeições de Deus. O pleno significado de tudo, desde cadarços de sapatos a naves espaciais, é a maneira como essas coisas se relacionam com Deus.

2. Em cada circunstância, confie que Deus usará sua sabedoria administrativa, criativa, sustentadora e seu poder para fazer todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que O amam. Isto é fé na graça futura de que Deus será para nós tudo o que promete ser, em Cristo Jesus.

3. Tome decisões que revelam o supremo valor de Deus acima daquilo que o mundo valoriza supremamente. A graça de Deus é melhor do que a vida (Sl 63.3). Portanto, preferimos a morte à perder a doce comunhão com Deus. Isso mostrará a supremacia dEle acima de tudo o que a vida oferece.

4. Fale às pessoas sobre a suprema dignidade de Deus, de maneiras criativas e persuasivas. Conte às pessoas como podem ser reconciliadas com Deus, por meio de Cristo, para que desfrutem da supremacia de Deus, como proteção e ajuda, em vez de temê-la como juízo.

5. Mostre com clareza que Deus mesmo é o fundamento de seu compromisso com uma ordem democrática pluralista — não porque o pluralismo é o ideal de Deus, e sim porque, em um mundo caído, a coerção legal não produzirá o reino de Deus. Os crentes concordam em tolerar crenças não-cristãs (incluindo crenças naturalistas e materialistas), não porque o comprometimento com a supremacia de Deus é irrelevante, e sim porque tal comprometimento tem de ser espontâneo, pois, do contrário, será indigno. Temos um fundamento teocêntrico para tolerarmos o

ateísmo. "Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim" (Jo 18.36). O fato de que Deus estabelece seu reino por meio do milagre da fé, e não por força de armas de fogo, significa que os crentes não endossarão, nesta época, governos coercivos — cristãos ou seculares.

Esta é a razão por que resistimos à secularização coerciva implícita em leis que reprimem atividades cristãs em lugares públicos. Não resistimos porque almejamos estabelecer o cristianismo como a lei do país. Isto é intrinsecamente impossível, por causa da natureza espiritual do reino. Pelo contrário, resistimos porque a repressão do livre exercício da religião e da persuasão é tão errado contra os crentes quanto contra os secularistas. Cremos que esta tolerância está arraigada na própria natureza do evangelho de Cristo. Em certo sentido, a tolerância é pragmática: liberdade e democracia parecem ser a melhor ordem política que os homens inventaram. Mas, para os crentes, a tolerância não é puramente pragmática. A natureza relacional e espiritual do reino de Deus é o alicerce de nossa aprovação do pluralismo — até que Cristo venha com direitos e autoridade que não temos.

Disseminemos uma paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, não por coerção, e sim por uma convicção constrangedora. Preservemos a forma de governo em que a fé pode falar livremente, não forçada, nem silenciada pela mira de uma arma.

13

Graça para Ajudar em Tempo Apropriado

Meditação sobre Hebreus 4.16

> *Aproximemo-nos, com ousadia, do trono da graça, para que recebamos misericórdia e achemos graça para ajudar em tempo apropriado.*
>
> *(Tradução do autor)*

Você observou que esta tradução é um pouco diferente de outras? A tradução habitual da última sentença é: "Acharmos graça para socorro em ocasião oportuna". E, "graça para ajudar em tempo apropriado" é também uma tradução literal e exata. Não existe contradição entre essas duas traduções. Porém, algumas traduções chamam a atenção à nossa necessidade; nesta, literal, ao tempo de Deus.

Acho que precisamos focalizar na graça do tempo de Deus. Quando temos uma necessidade, nos sentimos bastante inquietos a respeito de quando Deus satisfará tal necessidade. Queremos que Ele o faça agora! Não é natural pensarmos que a graça de Deus será mostrada tanto em seu tempo como em sua forma. Mas Hebreus

4.16 lembra-nos a buscarmos a Deus não somente quanto ao tipo de graça de que necessitamos, mas também quanto ao tempo dessa graça.

Isto pode mudar nossa atitude na oração. O tempo de Deus é freqüentemente estranho, e isso não deveria surpreender-nos, visto que, "para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia" (2 Pe 3.8). Deus pode compactar mil anos de impacto em um dia e levar mil anos para fazer a obra de um dia. No primeiro caso, Ele não fica sobrecarregado, e, no segundo, não se mostra apressado. Como disse o apóstolo Pedro: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada" (2 Pe 3.9).

Portanto, não nos surpreendamos com o fato de que "ajudar em tempo apropriado" seja na perspectiva de Deus algo diferente do que o é na nossa perspectiva, mas a dEle é sempre melhor. É sempre graça para nós. É uma graça que deve sempre receber nossa confiança pelo que ela é e pelo tempo em que nos será dada.

Eu preciso de ajuda. Sempre. Em tudo. Estou simplesmente enganando a mim mesmo, se penso que posso mover-me por alguns centímetros sem a ajuda de Deus. "Pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17.25). Preciso da ajuda de Deus para o bem de minha fé, a qual é fraca. Preciso dela para estimular o meu zelo e para dar-me poder para evangelizar. Preciso desta ajuda para a adoração autêntica. Preciso dela para ter coragem no viver santo. Preciso da ajuda de Deus para a transformação de meus filhos adolescentes em jovens humildes, respeitáveis e centralizados em Deus. Preciso dela para que eu possa ministrar esperança, gozo e ousadia aos nossos missionários e para receber orientação quanto a planejar o futuro. Preciso da ajuda de Deus para milhares de outras exigências, ênfases e agradáveis possibilidades.

Gosto muito de pensar na soberania de Deus em administrar seu tempo. Por exemplo, Daniel afirmou que o Senhor "muda o tempo e as estações" (Dn 2.21). Isto significa que as épocas de bênçãos modestas ou imensas em nossa vida, nosso lar e nossa igreja estão nas mãos de Deus. Ele geralmente determina o tempo de nossas bênçãos, de modo que a sua sabedoria, e não a nossa, seja ressaltada. Deus está mais interessado na paciência da fé do que em nossa

satisfação instantânea. O tempo de Deus pagará os seus dividendos, além do que podemos imaginar. Sempre é "graça para ajudar em tempo apropriado". O tempo e o conteúdo da bênção são graciosos. A fé descansa nos aspectos e no momento da graça de Deus.

Por isso, este convite de Hebreus 4.16 é muito precioso para mim. Preciso de ajuda, mas, não a mereço. No entanto, Deus provê ajuda, porque seu trono é um trono de graça e ajuda imerecida. Em todas estas necessidades, o Senhor tem "graça para ajudar em tempo apropriado". Nosso dever consiste em aproximar-nos dEle com ousadia, achar e receber essa ajuda do trono da graça. Temos razão para crer que Ele nos ouvirá e nos ajudará no tempo apropriado.

Portanto, cheguemos confiantemente junto ao trono da graça e recebamos o que Deus tem para nós — uma graça soberanamente designada e controlada quanto ao tempo para o nosso maior bem.

14

O Lugar do Espírito Santo na Trindade

Fundamento para a adoração

Durante uma série de mensagens com base no livro de Hebreus, alguém perguntou a respeito de meu ponto de vista sobre o Espírito Santo. A razão para isso é que o Espírito Santo não recebe tanta atenção quanto o Pai e o Filho. Este é um assunto difícil, mas tentei esclarecê-lo. Eis o que escrevi em resposta.

Tenho enfatizado (a partir de textos como Hebreus 1.3; Colossenses 1.15; 2.9; Filipenses 2.6; 2 Coríntios 4.4 e João 1.1) que o Filho de Deus é o reflexo do próprio Deus Pai, em sua auto-consciência. Deus tem uma idéia perfeitamente clara e total de suas perfeições. Esta imagem de Deus é tão perfeita e completa, que é, na realidade, a manifestação de Deus, o Filho, uma pessoa com seus próprios direitos.

Portanto, Deus Filho não é criado, nem formado. Ele é co-eterno com o Pai, porque o Pai sempre teve essa perfeita imagem de Si mesmo. O Filho é dependente do Pai, como uma imagem depende do original, mas não é inferior em qualquer atributo divino, porque é uma cópia viva e plena das perfeições do Pai. De fato, isto é um grande

mistério — como uma idéia, um reflexo ou imagem do Pai pode realmente ser uma pessoa, com seus próprios direitos? — e não imagino que sou capaz de tornar o infinito completamente controlável.

Ora, o que dizer sobre o Espírito Santo? Acho proveitoso observar que a mente de Deus, refletida em nossa própria mente, tem duas faculdades: entendimento e vontade (tendo as emoções como os atos mais vívidos da vontade). Em outras palavras, antes da Criação, Deus podia relacionar-se consigo mesmo de duas maneiras: podia conhecer e amar a Si mesmo. Em conhecer a Si mesmo, Deus gerou o Filho, a perfeita, completa e total imagem pessoal dEle mesmo. Em amar a Si mesmo, o Espírito Santo procedeu do Pai e do Filho.

Portanto, o Filho é a eterna imagem que o Pai tem de suas próprias perfeições, e o Espírito Santo é o eterno amor que flui entre o Pai e o Filho, visto que se deleitam Um no Outro.

Como pode este amor ser uma pessoa em seus próprios méritos? As palavras falham, mas não podemos dizer que o amor entre o Pai e o Filho é tão perfeito, tão constante e envolve tão completamente o que o Pai e o Filho são em Si mesmos, que este amor se manifesta como uma Pessoa em seus próprios méritos?

C. S. Lewis tentou apresentar isso usando uma analogia — mas é somente uma analogia:

> *Você sabe que entre os seres humanos, quando se reúnem em família, ou num clube, ou numa sociedade comercial, as pessoas falam sobre o "espírito" daquela família, daquele clube ou daquela sociedade comercial. Elas falam sobre "espírito" porque os membros individuais, quando se reúnem, desenvolvem maneiras particulares de conversarem e se comportarem, maneiras que não teriam, se estivessem sozinhos. É como se uma personalidade coletiva viesse à existência. Na verdade, não é uma pessoa real: é apenas semelhante a uma pessoa. Mas essa é somente uma das diferenças entre Deus e nós. O que resulta da vida conjunta de Deus Pai e Deus Filho é*

> *uma Pessoa real; é, de fato, a Terceira das três Pessoas que são Deus.*[1]

Estes são mistérios profundos. Todavia, para amar e conhecer a Deus, considero proveitoso ter em mente, pelo menos, alguma concepção quando afirmo que existe somente um Deus e de que Ele existe em três Pessoas. É nosso dever e deleite adorar o nosso grande Deus, mas Ele não é honrado mediante adoração ignorante, pois isto seria uma charada. A adoração tem de se fundamentar em algum conhecimento. Do contrário, não é o verdadeiro Deus a quem adoramos.

---

1 Lewis, C. S. *Beyond personality.* New York: Macmillan Co., 1948. p. 21-22.

15

Fontes Transcendentes de Ternura

Meditação sobre Deuteronômio 10.17-19

Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno; que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes. Amai, pois, o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito.

A ternura de Deus para com os humildes está arraigada em sua auto-suficiência transcendente. Isto significa que aqueles que amam enaltecer a grandeza de Deus (o que todos deveriam fazer, de acordo com Salmos 40.16) precisam deleitar-se na ternura para com os humildes. Deus exalta a sua auto-suficiência transcendente por amar o órfão, a viúva e o estrangeiro.

Deus é Deus sobre todos os outros deuses. Ele é o Senhor sobre todos os senhores. Ele é "grande". É "poderoso". É "temível". Com base nesta grandeza, Moisés disse que Deus "não faz acepção de

pessoas, nem aceita suborno". Tudo isso enfatiza a auto-suficiência transcendente de Deus. Ele não aceita suborno, porque não tem motivo para aceitá-lo. Deus já possui todo o dinheiro do universo, e controla o subornador. Ele está acima dos subornos como o sol está acima das velas ou como a beleza está acima dos espelhos.

Moisés também disse que Deus não faz acepção de pessoas. Ou seja, Ele não tenta conquistar o favor de alguém por meio de tratamento especial. Fazer acepção de pessoas é outro tipo de suborno, não com dinheiro, mas com tratamento privilegiado. Deus está acima disso, porque não precisa do favor dos outros. Se Ele quer que algo seja feito, não fica preso a estratégias coercivas. Ele simplesmente o realiza. Fazer acepção de pessoas é o que você faz, quando não pode enfrentar as conseqüências da justiça. Mas Deus não é somente capaz de enfrentar essas conseqüências, Ele é a fonte de toda capacidade de enfrentá-las. Deus não depende de ninguém, além dEle mesmo. Ele é transcendentemente auto-suficiente.

Agora, temos a parte mais preciosa. Com base nessa auto-suficiência transcendente, Moisés disse que Deus "faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes". Visto que Deus não pode ser subornado pelo rico e não tem deficiências a serem remediadas por meio do favoritismo, Ele trabalha em favor daqueles que não se podem dar ao luxo de pagar subornos e que nada têm para atrair a parcialidade dEle — o órfão, a viúva e o estrangeiro. Esta é a razão por que eu disse que a ternura de Deus para com o humilde está arraigada em sua auto-suficiência transcendente.

Em seguida, temos a aplicação no versículo 19: "Amai, pois, o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito". Isto não deve ser feito por sermos transcendentemente auto-suficientes. Deve ser feito por sermos os beneficiários da abundante plenitude transcendente de Deus. Visto que o nosso Deus transcendente age por nós e nos satisfaz consigo mesmo, podemos nos unir a Ele em condescendência. Esta é a razão para crermos que continuaremos a ser beneficiários, se não tentarmos suborná-Lo com nossas obras ou exibir-nos para conquistar a predileção dEle. Se nos reconhecermos como pessoas em condição de desamparo, semelhante à de uma viúva, de

um órfão ou de um estrangeiro, e dependermos da espontânea graça futura de um Salvador auto-suficiente, seremos amados para sempre. E, sendo amados dessa maneira, teremos poder e prazer em amar como somos amados.

Isto é o que está subentendido em Tiago 1.27: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações". Esta é a verdadeira religião, porque flui da auto-suficiência transcendente de Deus, é sustentada pela sua graça e ecoa para a sua glória. Isto não corresponde a fazer o bem socialmente. É uma evidência da abundante provisão de Deus. Que Deus nos torne um povo cheio de ternura, para a glória de sua transcendente auto-suficiência!

16

Diga com Calma: “Suas Opiniões Ultrajantes não se Baseiam na Verdade”.

Meditação sobre Efésios 5.11

E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.

Nossa tarefa, como crentes, não é controlar o governo e a educação. Nossa tarefa é falar a verdade de Deus em cada nível. Se mudamos ou não as pessoas ou as leis, esta não é a nossa responsabilidade. Nossa responsabilidade é falarmos com ousadia e clareza o que Deus falaria.

Não emudeça devido ao comentário de que você não pode impor sua religião ou moralidade aos outros. Você não está impondo; está recomendando-as à consideração séria. Declarar e persuadir não é impor. Recomendar não é coerção. O fato é este: as idéias que as pessoas têm a respeito do que deve ser feito é norteada por algum tipo de compromisso prévio. Os secularistas, assim como os crentes,

têm uma visão de mundo que norteia as suas opiniões. Toda sugestão política está fundamentada em uma visão de como as coisas deveriam ser.

O cristianismo é verdadeiro, por isso ele ecoa (embora fragilmente) em cada coração. Você nunca sabe quando a afirmação pública de suas convicções ressoarão notas de retidão em algum grupo secular. Não fique sobrecarregado com o ter de controlar. Levante-se e fale o que Deus falaria a respeito do assunto. Talvez você se surpreenda com o fato de que outros estavam esperando que alguém o falasse.

Por exemplo, as suas convicções bíblicas são menos defensáveis do que o pronunciamento sem base moral transcrito em seguida?

Recentemente, um serviço particular de aconselhamento em saúde mental, de Minneapolis, publicou um livrete para "dar informação a respeito da variedade de problemas pessoais sobre os quais é difícil falar". Esse livrete foi distribuído aos estudantes de, pelo menos, uma escola de Ensino Médio, como parte do programa de educação sexual. Eis alguns exemplos da "informação" transmitida.

> *Escolher quando, como e com quem fazer sexo é uma parte importante do preparar-se para ser adulto. Escolha parceiros cuidadosamente.*
>
> *A masturbação mútua, com o seu parceiro, é prazerosa e segura.*
>
> *Conversar e encontrar-se com outros homossexuais para ajudá-lo a entender como sua preferência sexual pode ser uma parte importante e saudável de sua vida.*
>
> *Acabe com a gravidez fazendo aborto... No aspecto médico, é melhor fazer um aborto depois da sexta semana e antes da décima segunda semana de gravidez.*

> *O vírus HIV pode ser evitado. Isto pode significar que você tem de fazer algumas mudanças na maneira como faz sexo, mas não significa que tem de parar de fazer sexo.*

Quando você encontra afirmações como essas sendo feitas de forma pública, pode simplesmente levantar-se e, numa voz calma, dizer: "Esta moralidade não tem base na verdade. É a opinião de homens, não de Deus. Portanto, é falsa e prejudicial. A vontade de Deus para a sexualidade humana é a abstinência até ao casamento e a monogamia heterosexual sem adultério. Isso traz justiça, saúde e felicidade ao mundo. Recomendo que o conselho que damos aos nossos adolescentes corresponda à verdade. Obrigado". Então, assente-se.

17

O Toque do Senhor

Meditação sobre 1 Samuel 10.26

> *Também Saul se foi para sua casa, a Gibeá; e foi com ele uma tropa de homens cujo coração Deus tocara.*

Ler estas palavras tem me levado a orar por um novo toque de Deus. Que coisa maravilhosa é ser tocado por Deus, no coração! Não existe nada incomum a respeito da palavra hebraica usada neste versículo; ela significa apenas "tocar", no sentido comum. Deus tocou o coração daqueles homens.

O toque de Deus no coração de alguém é algo impressionante. É impressionante porque o coração é tão precioso para nós — tão profundo, tão íntimo, tão pessoal. Quando o coração é tocado, somos tocados profundamente. Alguém penetrou as camadas protetoras e chegou ao centro. Fomos conhecidos. Fomos descobertos e vistos.

O toque de Deus é impressionante porque Deus é Deus. Pense no que é dito neste versículo! Deus tocou aqueles homens. Não foi a esposa, nem um filho, nem o pai ou a mãe, nem um conselheiro. Foi

Deus quem tocou. Aquele que tem infinito poder no universo. Aquele que tem infinita autoridade, sabedoria, amor, bondade, pureza e justiça. Foi Ele quem tocou o coração daqueles homens.

O toque de Deus é impressionante porque é um toque. É uma conexão verdadeira. O fato de que esse toque envolve o coração é impressionante. O fato de que esse toque envolve a Deus é admirável. E, por ser um toque real é maravilhoso. Os homens valentes não somente ouviram palavras sendo-lhes dirigidas. Não somente receberam uma influência divina. Não foram apenas vistos e conhecidos externamente. Deus, com infinita condescendência, tocou-lhes o coração. Deus estava bem próximo. E os homens não foram consumidos.

Amo esse toque. Desejo-o mais e mais. Desejo-o para mim mesmo e para todos os membros de nossa igreja. Rogo a Deus que toque em mim e em toda a sua igreja, de maneira nova e profunda, para a sua glória. O texto bíblico diz que eles eram uma tropa de homens — "e foi com ele uma tropa de homens cujo coração Deus tocara". A palavra hebraica traz consigo a idéia de força, coragem, substância. Oh! que os santos de Deus sejam valentes para o Senhor — corajosos, fortes e cheios de dignidade, beleza e verdade!

Orem comigo para que tenhamos esse toque. Se vier com fogo, que assim seja! Se vier com água, que assim também seja! Se vier com vento, faze-o vir, ó Deus! Se vier com trovões e relâmpagos, prostremo-nos ante esse toque. Ó Senhor, vem! Aproxima-te bastante, para tocar-nos. Envolve-nos com o amianto da tua graça. Penetra o profundo de nosso coração e toca-o. Queima, encharca, sopra, esmaga. Ou, usa uma voz suave e tranqüila. Não importa a maneira, vem. Vem e toca o nosso coração.

18

Uma Razão Constrangedora para o Treinamento Rigoroso da Mente

Pensamentos sobre a importância da leitura

Recentemente, enquanto lia e meditava sobre a carta aos Hebreus, ocorreu-me, vigorosamente, que uma razão básica e constrangedora para a educação — o treinamento rigoroso da mente — é que uma pessoa pode ler a Bíblia com entendimento.

Esta afirmativa parece óbvia demais para ser útil ou compelidora, mas isto é porque vemos a preciosidade da leitura como algo garantido. Erramos em não apreciar o tipo de pensamento que uma passagem bíblica complexa exige.

A carta aos Hebreus, por exemplo, é um argumento intelectualmente desafiador, fundamentado em textos do Antigo Testamento. As questões que o autor aborda estão ligadas a observações bíblicas que percebemos tão-somente por uma leitura rigorosa, e não por uma leitura rápida e superficial. Entender as interpretações do Antigo Testamento no texto de Hebreus exige esforço mental e meditação árdua.

O mesmo poderia ser dito sobre os extensivos argumentos de Romanos, Gálatas e outros livros da Bíblia.

Este é um argumento convincente para darmos aos nossos filhos um treinamento disciplinado e inflexível a respeito de como pensar os pensamentos de um autor, em determinado texto — especialmente, um texto da Bíblia. Temos de aprender o alfabeto, o vocabulário, a gramática, a sintaxe, os rudimentos da lógica e a maneira como o significado é transmitido por meio da conexão de sentenças e parágrafos.

A razão por que os crentes sempre têm estabelecido escolas onde implantam igrejas é que somos um povo dado à leitura de um livro. É verdade que o livro não terá seus efeitos apropriados sem a oração e o Espírito Santo. A Bíblia não é um livro-texto a ser debatido. É uma fonte que satisfaz a sede espiritual e a fome da alma. É uma revelação de Deus, um poder vivificante, uma espada de dois gumes. Nada disso, porém, muda o fato de que, sem a disciplina da leitura, a Bíblia é tão incapaz como o papel. Talvez alguém tenha de ler a Bíblia para você, mas, o fato é que sem a sua leitura, o seu poder e significado permanecem trancados.

Não é notável que muitas vezes Jesus esclareceu grandes assuntos com uma referência à leitura? Por exemplo, quanto ao assunto do sábado, Ele disse: “Não lestes o que fez Davi...? (Mt 12.3) No que concerne ao divórcio e ao novo casamento, Jesus disse: “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher...?” (Mt 19.4) Sobre a verdadeira adoração e louvor, Ele disse: “Nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?” (Mt 21.16) Quanto à ressurreição, Jesus disse: “Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular?” (Mt 21.42) Ao intérprete da Lei que provou a Jesus inquirindo-O sobre a vida eterna, Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como interpretas?” (Lc 10.26)

O apóstolo Paulo também deu à leitura um importante lugar na vida da igreja. Por exemplo, ele disse aos crentes de Corinto: “Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis; e espero que o compreendereis de todo” (2 Co 1.13).

À igreja de Éfeso, ele disse: "Pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo" (Ef 3.4). À igreja de Colossos, Paulo disse: "E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós" (Cl 4.16). Ler as cartas do apóstolo Paulo era tão importante, que ele o ordenou com uma imprecação: "Conjuro-vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos" (1 Ts 5.27).

A habilidade de ler não é intuitiva. Tem de ser ensinada. E aprender a ler com entendimento é uma tarefa vitalícia. As implicações para os crentes são imensas. A educação da mente na rigorosa disciplina de leitura meditativa é um dos primeiros objetivos da educação. A igreja de Jesus fica debilitada, quando seu povo é seduzido a pensar que é humilde, ou democrático, ou relevante oferecer uma educação prática que não envolve o treinamento rigoroso da mente, para que esta pense com dedicação e interprete o significado de textos difíceis. O assunto de ganhar a vida não é tão importante quanto o de a próxima geração ter acesso direto ao significado da Palavra de Deus.

Precisamos de uma educação que dê o mais elevado valor (depois de o dar ao próprio Deus) ao conhecimento do significado do Livro de Deus e ao desenvolvimento das habilidades que nos trarão as suas riquezas por toda a vida. Seria melhor morrer por falta de alimento do que não assimilar o significado da carta aos Romanos. Senhor, não permita que falhemos para com a próxima geração!

19

Meditação Sobre a Sede na Manhã de Segunda-feira

Ouvindo a Jesus em João 4.14

Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

Ao me ajoelhar naquela manhã de segunda-feira, durante meu devocional, disse: "Ó Senhor, tem misericórdia de mim, pecador! Ajuda-me. Por favor, vem e restaura a minha alma". Em seguida, perguntei calmamente: "Senhor Jesus, o que querias dizer quando falaste: 'Aquele... que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede'? Estou com sede nesta manhã. Ouvi meu colega David Livingston dizendo, ontem à noite, que ele tem sede. Quase todo crente que vem ao meu escritório tem sede. Qual era a tua intenção ao dizer que aqueles que bebessem da tua água não teriam mais sede? Não temos bebido? Esta promessa é vã?"

O Senhor respondeu. Ele me mostrou o resto do versículo, e derramou sobre ele uma luz que nunca vira antes. João 4.14 começa

assim: “Aquele... que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede”. Isso foi o que me levou a clamar: “O que pretendias dizer? Estou tão sedento! Minha igreja está sedenta! Os pastores com quem eu oro estão com sede! Ó Jesus, o que querias dizer?”

Jesus respondeu da única maneira pela qual sei que Ele responde. Abriu-me os olhos para ver o significado do que disse na Bíblia. Eu já havia memorizado esse versículo na manhã do domingo, para a minha própria alma e para um possível uso na oração pastoral. Assim, enquanto eu orava, os elementos da comunicação divina estavam no seu devido lugar. (Oh! que percepção perdemos quando não memorizamos mais das Escrituras!)

Enquanto eu suplicava, a segunda parte do versículo falou por si mesma. Jesus disse: “Pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna”. Com estas palavras, veio a resposta. Não era uma voz audível, e sim, a voz de Jesus, na Palavra iluminada e aplicada pelo Espírito Santo.

A resposta era assim: quando bebem da minha água, a sede de vocês não é aniquilada para sempre. Se isso acontecesse, vocês sentiriam, posteriormente, qualquer necessidade de minha água? Esse não é meu objetivo. Não quero santos auto-suficientes. Quando bebem da minha água, ela se torna uma fonte em vocês. Uma fonte satisfaz a sede, não por remover a necessidade por água, e sim por estar lá, para lhes dar água sempre que têm sede. Vez após vez! Como nesta manhã. Portanto, beba, John. Beba.

Agora, enquanto escrevo, vejo esta verdade preciosa no Salmo 23: “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará”. Apesar disso, clamamos: “Ó Senhor, hoje eu tenho necessidades! Conheço centenas de pessoas que têm necessidades e confiam em Ti como o pastor delas. Qual a tua intenção ao dizer que nada nos faltará?”

Agora, aprendemos uma lição. Primeiramente, clamamos. Depois, lemos: “Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma”. Refrigera-me. Isso significa que as necessidades surgem em minha alma, e, então, o Senhor Jesus as satisfaz. Elas surgem novamente; Ele as satisfaz. A vida é um ritmo de necessidade e suprimento — e, às vezes, um ritmo

de perigo e livramento. "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte...". O vale se tornará (novamente) em verdes pastos, e as águas tranqüilas fluirão (novamente!). Até agora, a fonte está jorrando do interior e o fará para sempre. Por que a fonte, em nosso íntimo, não é nós mesmos; é Deus. "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem" (Jo 7.38-39).

A sede é satisfeita pelo Espírito de Cristo revelando-nos a Si mesmo e as suas promessas, para a satisfação de nossa alma. Mas a sede não é obstruída, para que não percamos o impulso de vir a Ele vez após vez, em busca de tudo o que Deus prometeu ser para nós em Jesus.

Aquele que tem sede venha e continue vindo, até que nossa comunhão seja tão íntima, que não haja qualquer distância entre nós e o Senhor.

20

Jurando para seu Próprio Dano

O que fazer quando se comete um erro caríssimo

> *Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?... o que jura com dano próprio e não se retrata.*
>
> *Salmos 15.1, 4*

Existe uma grande tentação para quebrarmos nossa palavra quando um compromisso ou um contrato resulta em desastre financeiro. Mas, quando o Salmo 15 descreve o tipo de pessoa que "há de morar no... santo monte" de Deus, uma das características dessa pessoa é que ela "jura com dano próprio e não se retrata".

Em outras palavras, tal pessoa faz uma promessa e, mesmo que haja dano em cumpri-la, não volta atrás em seu compromisso. Sua palavra é mais valiosa do que seu dinheiro. A sua integridade é mais preciosa do que sua saúde. Ela mantém a sua palavra, ainda que isso lhe cause danos.

Onde encontramos a força de caráter para fazer isso?

Existe uma história no Antigo Testamento que dá uma resposta.

Encontra-se em 2 Crônicas 25.5-9. Amazias era o rei de Judá. Ele estava sendo ameaçado pelos edomitas. Então, contou, em seu país, os homens que tinham mais de vinte anos e formou um exército de trezentos mil soldados.

Também foi ao reino de Israel e contratou cem mil guerreiros valentes. Ele pagou esses guerreiros com cem talentos de prata (aproximadamente, três mil e quinhentos quilos de prata). Mas isso desagradou ao Senhor, e um homem de Deus veio a Amazias, e disse: "Ó rei, não deixes ir contigo o exército de Israel; porque o Senhor não é com Israel... Deus te faria cair diante do inimigo" (vv. 7-8).

Você pode imaginar o primeiro pensamento de Amazias: "Disse Amazias ao homem de Deus: Que se fará, pois, dos cem talentos de prata que dei às tropas de Israel?" (v. 9) Era uma pergunta razoável. É a pergunta que fazemos quando assumimos um compromisso precipitado que envolve dinheiro e as coisas dão errado. Amazias deveria manter o compromisso financeiro para com os soldados de Israel, quando lhes disse que voltassem para casa? O que ele deveria fazer?

A resposta do homem de Deus foi simples: "Muito mais do que isso pode dar-te o Senhor" (v. 9). Em outras palavras, confia em Deus e honra o teu compromisso. Cumpre a tua palavra, porque o Senhor cuidará de ti, e providenciará que a tua integridade seja recompensada de maneiras que não podes imaginar.

Em um momento como esse, a questão é a nossa confiança em Deus. Confiaremos nEle para agir em nosso favor? Levaremos à sério a promessa de Salmos 37.5 e descansaremos nela: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará". A questão é vivermos pela fé na graça futura da promessa de Deus; e a promessa é de que Ele nos recompensará. Confiaremos em Deus para vir e agir por nós, à sua maneira e no seu tempo?

As promessas humanas não se cumprem porque as pessoas não confiam em Deus. De fato, elas nem mesmo pensam em Deus. Ele não está na equação. O dinheiro e a astúcia estão na equação. As probabilidades fazem parte da equação. E Deus é esquecido. Ele não é tão palpável quanto o dinheiro que podemos perder.

Isso não é o que desejamos ser. Portanto, com a certeza da realidade de Deus e a promessa de sua ajuda, exorto-os a contarem com Ele. Tomem com seriedade a poderosa, relevante, presente e promissora realidade de Deus. Sejam fiéis. Cumpram as promessas que vocês fazem. Honrem seus compromissos. Jurem com dano próprio e não voltem atrás. Deus será por vocês. O sorriso dEle é mais digno do que qualquer ganho proveniente de quebra de promessas. Sejam pessoas de integridade impecável, por causa da glória de Deus. "Ele... é escudo para os que caminham na sinceridade" (Pv 2.7).

21

Sobre Anúncios de Filmes Pornográficos

Uma carta aberta a um anunciante

Prezados Senhores,

Os vossos numerosos anúncios promovendo o filme _______ são prejudiciais à nossa sociedade e um sintoma de ética comercial irresponsável. O *outdoor* em meu bairro retrata uma mulher sem cabeça, deitada e seminua em um monte de dinheiro. Sei que vossa equipe de *designers* é capaz de expressar uma criatividade mais inteligente e mais agradável. Contudo, este anúncio revela somente um objetivo aparente de ganhar dinheiro ao custo da propagação de interesses lascivos. Eis as razões por que esse tipo de indecência é prejudicial:

> *1. Parece que, sem qualquer bom motivo, uni-vos à indústria pornográfica no ensejo de estimular apetites eróticos que, em nossa cultura, não precisam de estímulo adicional, e sim de uma redução espontânea e saudável de tais estímulos.*

2. Tornando as coisas piores, o anúncio mais próximo à minha casa fica de frente a um parque. Isto significa que é visto especialmente pelas crianças que brincam lá. O que pensais que o anúncio transmite a estes pequenos meninos e meninas do lugar em que moramos? Isso os ajuda, de alguma maneira, a relacionarem-se uns com os outros de forma respeitosa e sadia? Ou serve para montar o palco para pensamentos desagradáveis, linguagem rude, atitudes depreciadoras e comportamentos abusivos? Que coisa boa é possivelmente comunicada aos nossos filhos e filhas por meio deste anúncio?

3. Acrescente-se a isso o fato de que existem, em nossa sociedade, crianças que já são disfuncionalmente obcecadas pela nudez, funções fisiológicas e anatomia sexual. Os pais estão lutando para ajudálas a verem que a sexualidade pode ser um gozo saudável, outorgado por Deus, a ser desfrutado no casamento, enquanto elas tentam vencer a excessiva preocupação com o sexo que se degenera em uma vulgaridade repulsiva, destituída de beleza, ternura, respeito, compromisso e amor.

4. O fato de que a mulher seminua em vosso anúncio está sem cabeça é típico da despersonalização sexual das mulheres e do abuso delas como meros corpos a serem explorados para a satisfação dos homens que não querem relacionar-se com uma mulher verdadeira, que pensa e tem convicções morais.

5. O fato de que a mulher no anúncio está deitada sobre dinheiro transmite a idéia de que ela está à venda. Novamente, ela é uma coisa, não uma pessoa. Seu corpo é como um sorvete na época do calor

— você o compra para ter um prazer temporário.

6. Se algum de vós fosse um rapaz inseguro que deseja muito ser forte e admirado por seus colegas másculos — e não tivesse dinheiro para comprar o corpo de uma mulher desesperada — o que faria? Ou seja, que trajetória o anúncio oferece à mente desse rapaz? Esta: "Se existem mulheres que não se importam em ter seu corpo fotografado desta maneira, e se ela não tem cabeça, e se o seu corpo é um prazer que pode ser comprado, e se a sociedade pensa que é normal mostrar esse corpo para estimular meus apetites viscerais todos os dias, então..." Esta sentença será completada com uma dúzia de maneiras destrutivas em nossa sociedade.

7. Passos fáceis e pequenos levam, primeiro, à aprovação de um anúncio com o corpo de uma mulher sedutora, sem cabeça, deitada em uma cama de dinheiro. Depois, levam a dizer que é certo comprar o corpo de uma mulher; e a afirmar que não há nada errado em coagir e forçar uma mulher.

Se não vos importais com nossa vizinhança e com as questões maiores de nossa sociedade, tais como: justiça social, decência pessoal, estabilidade da família e integridade sexual, então, pensai, pelo menos, em vossas filhas. Quereis que vossas filhas sejam consideradas desta maneira? Se não, por que quereis promover esta mentalidade suja em milhares de homens e rapazes da cidade?

Tendes um importante recurso tanto para moldar como para explorar os gostos e padrões de nossa comunidade. Podeis fazer melhor. Esperamos que o façais.

John Piper

22

Vivendo Sobrenaturalmente como Igreja de Cristo

Anecessidade de viver em Deus

O viver cristão é sobrenatural ou não é nada. A igreja é constituída de "pedras que vivem", edificadas como "casa espiritual" (1 Pe 2.5). "Espiritual" é o oposto daquilo que é meramente natural. Significa ser habitado, guiado e capacitado pelo sobrenatural Espírito de Cristo.

Paulo fez distinção entre o "homem natural" e o "homem espiritual" (1 Co 2.14-15). Ele disse que vivem "segundo os homens" aqueles que se comportam como pessoas naturais (1 Co 3.4). Os crentes não são meros homens. Eles são "homens espirituais". Deus habita neles (1 Co 6.19). Os crentes têm uma vida nova, sobrenatural, fluindo através deles. Vivem com um poder que não é deles mesmos.

Não podemos ser a igreja sem esta experiência. O chamado para negarmos a nós mesmos, por causa do amor, retribuirmos o mal com o bem, perdoarmos setenta vezes sete, suportarmos uns aos outros e continuarmos fazendo isso , com alegria por cinqüenta, sessenta ou oitenta anos não é possível ao homem natural. Só é possível sobrenaturalmente.

Para sermos a igreja, temos de viver em Deus. "Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15.5). Precisamos de poder sobrenatural para perseverarmos com paciência no tipo de amor que nos define como igreja de Cristo. Por isso, Paulo rogou que fôssemos "fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria" (Cl 1.11). Precisamos de um poder que corresponde à glória de Deus, para perseverarmos no amor com alegria e paciência, até morrermos.

Assim, temos de procurar viver em Deus. Para sermos a igreja, precisamos experimentar o poder sobrenatural todos os dias. Um dos passos cruciais nesta direção é estarmos plenamente convencidos disto. Precisamos meditar em passagens das Escrituras que enfatizam a realidade sobrenatural da vida cristã, a fim de experimentarmos tal poder. Considere o seguinte.

Toda vida dedicada à piedade sofrerá perseguição e aflição. "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3.12). "Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus" (At 14.22). Como este sofrimento pode ser suportado? Paulo responde: "Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor,... participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus" (2 Tm 1.8). No poder de Deus, e não em nosso poder. O viver cristão é sobrenatural.

A vida cristã não é somente marcada por perseguições e aflições, é também uma vida de trabalho significativo e prazeroso na causa de Cristo. "Sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor" (1 Co 15.58). Onde encontraremos força para perseverarmos e não desanimarmos nesta obra? Novamente, Paulo responde: "Para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Cl 1.29). Labutamos e nos esforçamos, mas o poder que vem de Deus, quando confiamos nEle e buscamos a sua glória. É uma obra sobrenatural.

Faltaria tempo para referir-me a todos os textos em que Paulo fala sobre este assunto. "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13). "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque

Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12-13). "Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder" (Ef 6.10). "Mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo" (2 Co 12.9). "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo" (1 Co 15.10). "Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras" (Rm 15.18).

Uma vez que estivermos convencidos de que o viver cristão normal é sobrenatural, se desejamos ser crentes, dobraremos os joelhos em obediência à ordem de Jesus para orarmos, a fim de sermos fortalecidos.

23

Por que é tão Crucial Ser Direcionado pela Verdade

Amando a Deus por amar a Verdade

Nosso interesse pela verdade é uma expressão inevitável de nosso interesse por Deus. Se Deus existe, Ele é a medida de todas as coisas, e o que Deus pensa é a medida de tudo o que devemos pensar. Não se interessar pela verdade é o mesmo que não se interessar por Deus. Amar a Deus intensamente implica amar a verdade na mesma proporção. Ter a vida centralizada em Deus significa ser direcionado pela verdade no ministério. Aquilo que não é verdadeiro não procede de Deus. O que é falso é contrário a Deus. Indiferença para com a verdade equivale à indiferença para com a mente de Deus. A pretensão é rebeldia contra a realidade, e quem faz a realidade é Deus. Nosso interesse pela verdade é apenas um eco de nosso interesse por Deus.

Biblicamente, a urgência de sermos direcionados pela verdade é vista pelo menos de três maneiras. Primeiramente, Deus é verdade. Toda a Trindade é a verdade. Deus Pai é verdadeiro, e nada pode anular a completa fidelidade e confiabilidade em todas as suas promessas e afirmações. “E daí? Se alguns não creram, a incredulidade

deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma! Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem" (Rm 3.3-4).

Deus Filho, que é a própria imagem do Pai, é verdadeiro. Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Em Apocalipse 19.11, João viu a Jesus glorificado como fiel e verdadeiro: "Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça".

Deus Espírito, que pessoalmente, no seu ministério em nós, vive a vida do Pai e do Filho, é o Espírito da verdade. Jesus disse: "Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim... quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade" (Jo 15.26; 16.13).

Amar a Deus, o Pai, o Filho e o Espírito, significa amar a verdade. Buscá-los é buscar a verdade. Paixão pela vindicação dEles no mundo envolve uma paixão pela verdade. Não há qualquer separação entre Deus e a verdade. A expressão "Deus é" precede "Deus é amor"; e "Deus é" tem um conteúdo e significado. Deus é uma coisa e não outra coisa. Ele tem caráter. Sua natureza possui características que O definem. O interesse pelo verdadeiro Deus, que não é criado à nossa imagem, é o fundamento de uma vida direcionada pela verdade.

A segunda maneira em que podemos perceber a urgência bíblica de sermos direcionados pela verdade é a terrível advertência de que não amar a verdade equivale a suicídio eterno. Paulo falou sobre um iníquo que, no final dos tempos, virá "com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos" (2 Ts 2.9-10). Amar a verdade é uma questão de perecer ou ser salvo. Indiferença para com a verdade é a característica peculiar da morte espiritual.

Paulo foi mais além, contrastando o crer na verdade com o ter prazer na impiedade — "A fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça" (2 Ts 2.12). Isto mostra que o crer na verdade envolve as

afeições, visto que a sua alternativa é "deleitar-se" em outra coisa. Isto também mostra que a verdade é moral e não apenas cognitiva, pois a sua alternativa é a impiedade e não apenas a falsidade. O convincente impacto desta passagem bíblica é que amar a verdade — crer na verdade com todo o coração — é uma questão de vida ou morte eterna.

A terceira razão por que digo que ser dirigido pela verdade é tão urgente se encontra no fato de que o Novo Testamento retrata o viver cristão como o fruto do conhecer a verdade. Por exemplo, quando Paulo disse: "Não sabeis?", como uma repreensão ou um incentivo, em relação a algum comportamento, estava mostrando que o verdadeiro conhecimento mudaria o comportamento. "Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não" (1 Co 6.15). Isto significa que conhecer a verdade a respeito do corpo redimido de um crente é uma poderosa fonte de castidade.

"Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne... Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Co 6.16, 19). Não conhecer a verdade é uma grande causa de irreverência e imoralidade. A verdade é uma fonte de viver cristão santo. Você conhece a verdade, e a verdade o torna livre — do pecado para Deus.

Amar a verdade é uma marca de uma visão de mundo centralizada em Deus; é obediência ao primeiro e grande mandamento.

24

A Dolorosa Lição de Aprender a Ter Gozo

Não existe servir como este

Servir a Deus não é o mesmo que servir a qualquer outra pessoa. Deus é extremamente zeloso de que entendamos e gozemos isso. Por exemplo, Ele nos manda: "Servi ao Senhor com alegria" (Sl 100.2). Existe uma razão para essa alegria. A razão é apresentada em Atos 17.25: "[Deus não] é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais". Servimos a Deus com alegria porque não carregamos o fardo de satisfazer as necessidades dEle. Pelo contrário, nos regozijamos em um serviço no qual Ele satisfaz nossas necessidades.

O salmista compara este servir com a dependência de um servo para com o seu gracioso senhor: "Como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores, e os olhos da serva, na mão de sua senhora, assim os nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus, até que se compadeça de nós" (Sl 123.2). Servir a Deus sempre implica receber graça de Deus.

Em 2 Crônicas 12, encontramos uma história que revela quão

zeloso Deus se mostra em que recebamos graça e nos gloriemos nela. Roboão, o filho de Salomão, que governava no reino do Sul, depois da revolta das dez tribos, “deixou a lei do Senhor” (v. 1). Escolheu não servir ao Senhor e prestar serviço a outros deuses e a outros reinos. Como julgamento, Deus enviou a Sisaque, rei do Egito, contra Roboão, com mil e duzentos carros e sessenta mil cavaleiros (v. 3).

Em sua misericórdia, Deus enviou o profeta Semaías com esta mensagem: “Assim diz o Senhor: Vós me deixastes a mim, pelo que eu também vos deixei em poder de Sisaque” (v. 5). O resultado feliz desta mensagem foi que Roboão e seus príncipes se humilharam, em arrependimento, e disseram: “O Senhor é justo” (v. 6).

Quando viu que eles se humilharam, o Senhor disse: “Humilharam-se, não os destruirei; antes, em breve lhes darei socorro, para que o meu furor não se derrame sobre Jerusalém, por intermédio de Sisaque” (v. 7). E, como disciplina para eles, o Senhor acrescentou: “Serão seus servos, para que conheçam a diferença entre a minha servidão e a servidão dos reinos da terra” (v. 8).

E assim aconteceu. Deus é zeloso de que conheçamos a diferença entre o servir a Ele e o servir a qualquer outra pessoa. A lição que Roboão e seus príncipes tiveram de aprender foi a de que servir a Deus é uma realização alegre ou, como Jesus disse, um fardo leve e um jugo suave (Mt 11.30). Disto podemos aprender, como afirmou Jeremy Taylor, que Deus ameaça coisas terríveis, se não queremos ser felizes. Foi isso que Moisés disse em Deuteronômio 28.47-48: “Porquanto não serviste ao Senhor, teu Deus, com alegria e bondade de coração... servirás aos inimigos que o Senhor enviará contra ti”.

A verdade é clara: servir a Deus é receber, é ser abençoado, é ter gozo e benefício. Essa é a razão por que sou tão zeloso em dizer que, em nossa igreja, a adoração aos domingos e a adoração por meio da obediência diária não são um dar para Deus, e sim um receber de Deus.

Acautele-se de servir a Deus de um modo que O torna parecido com os deuses das nações. Que todo o nosso servir seja realizado na força que Ele supre (1 Pe 4.11).

25

Orando por Aquilo que não Pode Falhar

Ponderando as promessas que fundamentam as orações

O cinismo diz: "Se uma coisa com certeza acontecerá, por que devemos orar por ela?" Os crentes dizem: "Ore com alegria, porque Deus prometeu e não falhará". Por exemplo, é absolutamente certo que o reino de Deus virá. O apóstolo João viu o reino como algo virtualmente consumado: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15). Apesar disso, somos exortados a orar: "Venha o teu reino" (Mt 6.10).

Considere outro exemplo: Jesus prometeu, com plena certeza, que "será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim" (Mt 24.14). Em outras palavras, a Grande Comissão será terminada. Não há dúvida. Mas Jesus nos mandou fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.19) e rogar "ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Mt 9.38).

Isto significa que Deus indica a oração como o meio de terminar a missão que Ele mesmo prometeu, com certeza, levar ao término.

Portanto, oramos não porque o resultado é incerto, e sim porque Deus prometeu e não pode falhar. Nossas orações são os meios pelos quais Deus determinou fazer o que, com toda a certeza, fará — terminar a Grande Comissão e estabelecer seu reino.

Aqueles que oram pela vinda do reino receberão o reino, mas aqueles que não amam o reino e a manifestação do Senhor provavelmente não se importarão em orar por isso. As palavras de Paulo em 2 Timóteo 4.8 são uma certeza do futuro: "Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda". Não amar a vinda do Senhor (ou seja, não orar intensamente: "Venha o teu reino") significa que alguns não receberão a coroa da justiça.

Jesus provavelmente falou aramaico durante a maior parte de seu ministério. *Maranata* foi uma das poucas palavras aramaicas preservada pela igreja primitiva, a qual falava a língua grega. Ela provavelmente significa "Nosso Senhor, vem!". Não havia dúvida de que Ele viria. O Senhor prometeu que viria ("voltarei" — Jo 14.3). O tempo de sua vinda foi estabelecido pelo Pai, no céu: "A respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Mc 13.32). No entanto, a igreja primitiva orava: "Maranata!" Esta é a maneira como ora aquele que ama a Jesus: "Se alguém não ama o Senhor, seja anátema. Maranata!" (1 Co 16.22.)

Oremos, então, da maneira como o apóstolo nos ensinou a orar por aquilo que não pode falhar. Não permaneçamos inertes, observando as coisas como os céticos e fatalistas. Oremos, de todo o coração, como Paulo disse, "para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada" (2 Ts 3.1). A promessa é que a Palavra não voltará vazia, mas fará aquilo para o que Deus a designou (Is 55.11). Portanto, roguemos a Deus que esta poderosa palavra corra e triunfe.

Será deixado de fora, aquele que diz: "Orar é insignificante, porque a promessa é certa". Tais soldados não terão parte nos despojos da vitória, visto que não compartilharam da batalha. Oremos e triunfemos com Ele, na batalha que não pode falhar.

26

Quando a Nudez é Inconveniente

Pensamentos sobre o negociar o uso do sexo

Jonathan Edwards disse que crentes piedosos podem sentir a perversidade de um ato, antes de poderem explicar por que esse ato é um mal. Existe um senso espiritual de que algo é errado; de que não é conveniente em um mundo permeado com Deus. Efésios 5.3 declara que algumas coisas são inconvenientes aos santos. Conveniência nem sempre é fácil de justificar com argumentos. Você pode discernir coisas convenientes, antes de poder defendê-las; e isso é bom, porque temos de fazer centenas de escolhas todos os dias e contamos com pouco tempo para reflexão demorada.

De tempos em tempos, precisamos parar e apresentar uma explicação racional e bíblica para a inconveniência de alguma coisa. Há alguns anos, cheguei a esse ponto quando, semana após semana, um jornal trazia, em sua segunda página, a foto de uma mulher escassamente vestida, num anúncio de roupas íntimas. Escrevi uma carta aos editores apresentando nove razões por que eles deviam parar de usar esse tipo de publicidade. Talvez minhas reflexões ajudarão o leitor a lidar com as centenas de abusos do excelente

dom da sexualidade, para a nossa cultura. Eis o que escrevi:

> *Sou assinante deste jornal há quatorze anos, e estou escrevendo para expressar a convicção de que os anúncios sexualmente explícitos, que sempre aparecem no primeiro caderno do jornal, são crescentemente ofensivos e socialmente irresponsáveis. A eficácia de atrair a atenção das pessoas, usando a foto de uma mulher com roupas íntimas não justifica os anúncios. Os efeitos perniciosos do uso errado e mercenário do corpo feminino não são insignificantes. Os danos que tenho em mente são descritos nas seguintes convicções.*
>
> *1. Esta mulher não poderia andar em público vestida dessa maneira sem ficar envergonhada ou ser mentalmente corrompida. Entretanto, vocês a expuseram até aos olhos daqueles que, dentre nós, sentem vergonha por ela.*
>
> *2. Este retrato de uma mulher vestida com roupas íntimas, sentada à mesa com uma xícara de chá, leva os homens a pensarem nas mulheres não como pessoas, mas principalmente nos corpos delas. Estimula os rapazes a pensarem demoradamente sobre o corpo despido de mulheres e, deste modo, inutiliza a capacidade dos rapazes em lidarem com as mulheres como pessoas dignas. Eu tenho quatro filhos.*
>
> *3. O anúncio estimula um desejo sexual que, em milhares de homens, não tem satisfação legítima ou saudável no casamento. Em outras palavras, o anúncio alimenta uma luxúria corporativa e comunitária que não produz qualquer bom fruto fora do casamento e sim, de fato, muitos males.*

4. O anúncio cauteriza as sensibilidades, de modo que mais e mais ofensas contra o bom senso parecem aceitáveis, e isso significa o colapso de preciosos e delicados aspectos da personalidade e dos relacionamentos.

5. O anúncio faz que milhares de mulheres avaliem subconscientemente sua atratividade e valor pelo padrão de modelos incomuns e fora da realidade, levando-as a uma preocupação doentia e desestimulante com a aparência externa.

6. O anúncio alimenta as fantasias impuras de homens comuns, alojando uma imagem sexual em sua mente durante todo o dia, e isso pode lhes roubar a habilidade de pensarem nas coisas mais importantes e mais nobres.

7. O anúncio justifica a inclinação masculina de mentalmente despir as mulheres, por lembrar aos homens o que veriam se as despissem, e sugere que existem mulheres que desejam estar assim despidas publicamente. Este lembrete e sugestão apóia hábitos e estereótipos que enfraquecem a virtude pessoal e prejudicam relacionamentos decentes.

8. O anúncio encoraja as moças a pôr excessiva ênfase em seu corpo e na maneira como serão vistas, aumentando a epidemia de depressão e desordens relacionadas aos hábitos alimentares.

9. O anúncio contribui para insatisfação de homens cuja esposa não pode ter esse corpo e, deste modo, aumenta a instabilidade de casamentos e nos lares.

Imagino que este tipo de publicidade significa um bom investimento para a página 2 e muita atenção para as lojas de departamentos; mas, por favor, saibam, pelo menos, que tal contribuição aos padrões de conveniência nas publicações de vocês é uma parte na trágica perda da modéstia e decência, que, por enquanto, pode parecer uma liberdade madura, mas, nas gerações futuras, trará um redemoinho de miséria para todos nós.

Se vocês apreciam o dom da sexualidade, o qual foi dado por Deus, tomem uma postura firme em tratá-la como pedra preciosa, e não como um pedregulho qualquer. Guardem-na no cofre aveludado do compromisso inflexível. Não a joguem na rua ou na imprensa.

John Piper

27

Uma Paixão por Santidade

O segredo da eficácia duradoura na vida de John Owen

Através dos anos, tenho ouvido líderes evangélicos como J. I. Packer, Roger Nicole e Sinclair Ferguson dizerem que John Owen foi o escritor mais influente na vida deles (depois dos escritores bíblicos). Isto é suficiente para motivar alguém a ir à biblioteca para descobrir quem era John Owen e o que o fazia agir daquela maneira.

John Owen nasceu em 1616. Provavelmente, ele foi o maior pastor-teólogo entre os puritanos, na Inglaterra. Como diria J. I. Packer, John Owen foi o maior entre os gigantes puritanos.[1] Os vinte e quatro volumes escritos por Owen (incluindo sua teologia bíblica) ainda são impressos, moldando e alimentando os pastores de nossos dias (como eu mesmo).

Ele era um homem de incrível atividade — política (como capelão de Oliver Cromwell e orador freqüente no Parlamento), denominacional (como o homem de referência para todas as controvérsias entre os puritanos congregacionais e puritanos presbiterianos), teológica (como o principal defensor da verdade calvinista), acadêmica

(como deão e vice-chanceler na Universidade de Oxford), pastoral (servindo às igrejas em e ao redor de Londres, quase durante toda a sua vida adulta, mesmo quando os cultos eram ilegais) e pessoal (com uma família de onze filhos, dez dos quais morreram enquanto eram jovens, seguidos pela décima primeira quando era adulta).

O que me admira neste homem é o fato de que, em meio a todas estas atividades e tragédias, a paixão de Owen não era o desempenho público, e sim a santidade pessoal. Ele escreveu: "O desejo de meu coração para com Deus é o principal objetivo de minha vida... são que... a santidade universal seja promovida em meu próprio coração, bem como no coração e no viver de outros".[2]

Preciso de heróis como este. Não muitos dos líderes de nossos dias estabelecem os alvos de sua vida em termos de santidade. Mais e mais líderes confessam abertamente que a santidade pessoal não tem qualquer importância para o desempenho público deles. Por exemplo, um dos presidentes dos Estados Unidos declarou com bastante clareza que não considera a sua pureza pessoal como um fator importante em sua liderança da nação. Semelhantemente, lemos sobre um líder britânico que manteve por muito tempo um caso extra-conjugal. Assim, em ambos os lados do Atlântico, nossos políticos dizem com sua vida: a santidade pessoal é relativamente insignificante — o desempenho público e a pureza pessoal não estão relacionadas entre si.

Esse não era o caso de John Owen. A maravilha, o poder e a beleza de sua vida pública era a constância de sua comunhão pessoal com Deus, em pureza e regozijo. Um de seus biógrafos descreveu a vida pública de Owen deste modo: "Em meio à confusão da controvérsia teológica, às envolventes e desconcertantes atividades de uma posição pública elevada e ao desânimo indiferente de uma universidade, ele vivia perto de Deus e, como Jacó em meio às pedras do deserto, mantinha comunhão secreta com o Eterno e Invisível".[3]

Em suas próprias palavras, ele revelou o segredo de sua santidade pessoal em meio a todas as pressões e sofrimentos da vida: "Que melhor preparação pode haver [para nosso futuro desfrute da glória

de Cristo] do que estar em constante contemplação prévia daquela glória, na revelação feita no Evangelho”.[4]

Esta é a chave para a pureza e santidade, a chave para a eficácia permanente, em toda a vida: constante contemplação da glória de Cristo.

---

1 “(California redwoods make me think of England’s Puritans, another breed of giants.) Os ‘gigantes’ da Califórnia me fazem pensar nos puritanos da Inglaterra, outra raça de gigantes.” PACKER, James I. *A quest for godliness: the puritan (view) vision of the christian life*. Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1990. p. 11.

2 Citado em TOON, Peter. *God’s statesman: the life and work of John Owen*. Exeter, Devon: Paternoster Press, 1971. p. 55.

3 THOMSON, A. *Life of Dr. Owen*. In: *The works of John Owen.* v. 1. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965. p. lxiv – lxv.

4 OWEN, John. *The glory of Christ*. In: THOMSON, A. *The works of John Owen.* v. 1. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965. p. 275.

28

O Amor de Deus Passado e Presente

Meditação sobre Romanos 5.8

> *Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.*

Observe neste versículo que o verbo "provar" está no tempo presente e "morrer", no tempo passado. "Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores." O tempo presente implica que esse *provar* é um ato contínuo: acontece no presente de hoje e acontecerá no presente de amanhã, que chamamos de futuro.

O tempo passado, "ter... morrido", implica que a morte de Cristo aconteceu de uma vez por todas e não será repetida. "Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus" (1 Pe 3.18).

Por que o apóstolo Paulo usou o tempo presente ("Deus prova")? Eu esperava que Paulo dissesse: "Deus provou o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda

pecadores". A morte de Cristo não foi uma demonstração do amor de Deus? Essa demonstração não aconteceu no passado? Então, por que Paulo disse: "Deus prova", em vez de: "Deus provou"?

Penso que a chave deste mistério é dada em alguns versículos anteriores. Paulo acabara de falar que "a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde" (vv. 3-5). Em outras palavras, o alvo de tudo aquilo pelo que Deus nos faz passar é a esperança. Deus quer que sintamos esperança inabalável em todas as tribulações.

Como podemos fazer isso? Por definição, as tribulações são contrárias à esperança. Se as tribulações proporcionassem esperança, em si mesmas, não seriam tribulações. Qual o segredo por trás de crescermos realmente em esperança ao passarmos por tribulações?

A resposta de Paulo se encontra na linha seguinte: "Porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (v. 5). O amor de Deus foi derramado em nosso coração. O tempo deste verbo significa que o amor de Deus foi derramado em nosso coração no passado (em nossa conversão) e ainda está presente e ativo.

Portanto, o argumento de Paulo é que a certeza outorgada pelo Espírito e o gozo do amor de Deus constituem o segredo para crescermos em esperança por meio da tribulação. A tribulação produz perseverança, experiência e esperança que não se envergonha porque, em cada etapa de nossa peregrinação, o Espírito Santo está nos assegurando do amor de Deus em e através de toda a tribulação.

Agora podemos observar por que Paulo usou o tempo presente no versículo 8 — "Deus prova o seu próprio amor para conosco". Esta é a própria obra do Espírito Santo mencionada no versículo 5: Deus Espírito Santo está derramando e espalhando em nosso coração o amor de Deus.

Deus demonstrou seu amor por nós dando seu próprio Filho para morrer, de uma vez por todas, no passado, em favor dos nossos pecados (v. 8). Mas Ele também sabe que este amor passado tem de ser experimentado como uma realidade do presente (hoje e amanhã), se queremos ter paciência, caráter e esperança. Por isso, Deus não

somente demonstrou o seu amor no Calvário, mas também continua a demonstrá-lo agora por intermédio do Espírito Santo. Deus faz isso abrindo os olhos de nosso coração para que vejamos a glória da cruz e a garantia que ela dá de que nada nos pode separar do amor de Deus em Cristo Jesus (Rm 8.39).

29

Buscando Pessoas Interessadas por Deus

Reflexão sobre o sermos cooperadores com Deus

Em seu pequeno livro *O Plano Mestre de Discipulado,* Robert Coleman mostra algo surpreendente. No livro de Atos dos Apóstolos, a estratégia de evangelismo parece centralizar-se principalmente em pessoas que Deus preparou, de alguma maneira, para serem receptivas. Deus é o grande evangelista. É Aquele que prepara e convence. Ele vivifica pecadores (Ef 2.5), abre os corações (At 16.14), atrai (Jo 6.44), dá poder ao evangelho (2 Ts 3.1) e chama os perdidos (1 Co 1.24). Então, não devemos ficar surpresos com o fato de que nossa parte no evangelismo consiste em nos unirmos a Deus, como cooperadores, naquilo que Ele está fazendo. O livro de Atos dos Apóstolos aponta nesta direção.

Por exemplo:

* O derramamento do Espírito, no Dia de Pentecostes, semeou o evangelho em alguns judeus espiritualmente sensíveis que vieram de, pelo menos, quinze países diferentes, para adorar o Deus do Antigo Testamento.

* A próxima grande colheita ocorreu em Samaria (At 8.4-25), onde Jesus havia lançado anteriormente um alicerce por meio de seu testemunho pessoal (Jo 4.4-42).

* O Espírito Santo enviou Filipe ao encontro de um eunuco etíope que lia as Escrituras, no rolo de Isaías, e ficou em dúvida sobre a pessoa a quem se referia o capítulo 53 (At 8.26-39).

* A ruptura evangelística da inimizade com os gentios que viviam fora de Jerusalém aconteceu por meio de Cornélio, que temia a Deus, dava esmolas, fazia orações e teve uma visão de um anjo de Deus (At 10).

* Quando Paulo iniciou sua carreira missionária, seguiu o padrão de ir primeiramente à sinagoga, à procura de alguns judeus receptivos ou gentios que temiam a Deus (At 13.5, 14, 42-43; 14.1; 17.1-2, 10, 17; 18.4, 7, 19, 26; 19.8).

* Em sua segunda viagem missionária, o plano de Paulo foi impedido duas vezes pelo Senhor. O Espírito Santo o proibiu (por um momento) de pregar a Palavra na Ásia (At 16.6), e o Espírito de Jesus não lhe permitiu que fosse a Bitínia (At 16.7). Em vez disso, Paulo teve uma visão em que um homem dizia: "Passa à Macedônia e ajuda-nos" (At 16.9). O foco novamente eram os espiritualmente receptivos.

* Em Filipos, não havia sinagoga. Por isso, Paulo achou um lugar, fora da cidade, em que mulheres oravam e se reuniu com elas. Uma das mulheres foi convertida (At 16.12-14).

É claro que houve ocasiões em que Paulo simplesmente "dissertava... na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali" (At 17.17). Contudo, parece haver indícios de um padrão que nos encoraja, em nosso próprio evangelismo, como disse Coleman, "a procurar aqueles que se movem em direção a Cristo. A vida é muito curta para gastarmos tempo e energia excessivos com pessoas indiferentes".[1]

Para mim, parece correto não ignorarmos os espiritualmente insensíveis, e sim focalizarmos principalmente naqueles que dão sinais de estarem andando às apalpadelas em direção a Deus. É verdade que o propósito de Deus em missões mundiais exige que vamos a todos os povos, incluindo os mais resistentes, visto que eles têm de fazer parte do glorioso mosaico de todas as nações que estarão representadas no céu (Ap 5.9; 7.9). No entanto, como disse Coleman: "Mesmo quando penetramos os povos não-alcançados, devemos aplicar esse princípio. Ministrar a grandes comunidades revelará aqueles que são sensíveis à mensagem de Cristo. Essas pessoas podem receber mais cultivo e ensino".[2]

Afirmando de outra maneira, somos colaboradores do Espírito Santo; por isso, devemos estar atentos àqueles que, pela graça de Deus, estão começando a ser despertados. Procuremos aqueles que estão interessados por Deus e concentremos energia em doutriná-los. Sem dúvida, Coleman estava certo quando disse: "Creio que algumas dessas pessoas estão no âmbito de influência de todo crente".[3]

---

1 COLEMAN, Robert. *The master plan of discipleship.* Old Tappan, NewJersey: Fleming H. Revell Co., 1987. p. 55.

2 Ibid., p. 57.

3 Ibid., p. 56.

30

Resoluções Sobre o Envelhecer com Deus

Desfrutando da fé exercida por um salmista velho
Reflexões sobre Salmos 71

Não quero ser um velho rabugento. Deus anuncia coisas terríveis para aqueles que murmuram (Sl 106.25-26). A murmuração desonra o Deus que promete fazer com que todas as coisas cooperem para o nosso bem (Rm 8.28). O queixume abafa a luz de nosso testemunho cristão (Fp 2.14-15). Um espírito crítico e ansioso esgota a paz e a alegria. Esta não é a maneira como que desejo envelhecer.

Desejo ser como o ancião de Salmos 71. Sabemos que ele estava envelhecendo, porque orou: "Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs" (v. 18); e: "Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares" (v. 9).

Ao considerar a maneira como este homem se aproximou da velhice, formulei algumas resoluções:

1. Recordarei, com admiração e gratidão, as milhares de vezes

em que confiei em Deus, desde a minha mocidade.

> *Pois tu és a minha esperança, SENHOR Deus, a minha confiança desde a minha mocidade (v. 5).*
> *Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas maravilhas (v. 17).*

2. Eu me refugiarei em Deus, em vez de me ofender por causa de meus problemas.

> *Em ti, SENHOR, me refugio (v. 1).*

3. Falarei com Deus cada vez mais (e não cada vez menos) sobre toda a sua grandeza, até que não haja, em meus lábios, lugar para a murmuração.

> *Tu és motivo para os meus louvores constantemente (v. 6).*
> *Quanto a mim... te louvarei mais e mais (v. 14).*

4. Esperarei (resolutamente) e não cederei ao desespero, mesmo no lar de idosos e mesmo se viver mais do que todos os meus amigos.

> *Quanto a mim, esperarei sempre (v. 14).*

5. Encontrarei pessoas para falar-lhes sobre os maravilhosos atos da salvação de Deus e nunca acabarei, porque esses atos são inumeráveis.

> *A minha boca relatará a tua justiça e de contínuo os feitos da tua salvação, ainda que eu não saiba o seu número (v. 15).*

6. Ficarei atento aos jovens e lhes falarei sobre o poder de Deus. Eu lhes direi que Deus é forte e podemos confiar nEle, quer na juventude, quer na velhice.

Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força (v. 18).

7. Recordarei que em Deus existem coisas que estão além de minha imaginação e que em breve eu as conhecerei.

Ora, a tua justiça, ó Deus, se eleva até aos céus (v. 19).

8. Considerarei todo meu sofrimento e aflição como um dom de Deus e um caminho para a glória.

Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida (v. 20).

9. Resistirei aos estereótipos de pessoas velhas, brincarei, cantarei e exultarei (quer pareça conveniente, quer não).

Eu também te louvo com a lira, celebro a tua verdade, ó meu Deus; cantar-te-ei salmos na harpa, ó Santo de Israel (v. 22).
Os meus lábios exultarão quando eu te salmodiar (v. 23).

Convido-o a juntar-se a mim nestas resoluções e a depositar sua esperança na preciosa promessa de Deus às pessoas de idade: “Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei” (Is 46.4).

31

ORAÇÃO E PREDESTINAÇÃO

Um diálogo entre aquele que ora e aquele que não ora

Aquele que não ora: Entendo que você crê na providência de Deus. Estou certo?

Aquele que ora: Sim.

Aquele que não ora: Isso significa que você crê, como declara o Catecismo de Heidelberg, que nada acontece por acaso, mas tão-somente pelo desígnio e plano de Deus?

Aquele que ora: Sim, creio que a Bíblia ensina isso. Jó orou: "Nenhum dos teus planos pode ser frustrado" (Jó 42.2). Existem vários textos como este.

Aquele que não ora: Então, por que você ora?

Aquele que ora: Não vejo o problema. Por que não devemos orar?

Aquele que não ora: Bem, se Deus ordena e controla tudo, o que Ele planejou no passado acontecerá, certo?

Aquele que ora: Sim.

Aquele que não ora: Logo, isso acontecerá, quer você ore, quer não. Correto?

Aquele que ora: Depende de haver Deus determinado que isso aconteça em reposta à oração. Se Deus predestinou que algo aconteça em resposta à oração, isso não acontecerá sem oração.

Aquele que não ora: Espere um minuto, isto é confuso. Você está dizendo que toda resposta à oração é predeterminada?

Aquele que ora: Sim, é. É predeterminada como resposta à oração.

Aquele que não ora: Isto significa que, se a oração não for apresentada a Deus, a resposta deixará de acontecer?

Aquele que ora: Isso é correto.

Aquele que não ora: Assim, o acontecimento é contingente à nossa oração para que se realize?

Aquele que ora: Sim. Entendo que, por contingente, você está dizendo que oração é o verdadeiro motivo por que a resposta acontece e que sem a oração a resposta não aconteceria.

Aquele que não ora: Sim, é isso que estou dizendo. Mas, como pode uma resposta ser contingente à minha oração e ainda estar eternamente determinada e predestinada por Deus?

Aquele que ora: Porque a sua oração é tão predeterminada como a resposta.

Aquele que não ora: Explique.

Aquele que ora: Não é complicado. Deus ordenou providencialmente todos os acontecimentos. Ele nunca ordena um acontecimento sem uma causa. A causa é também um acontecimento. Por isso, a causa é ordenada de antemão. Conseqüentemente, você não pode dizer que o acontecimento se realizará, se a causa não acontecer, porque Deus ordenou as coisas de modo contrário. O acontecimento se realiza, se a causa acontece.

Aquele que não ora: Você está dizendo que respostas à oração são sempre ordenadas como efeitos da oração, que é uma das causas, e que Deus predestinou a resposta somente como um efeito da causa.

Aquele que ora: Isso está correto. Visto que tanto a causa como o efeito são ambos ordenados ao mesmo tempo, você não pode dizer que o efeito acontecerá, ainda que não haja a causa, porque Deus não ordena efeitos sem causas.

Aquele que não ora: Pode me dar alguns exemplos?

Aquele que ora: Com certeza. Se Deus predestinou que eu morra com um tiro de revólver, eu não morrerei se nenhuma bala for disparada. Se Deus predestinou que eu seja curado por meio de uma cirurgia, e eu não me submeto a tal tratamento, não serei curado. Se Deus predestinou que o fogo consuma a minha casa, por meio de um incêndio, se não há nenhum fogo, não há incêndio. Você diria: "Se Deus predestinou que o sol seja brilhante, ele será brilhante, quer haja fogo no sol, quer não"?

Aquele que não ora: Não.

Aquele que ora: Concordo. Por que não?

Aquele que não ora: Por que o brilho do sol resulta do fogo.

Aquele que ora: Certo! Isto é o que eu penso sobre as respostas à oração. Elas são o brilho, e a oração, é o fogo. Deus estabeleceu o universo de modo que, em grande medida, ele seja regido pela oração, da mesma maneira como estabeleceu o brilho de modo que, em grande medida, ele aconteça por meio do fogo. Isso não é lógico?

Aquele que não ora: Creio que sim.

Aquele que ora: Então, deixemos de argumentar sobre problemas e prossigamos com o que as Escrituras dizem: "Pedi e recebereis" (Jo 16.24); e: "Nada tendes, porque não pedis" (Tg 4.2).

32

Não Importa o que me Aconteça

Meditação sobre João 12.24-25

Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna.

Não importa o que me aconteça — essas são as palavras que permanecem me ocorrendo, quando tento explicar qual era a intenção de Jesus ao falar as palavras de João 12.24-25.

Primeiramente, existe uma chamada para morrermos. Se temos de produzir fruto para Deus, precisamos morrer. Ora, quando eu morrer, não me preocuparei com o que acontecerá ao meu corpo. Não fará qualquer diferença para mim. Estarei em casa, com Jesus. Isso também é verdade agora, se eu já morri com Cristo, como os demais crentes. "E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24). Crucificaram significa morreram. Assim, em um sentido profundo, estou morto na terra. Minha vida "está oculta juntamente com Cristo, em Deus" (Cl

3.3). Por isso, não importa o que aconteça comigo na terra.

Em segundo, existe uma coisa estranha chamada "odiar a sua vida neste mundo". "Aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna" (Jo 12.25). O que isso significa? No mínimo, significa que você não se inquieta com sua vida neste mundo. Em outras palavras, não se importa muito com o que acontece à sua vida neste mundo.

Se os homens falam bem de você, isso não tem grande importância. Se o odeiam, você não se incomoda com isso. Se você possui um monte de coisas, isso não importa tanto, se é pobre, tal condição não o inquieta. Se é perseguido ou as pessoas mentem a seu respeito, você não se importa com isso. Se é famoso ou desconhecido, não importa muito. Se está morto, essas coisas simplesmente não importam muito.

No entanto, isto é ainda mais radical. Há algumas escolhas que devemos fazer neste mundo, e não somente experiências passivas. Jesus prosseguiu e disse: "Se alguém me serve, siga-me" (Jo 12.26). Para onde? Ele se dirige ao Getsêmani e à cruz. Ele não está apenas dizendo: "Se as coisas ficarem ruins, não fiquem aflitos, pois já estão mortos". Ele está dizendo: "Escolham morrer comigo. Decidam odiar a própria vida neste mundo, da mesma maneira como Eu escolhi a cruz".

Isto é o que Jesus queria dizer quando falou: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16.24). Ele nos chama a escolher a cruz. As pessoas faziam apenas uma coisa na cruz. Elas morriam na cruz. "Tome a sua cruz" significa como "o grão de trigo" que cai na terra e morre. Escolham a cruz. Odeiem a vida de vocês neste mundo.

Qual é o principal ensino de tudo isso? É um masoquismo sem objetivo? Não. Esse é o caminho do verdadeiro amor, da verdadeira vida e da verdadeira adoração. Nosso alvo em morrer é produzir fruto: "Mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12.24). Nosso alvo em morrer é a vida: "Aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna" (Jo 12.25). Nosso alvo em morrer é exaltar a dignidade de Cristo: "Sim, deveras considero tudo como

perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas” (Fp 3.8).

Paulo é o grande exemplo do que significa morrer. “Levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo” (2 Co 4.10) e “pela qual [cruz] o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6.14).

Mas, por quê? Por amor ao comprometimento radical com o ministério: “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (At 20.24). Penso que ouvi Paulo dizer: “Não importo o que aconteça comigo, se eu puder apenas viver para a glória de sua graça”.

Você pode falar as palavras de Paulo como as suas próprias palavras? Pode desejar isso? Com fervor, peça a Deus que seja assim mais e mais.

33

A Cruz de Cristo, Minha Liberdade e Poder!

Meditação sobre a corrupção remanescente

Não posso viver sem a cruz. Por quê? Por que descubro, com freqüência, surpreendente pecaminosidade em mim, a respeito da qual eu nada sabia. Sem a cruz, para cobrir minha pecaminosidade, eu desesperaria porque estou certo de que, nos recessos do coração, permanece corrupção desconhecida.

Por exemplo, em uma segunda-feira à tarde, pensei em fazer uma visita imprescindível a um dos membros de nossa igreja. Seria uma visita difícil, mas eu sabia que deveria fazê-la. No dia seguinte (terça-feira), eu teria de escrever um estudo; por isso, adiei a visita para outra ocasião.

Antes de sair da igreja, naquela segunda-feira, o diretor de compras me deu uma cópia da mais nova versão de nosso programa de edição de textos. Senti-me animado para ver o que a nova versão seria capaz de fazer.

Na manhã seguinte, levantei-me, tomei café, gastei algum tempo lendo as Escrituras e mal podia esperar para experimentar o novo programa. Estava quase começando a instalar o programa, quando

ocorreu-me um pensamento: se eu tenho de escrever um estudo hoje, por que vou gastar duas horas instalando e usando este novo programa? Não existe qualquer pressa em instalá-lo hoje. Não, nenhuma pressa.

Por que a urgência de preparar o estudo é uma razão infalível para eu não fazer aquela visita hoje, mas não é razão para não usar o novo programa de computador?

A resposta era bastante clara — tristemente clara. Eu havia adiado a visita porque não sentia vontade de fazê-la. Mas o programa de computador era como um brinquedo novo com o qual eu desejava brincar. Minha mente foi capaz de suportar o desejo de não visitar, provendo a "razão" necessária. Não tinha tempo na terça-feira. A preparação do estudo.

Sim, logo que tive uma oportunidade especial de usar meu computador, na terça-feira, minha mente estava pronta para recusar a razão. Somente pela graça de Deus, vi o que estava acontecendo.

Que canalha! — pensei comigo mesmo. Que canalha inconstante! É assim que minha mente trabalha — criando permissões racionais para fazer o que quero? Quantas vezes isso já aconteceu?

Nesta ocasião, o Senhor abriu-me os olhos para que visse meu esforço irracional de justificar a mim mesmo em aprovar aquilo que eu já queria fazer. Arrependi-me, coloquei de lado o novo programa de computador e telefonei ao membro da igreja, perguntando-lhe se poderia ir à sua casa.

Agradeço a Deus pelo momento de vitória sobre o poder excessivamente ilusório do pecado. Mas não me engano. A corrupção remanescente que perverte a mente para justificar nossos desejos, com base em princípios ostensivos, é profunda e enganosa. Eu a odeio.

Quando, pela graça de Deus, vejo os efeitos desta corrupção, apego-me à cruz e mortifico o "eu". O que eu faria sem a grande segurança: "Porque Cristo... morreu a seu tempo pelos ímpios... sendo justificados pelo seu sangue" (Rm 5.6, 9). Oh! Cruz de Cristo, minha liberdade e poder! Em ti, encaro este novo dia, um pecador justificado e livre.

34

Slogans Motivadores do Campo de Batalha

Recordações de Lausane II

Um dos grandes momentos de minha vida foi o II Congresso Lausane de Evangelização Mundial, em Manila, em 1989. Esse congresso renovou meu zelo de propagar uma paixão pela supremacia de Deus em toda as coisas, para regozijo de todas as pessoas. Anotei rapidamente sentenças fortes que me atingiram com poder, dia após dia. Muitas delas ainda ardem em meu coração. Algumas vieram-me à memória, estimulando-me novamente. Aqui estão elas. Leia-as ao seu próprio risco.

"Não existe nem um centímetro de qualquer esfera da vida sobre o qual Jesus não diga: 'É meu'" (Os Guiness, citando Abraham Kuyper).

"Nenhuma igreja local pode se dar ao luxo de viver sem o encorajamento e o vigor que lhe advêm do enviar ao mundo seus melhores membros" (David Penman).

"Na América, a coisa mais importante é que as pessoas tenham liberdade. Em países fechados, a coisa mais importante é o que as pessoas fazem com a liberdade" (George Otis).

"Jesus nos julgará não somente por aquilo que fizemos, mas também por aquilo que poderíamos ter feito e não fizemos" (George Otis).

"Espere grandes coisas de Deus, tente fazer grandes coisas para Deus" (William Carey).

"Não podemos pregar boas novas e ser más novas" (Tekmito Adegmo).

"O longe é longe somente se você não for até lá" (George Otis).

"A ausência de mártires é responsável pela nossa falha em prosperar em países islâmicos? Pode uma igreja retraída crescer em vigor? Uma igreja jovem precisa de modelos de mártires?" (George Otis).

"Deus quase nunca chama o seu povo para uma luta justa" (George Otis).

"A cruz não é um fim terrível para uma vida feliz e temente a Deus, e sim a cruz nos alcança no início de nossa comunhão com Cristo. Quando Cristo chama uma pessoa, Ele lhe ordena a vir e morrer" (Dietrich Bonhoeffer).

"Digo-vos, pois, amigos meus: não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer" (Jesus, em Lucas 12.4).

"É sábio aquele que dá o que não pode conservar consigo,

para ganhar aquilo que jamais perderá" (Jim Elliot).

"Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (apóstolo Paulo, em Filipenses 1.21).

"Sou imortal até que termine a obra de Deus para mim. O Senhor reina" (Henry Martyn).

"E matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do meu nome. Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça" (Jesus, em Lucas 21.16-18).

"Senhor, torna-me livre do medo e da ganância, para ser como Jesus" (John Piper — minha oração hoje).

35

NASCIDO PARA MORRER POR NOSSA LIBERDADE

Meditação sobre Hebreus 2.14-15

> *Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.*

Algumas passagens das Escrituras são tão cheias de verdades cruciais que merecem mais atenção do que outras no sentido de serem memorizadas, consideradas e proclamadas. Estes dois versículos de Hebreus colocam diante de nós uma seqüência das maiores realidades do mundo. Sabê-los de cor, e saber o que eles significam é um benefício maior do que a maior prosperidade da terra. Demore-se por um momento em cada frase.

Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue...

O vocábulo *filhos* é tomado do versículo anterior e se refere à descendência espiritual de Cristo, o Messias (ver Is 8.18; 53.10). São também os filhos de Deus. Ao enviar Cristo ao mundo, Deus tinha especialmente em vista a salvação de seus filhos. É verdade que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" (Jo 3.16). Mas também é verdade que Deus estava reunindo "os filhos de Deus, que andam dispersos" (Jo 11.52) e que Jesus deu sua vida pelas ovelhas (Jo 10.15). O desígnio de Deus era oferecer Cristo ao mundo para realizar a salvação dos seus filhos (1 Tm 4.10). Você pode experimentar a adoção como filho de Deus por receber a Cristo (Jo 1.12).

Destes [carne e sangue] também ele,
igualmente, participou...

Cristo existia antes da encarnação. Ele era espírito. Era a Palavra eterna. Estava com Deus e era Deus (Jo 1.1; Cl 2.9), mas assumiu a carne e o sangue, vestindo a sua divindade de humanidade. Cristo se tornou completamente homem e permaneceu totalmente Deus. De muitas maneiras, isto é um grande mistério, mas está no âmago de nossa fé, e é o ensino das Escrituras.

Para que, por sua morte...

A morte foi a razão por que Cristo se tornou homem. Como Deus, Cristo não podia morrer pelos pecadores. Mas, como homem, Ele poderia. Seu alvo era morrer. Por conseguinte, Ele teve de nascer como homem. Nasceu para morrer. A Sexta-Feira da Paixão é a razão de ser do Natal. Cristo aceitou espontaneamente a morte. Era a intenção dEle. A morte não O pegou de surpresa. O sofrimento e a morte de Cristo estavam planejados pelo Pai desde a antiguidade. Isaías 53 os descreveu, com alguns detalhes, centenas de anos antes de acontecerem. Jesus escolheu tornar-se homem para que morresse.

D*estruísse aquele que tem o poder da morte,*
a saber, o diabo...

Ao morrer, Cristo tornou ineficaz o poder do diabo. Como? Por cobrir todo o nosso pecado. Isto significa que Satanás não tem fundamentos legítimos para nos acusar diante de Deus. "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica" (Rm 8.33). Com que base Ele nos justifica? Por meio do sangue de Jesus (Rm 5.9). A arma fundamental de Satanás contra nós é o nosso próprio pecado. Mas, o que aconteceu na cruz anula o poder condenador de nosso pecado. "[Deus] tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz" (Cl 2.14). Se a morte de Jesus remove o poder condenador de nosso pecado, a principal arma de Satanás é tirada de suas mãos. Ele não pode mais argumentar em favor de nossa penalidade de morte, porque o Juiz nos inocentou por meio da morte de seu Filho! O aguilhão da morte foi destruído: nossos pecados foram perdoados, e a Lei, satisfeita (1 Co 15.56-57).

E livrasse todos que, pelo pavor da morte,
estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.

Portanto, estamos livres do pavor da morte. Deus nos justificou. Satanás não pode reverter esse decreto. E Deus quer que a nossa segurança tenha um efeito imediato em nossa vida. Ele tenciona que a felicidade final remova a escravidão e o temor do presente. Se não precisamos temer nosso último e maior inimigo, a morte, não precisamos temer coisa alguma. Podemos ser livres. Livres para o gozo. Livres para os outros.

Cristo morreu — considere este preço — para que você não tema. Avaliada pelo tamanho do sacrifício, a intensidade do compromisso de Deus com a nossa ausência de temor — a nossa liberdade — é imensurável. Aproprie-se dela. Desfrute-a. O poder libertador de Deus resplandecerá à medida que você experimentar a liberdade de vida.

36

Manumissão Magnificente

Meditação sobre Romanos 6.17-18

Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.

Manumissão: alforria legal de um escravo. Manumit: "dar liberdade a um escravo", do latim *manus* "mão" + *mittere* "soltar, enviar etc."[1]

Somos escravos ou do pecado ou de Deus. Não há uma terceira alternativa. Você pode dar-lhe nomes diferentes. Mas se resume nisto: ou servimos ao pecado, ou servimos a Deus. O pecado reina ou Deus reina.

Por isso, Romanos 6 descreve a conversão em termos de uma mudança de senhor de escravo. "Graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado... fostes feitos servos da justiça... Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus" (Rm 6.17-18, 22).

Mas, cuidado! Não leve todas as implicações do servir ao pecado para o servir a Deus. Existem diferenças radicais. Considere estes versículos cruciais de Romanos 6.20-23: "Quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte. Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna; porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor".

Velha Escravidão	Nova "Escravidão"
O senhor é o pecado (20)	O senhor é Deus (22)
Isentos em relação à justiça (20)	Livres do pecado (22)
Benefício? Nenhum (21)	Fruto? Santificação (22)
O fim? Morte (21)	O fim? A vida eterna (22)
O senhor paga salário (23)	O senhor dá dons (23)
O salário é a morte (23)	O dom é a vida eterna (23)

Existe um contraste radical nos paralelos aqui descritos. Todo o conceito de escravidão, conforme o conhecemos, é transformado quando Deus se torna o "Senhor do escravo".

O velho senhor do escravo paga salário, mas Deus, por sua vez, concede dom. "O salário do pecado... o dom gratuito de Deus..." Isto é muito importante! Não nos relacionamos com Deus como assalariados. Relacionamo-nos com Ele como recebedores de dom. Nosso "papel como escravo" não é trabalhar para receber salário, e sim andar em submissão onde os dons existem, e isto significa andar pela fé.

Por que Paulo não respondeu sua própria pergunta no versículo 21: "Naquele tempo, que resultado colhestes?" A resposta é que o pecado não produz frutos; ele exige obras e paga salário. Mas, quando nos tornamos "escravos" de Deus, o fruto que obtemos é a santificação, e o "pagamento" de Deus para isso não é um salário, e sim um dom — a vida eterna.

Portanto, nosso "novo Senhor de escravos" não exige "obras"; Ele produz fruto. Ele não paga salário pelas obras; Ele concede dons em recompensa de seu próprio fruto. E o dom é a vida eterna, enquanto o único salário que um pecador pode receber é a morte. Acautele-se de um relacionamento com Deus que envolva o pagamento de salário. Não existe tal coisa. O "senhor de escravos" nos relacionamentos espirituais que envolvem o pagamento de salário é sempre o pecado; e o salário é sempre a morte.

Em vista desta liberdade (manumissão) magnificente, exorto-o a fazer aquilo que é óbvio: "Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniqüidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6.13).

---

1 HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Sales. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Editora Objetiva Ltda,. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

37

O QUE OS ANÚNCIOS DE PRESERVATIVOS PRODUZIRAM

Uma troca de correspondências

Há alguns anos, o jornal *Minneapolis Star Tribune* publicou um editorial que escrevi, intitulado "Anúncios de Preservativos Promovem a Promiscuidade e Não a Boa Saúde". Em nossa cidade, houve uma discussão a respeito de tais anúncios serem ou não uma boa idéia. De algum modo, a imprensa me procurou para que me expressasse sobre o assunto. Então, com alguns outros pastores, escrevi declarando que o anúncio de preservativos era uma má idéia. Passados dois dias, recebi a seguinte carta, que mostra uma faceta da amoralidade sexual do "mundo real".

A carta: "Depois de ler seu comentário a respeito de anúncios de preservativos, senti-me contente por não fazer parte de uma organização que pensa da mesma maneira que o povo de sua igreja. Todos vocês têm a cabeça atolada na lama. Sou solteiro, com trinta e oito anos de idade. De acordo com vocês, não posso fazer sexo antes do casamento. E se eu não casar? Nunca farei sexo? Eu sou um dos que gosta de fazer sexo, e a minha namorada também. O estímulo

físico de natureza sexual é um dos maiores sentimentos que alguém pode desfrutar. Sem este sentimento, perdemos um pouco do bem-estar geral".

Minha resposta: "Aprecio sua honestidade e sua prontidão em escrever-me. Nem todos têm a coragem de permanecer firmes em sua opinião.

Sim, você está certo ao concluir que eu penso que as pessoas não devem se envolver em relacionamento sexual fora do casamento. Concordo que nossa natureza sexual é boa e que a experiência de consumação das relações sexuais é um 'grande sentimento'.

Não concordo é com o fato de estes bons sentimentos físicos serem buscados sem consideração para com os assuntos mais importantes da vida, tais como lealdade e compromisso. Ou, dizendo-o em outras palavras, estou profundamente convencido de que sendo a nossa sexualidade um dom de Deus, devemos buscar a Deus para nos orientar em como lidar com este dom extraordinariamente precioso.

Quando leio a Palavra de Deus escrita, a Bíblia, encontro o ensino de que o sexo extramarital e pré-marital é proibido. Desde que Deus é um Deus de amor e sabedoria, entendo que é bom para mim abster-me de relações sexuais fora do casamento.

Em um sentido, aqueles que não casam experimentam 'perda' — a perda de uma sensação física. Mas também experimentam grande ganho. A emoção moral de ser senhor de seus próprios impulsos é como atingir o topo de uma montanha coberta de neve, escalando-a contra todo o excesso de gelo e vento. Os maiores prazeres da vida não resultam de ceder aos impulsos físicos semelhantes aos dos animais. Os maiores prazeres da vida procedem de subirmos à conformidade moral, pessoal e espiritual com o nosso Criador, em cuja imagem fomos criados.

Pergunto se você diria: 'Visto que Jesus nunca casou nem experimentou a relação sexual, Ele era, de alguma maneira, menos admirável, menos digno de nossa confiança, obediência e louvor?'

Por favor, saiba que não fico ressentido por você haver escrito

para mim, nem o desprezo por causa de suas opiniões. Meu desejo profundo é que você apenas considere mais seriamente a possibilidade da sexualidade humana ser uma expressão de amor extraordinário, e não um puritanismo da época vitoriana".

Ele respondeu com uma carta conciliatória afirmando que respeitava minhas opiniões. Ainda oro que ele pare de se contentar com lazer na favela, quando umas férias nos Alpes é oferecida na fidelidade a Jesus.

38

Nenhuma Oração, Nenhum Poder!

Reflexão sobre a ofensiva e a defesa da vida espiritual

Arrumei meu escritório, em casa, mas não removi o cantinho de oração e a poltrona de oração. Eu o tornei mais privado. Tudo o que já li e experimentei me ensina que a profunda influência espiritual para o bem dos pecadores e para a glória de Deus procede de homens e mulheres que se dedicam à oração e à meditação. Meus anelos sempre excederam minhas ações, eu admito, mas não desistirei sem lutar, e separar um lugar faz parte do esforço de guerra.

Acabei de ler, por exemplo, sobre o segredo de Charles Simeon, que suportou imensas dificuldades em seu poderoso pastorado de cinqüenta e quatro anos, em Cambridge, na Inglaterra (1782-1836). R. Housman, um dos amigos de Charles Simeon, esteve com ele por alguns meses e nos diz algo sobre a devoção deste homem: “Nunca vi tal consistência e realidade de devoção, tal fervor de piedade, tal zelo e amor... Invariavelmente, ele se levantava cada manhã, mesmo no inverno, às quatro horas. E, depois de acender o fogo, ele dedicava as primeiras quatro horas do dia à oração particular e ao estudo devoci-

onal das Escrituras... Este era o segredo de sua grande graça e vigor espiritual. Ao receber instrução dessa fonte e procurá-la com diligência, ele era confortado em todas as suas provações e se preparava para todos os seus deveres".[1]

Isto é verdade tanto para os crentes individualmente quanto para as igrejas. Nenhuma oração, nenhum poder. Considere a história relatada em Marcos 9. Os discípulos foram incapazes de expulsar um espírito imundo de um jovem oprimido. Jesus entrou em cena e expulsou o espírito imundo. Os discípulos perguntaram: "Por que não pudemos nós expulsá-lo?" Jesus respondeu-lhes: "Esta casta não pode sair senão por meio de oração"[2] (Mc 9.28-29). Jesus disse que existem forças espirituais difíceis de serem vencidas. Os discípulos perguntaram por que eram incapazes de vencer o demônio. Jesus respondeu: "Oração insuficiente!"

O que significa a resposta de Jesus? Provavelmente, Ele não estava dizendo que os discípulos não haviam orado em favor do jovem endemoniado; parece que essa foi a maneira inicial como eles lidaram com o problema. Talvez Jesus queria dizer que os discípulos não viviam em oração. Haviam sido apanhados em período sem oração ou uma atitude mental sem oração. Observe que Jesus expulsou o demônio sem oração: "Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele" (Mc 9.25). Mas Jesus havia orado. Ele vivia em oração. Gastava noites em oração. Estava pronto quando o mal se manifestou. Porém, os discípulos, aparentemente, haviam se tornado fracos e negligentes em sua atitude de orar, por isso, ficaram incapazes diante de poderosas forças malignas. "Esta casta não pode sair senão por meio de oração."

Em outras palavras, sem oração persistente não temos qualquer ofensiva na batalha contra o mal. Individualmente e como igrejas, somos destinados a invadir e despojar as fortalezas de Satanás. Mas, nenhuma oração, nenhum poder.

O mesmo é verdade no que concerne à defesa. Considere as palavras do Senhor Jesus dirigidas a Pedro, Tiago e João, quando eles se renderam ao sono, no jardim, em vez de vigiarem em defesa contra o mal — "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação" (Mc

14.38). Se não vigiarmos, seremos enredados pela tentação. Nossa defesa e nosso ataque é a oração ativa, persistente, fervorosa e confiante.

Que o exemplo de Charles Simeon, as palavras de nosso Senhor e a repreensão aos discípulos nos impulsionem não somente a orações ocasionais, mas também a uma vida de oração — como disse Housman, à "consistência e à realidade da devoção".

---

1 MOULE, H. C. G. *Charles Simeon.* Londres: InterVarsity Fellowship, 1942. p. 65-66.

2 As palavras "jejum e oração" não se encontram nos melhores manuscritos; provavelmente "jejum" foi acrescentada por um escriba.

39

Por que Você crê que Jesus Ressuscitou Dentre os Mortos?

Meditação sobre ter uma resposta da esperança que está em nós

O fato estranho nesta pergunta: "Por que você crê que Jesus ressuscitou dentre os mortos?" é que eu habitualmente tenho de me sentar e meditar, por alguns momentos, para lembrar respostas que soem convincentes aos incrédulos que se mostram interessados por Cristo. De início, isto parece falso: Se creio nela, por que tenho de estudar para justificá-la?

Mas, quando você pensa um pouco mais sobre isso, descobre que a ressurreição não é um embuste, de maneira alguma. Se não lembro como conheci a minha esposa, isso não significa que não sou casado. Se não encontro palavras para explicar as afeições de meu coração, isso não significa que não existe uma coisa chamada amor. A memória retarda-se, e as palavras falham. Mas nem uma coisa nem a outra significa que eu não tenho bases para amar.

Não devemos ser capazes de oferecer uma resposta simples aos que perguntam por que cremos que Jesus ressuscitou dentre os mortos? Se nos relacionamos todos os dias com um Jesus vivo, não

devemos ser capazes de dizer por que cremos nisso? Sim, suponho que devemos.

Que tipo de resposta devemos oferecer? Bem, poderíamos dizer: creio que Jesus ressuscitou dentre os mortos porque a Bíblia diz isso. Alguém talvez se oporia, argumentando: “Isso é somente um apelo à autoridade”. É, realmente. Todavia, essa é maneira como a maioria das pessoas responde por que crêem em coisas que não podem ver.

Pergunte a uma pessoa normal por que ela crê em vírus, radiação, pulsares e evolução. Quase todos dirão algo parecido com: “Porque a ciência tem mostrado...”

O que elas querem dizer é que não sabem como demonstrar por que existem certas realidades invisíveis. Por isso, estão dispostas a fundamentar a sua crença no testemunho de uma autoridade — neste caso, um grupo de cientistas. Isto é especialmente verdadeiro, se a crença ajuda a entender o mundo.

A razão por que a resposta “a Bíblia me diz isso” parece inaceitável, e “os cientista me dizem isso” parece aceitável, é que a maioria das pessoas apelam à autoridade científica e não à autoridade da Bíblia. E as maiorias sempre fazem que as opiniões pareçam normativas e óbvias, mas, em princípio, tanto eles como nós estamos fazendo a mesma coisa.

Por isso, temos de perguntar: os homens que escreveram o Novo Testamento são boa autoridade no que se refere à ressurreição de Jesus? Os cientistas que escrevem sobre vírus são boa autoridade? Essa pergunta tem de ser respondida. Ora, percebemos que estamos contendendo honestamente. Muitos de nós sentem-se mais à vontade em contar por que crêem em um testemunho do que em demonstrar a ressurreição — ou a realidade da radiação nuclear.

Vejo Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Pedro, Tiago, Judas e o escritor de Hebreus como o tipo de homens em que devo confiar mais prontamente do que em uma multidão de autoridades seculares. E, eles ajudam muito mais na compreensão do mundo (e a culpa, o temor e o sofrimento), a encarnação, a cruz e a ressurreição de Cristo, do que a entender os vírus ou a evolução.

Existem argumentos históricos excelentes e concretos em favor

da ressurreição de Cristo dentre os mortos. Reuni alguns desses argumentos em um ensaio intitulado *A Bíblia é um Guia Confiável para Termos Alegria Permanente?*[1] Mas o problema na vida real é este: não importa quão arduamente você estude esses argumentos históricos, para ficar razoavelmente convencido, é insensato pensarmos que essas razões ou argumentos estarão em sua mente ou estarão facilmente acessíveis quando a sua fé é testada pela morte ou desafiada pelos incrédulos. Isso também se aplica a qualquer filosofia de vida. Os crentes não estão sozinhos nisso.

Nos momentos de perguntas, a força que sustenta a nossa fé virá de percebermos que Deus é real e que a Palavra dEle é digna de confiança em nossa vida. Diremos: "O testemunho de Cristo, na Bíblia, ganhou minha confiança. Cristo resplandece por intermédio da palavra daqueles homens, com autenticidade tão convincente, que me rendi a Ele. Nenhuma outra maneira de ver o mundo responde tantas das questões que me assaltam, como a maneira bíblica. Existe uma vida espiritual que Deus me deu, para que eu O ame, confie nEle, e tenha esperança de estar com Ele mais do que qualquer outra coisa". É desse modo que damos expressão à realidade de 1 João 5.11: "E o testemunho [de Deus] é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho".

---

1 Piper, John. Appendix 2. In: *Desiring God.* Sisters, Oregan: Multnomah Press, 1996. p. 267-276.

40

Imagine Jesus Jogando na Loteria

❧

Brincando com o suicídio da alma

Você pode imaginar Jesus jogando na loteria? O que aconteceria na alma de Jesus, quando Ele lesse: "Ganhe vinte e cinco mil reais agora — e dois milhões, depois... Jogue em qualquer lugar, ganhe em qualquer tempo... Para pessoas que não podem esperar para ficar ricas"?

Pelo que Jesus realmente espera? O que podemos querer na vida? A loteria é reveladora de muitos motivos ocultos.

A loteria é outra oportunidade de transpassar sua alma com muitas aflições. É uma oportunidade de levar seus filhos à ruína. Está sendo promovida além de nossas piores expectativas. Os seus efeitos são e serão terrivelmente destrutivos na vida moral de nossa sociedade. Eis algumas razões por que exorto você a resistir à tentação de jogar na loteria. Estabeleça em sua família a regra de não jogar. Diga não a seus filhos e ensine-os por quê.

1. A Bíblia nos ensina a não querermos ser ricos.

Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

1Timóteo 6.9-10

O desejo de ser rico é suicida. O coração que arde por dinheiro não está buscando a Deus. Tal coração é a raiz de todos os males. A passagem diz também que devemos seguir “a justiça, a piedade, a fé, o amor” (v. 11). Jesus disse: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu [de Deus] reino” (Mt 6.33). Nossa busca na vida não é a de ficarmos ricos — nem rápida, nem lentamente. Nossa paixão na vida é sermos puros, santos, amáveis e consagrados à obra de Cristo. Jogar na loteria não é motivado por uma “fome e sede de justiça” (Mt 5.6). É norteado por um amor ao mundo; e é mortal porque o mundo e tudo o que nele há passarão (1 Jo 2.17).

Acautele-se:

Onde está o teu tesouro,
aí estará também o teu coração.

Mateus 6.21

2. É errado apostar com o dinheiro que nos foi confiado.

Bons mordomos não administram dessa maneira o dinheiro de seu Senhor. Os administradores fiéis não jogam com um dinheiro que lhes foi confiado. Eles não têm direito de fazer isso. Tudo o que temos é patrimônio de Deus confiado a nós, a fim de usarmos para a glória dEle (1 Co 4.7; 6.19-20). Como glorificamos a Deus, ao jogarmos com o dinheiro dEle?

Mordomos fiéis não se envolvem em jogos de azar. Trabalham e negociam: valor por valor, justo por justo. Este é o padrão repetido freqüentemente nas Escrituras. Salário e benefícios são proporcionais

ao trabalho realizado. Quando estamos administrando o dinheiro de outra pessoa, quão mais irresponsável é jogarmos com esse dinheiro!

3. É errado aprovar e apoiar uma instituição que está determinada a confirmar as pessoas em suas fraquezas e a cultivar nos outros a cobiça que permaneceria latente, se não houvesse esse instrumento para despertá-la. A loteria fisgará mais facilmente aquelas pessoas que precisam do oposto, ou seja, encorajamento e orientação concernente a serem prudentes e responsáveis no uso do dinheiro.

Conseqüentemente, pela honra de nosso tesouro no céu, pelo bem de nossa sociedade e pela segurança e saúde de sua própria alma, exorto-o a não jogar na loteria.

41

Deus Mandou o Homem Fazer Obras para Ganhar a Vida?

Meditação sobre o suposto Pacto de Obras

Em algum tempo, Deus mandou alguém obedecer tendo em vista ganhar ou merecer a vida? Deus ordena que uma pessoa faça algo que Ele invariavelmente condena como arrogante?

Em Romanos 11.35-36, Paulo descreve por que o trabalhar para obter algo da parte de Deus é arrogante e impossível. Ele disse: "Quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!" O pensamento de que alguém poderia dar algo a Deus, com o objetivo de ser recompensado com mérito ou salário é presunçoso e impossível, porque todas as coisas (incluindo a obediência) são primeiramente de Deus. Você não pode trabalhar para obter algo da parte Deus, dando-Lhe aquilo que já Lhe pertence. Você não pode merecer qualquer coisa de Deus por oferecer obras para as quais Ele o capacita espontaneamente (1 Co 15.10; Fp 2.12-13). Todas as coisas são de Deus. Por isso, não existe nenhuma troca, nenhuma negociação ou merecimento em relação a Deus. Existe somente confiança na provisão espontânea dEle; o contrário é traição.

É verdade: Deus mandou Adão Lhe obedecer. Também é verdade que a falha em obedecer resultaria em morte (Gn 2.16-17) — “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (v. 17). Contudo, a questão é esta: que tipo de obediência é exigida para a herança da vida — a obediência de merecer ou a obediência de confiar? A Bíblia apresenta dois tipos diferentes de esforço para guardar os mandamentos de Deus. Um é legalista; depende de nossa própria força e visa ganhar a vida. O outro, podemos chamá-lo de evangélico. Depende do poder capacitador de Deus e tem como alvo obter a vida pela fé nas promessas dEle, e isso é mostrado na liberdade de obediência.

Essas duas maneiras de tentar guardar os mandamentos de Deus são descritas em Romanos 9.31-32: “Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei. Por quê? Porque não decorreu da fé, e sim como que das obras. Tropeçaram na pedra de tropeço”. Seguir a obediência por fé e seguir a obediência por obras são modos de viver opostos, embora ambos tentem obedecer a Deus. Ele não nos manda seguir a obediência por obras. Isto é legalismo. É arrogância do homem, uma desonra para Deus e, no final, impossível e suicida. Adão teve de andar em obediência ao seu Criador, para herdar a vida, mas a obediência exigida dele foi a obediência que vem da fé. Deus não ordena o legalismo, a arrogância e o suicídio.

O pecado de Adão se tornou tão maligno porque Deus lhe havia mostrado favor imerecido e ofereceu-se a Si mesmo a Adão como um Pai eterno, em cujos conselhos Adão poderia confiar para o seu bem. A ordem foi que Adão confiasse na bondade de Deus. O teste de Adão era se ele comprovaria ou não a confiabilidade de Deus em reconhecer que Deus era mais desejado do que a perspectiva da oferta de Satanás. Não há qualquer indício de que Adão deveria trabalhar por obter ou merecer. A atmosfera era a de teste da fé em um favor imerecido, e não a de teste da disposição de trabalhar por obter ou merecer. A ordem de Deus visava à obediência que vem da fé.

O que podemos dizer sobre o “segundo Adão”, Jesus Cristo, que

satisfez a obediência que Adão rejeitou (1 Co 15.45; Rm 5.14-20)? Qual foi o teste de Jesus? Devemos pensar sobre o Filho de Deus, em relação a seu Pai, como um homem que trabalhava para ganhar recompensas? Temos de pensar sobre o papel do "segundo Adão" como alguém que ganhou por merecimento aquilo que o "primeiro Adão" perdeu? O papel dEle não consistia em glorificar a confiabilidade de seu Pai, a qual Adão desonrou terrivelmente? Cristo se manifestou para demonstrar a justiça de Deus por meio da obediência e do sacrifício que vindicavam a justa fidelidade de Deus à sua própria glória, a qual havia sido ofendida pelo desprezo de Adão para com a misericordiosa sabedoria de Deus (Rm 3.25-26). Cristo ofereceu a Deus a obediência de fé que Adão rejeitou. Cristo cumpriu perfeitamente a Lei, da maneira que devia ser cumprida desde o início, não por obras, mas pela fé (Rm 9.32). Assim, Ele obteve a vida para seu povo, não por merecimento, mas por satisfazer as condições da aliança para um Filho fiel.

Somos chamados a andar no caminho que Jesus andou e no caminho que Adão foi ordenado a andar. Adão falhou porque não confiou na graça de Deus, para acompanhá-lo, com bondade e misericórdia, todos os dias da sua vida (Sl 23.6). Adão sucumbiu à mentira de que Deus estava retendo algo realmente bom e de que ele poderia decidir, por si mesmo, o que era bom e o que era mau. A fé não age assim. A fé é a segurança das coisas que esperamos (Hb 11.1). É a confiança de que Deus não nos priva de qualquer coisa boa (Sl 84.11). É a firme esperança de que Ele trabalha por aqueles que nEle esperam (Is 64.4) e suprirá todas as nossas necessidades, de acordo com as suas riquezas em glória (Fp 4.19). Crendo nisso, estamos livres da mentira de Satanás de que a desobediência para com Deus trará mais felicidade e significado. Com Jesus, podemos tomar a nossa cruz e, por causa da alegria que nos está proposta, morrer na causa do amor (Mc 8.34; Hb 12.2).

42

A Graça Imerecida e Condicional de Deus

Reflexões sobre Salmos 25

8 *Bom e reto é o Senhor, por isso, aponta o caminho aos pecadores.*

9 *Guia os **humildes** na justiça e ensina aos **mansos** o seu caminho.*

10 *Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para **os que guardam a sua aliança e os seus testemunhos**.*

11 *Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniqüidade, que é grande.*

12 *Ao homem **que teme ao Senhor,** ele o instruirá no caminho que deve escolher...*

16 *Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito.*

17 *Alivia-me as tribulações do coração; tira-me das minhas angústias.*

18 *Considera as minhas aflições e o meu sofrimento e perdoa todos os meus pecados...*

20 *Guarda-me a alma e livra-me; não seja eu envergonhado, pois* ***em ti me refugio****.*
21 *Preservem-me* ***a sinceridade e a retidão****, porque* ***em ti espero****.*

Todo o perdão e a ajuda de Deus são graciosos e imerecidos. Mas não são todos incondicionais. Nossa eleição (Rm 9.11) e nossa regeneração (Jo 3.8) são incondicionais; todavia, as bênçãos subseqüentes — como a confissão diária de pecados, a orientação e a ajuda na aflição — são condicionais no cumprirmos a aliança.

Isto não significa que perdemos a certeza ou a segurança, pois Deus se comprometeu a terminar a obra que começou nos eleitos (Fp 1.6). Ele está operando em nós "tanto o querer como o realizar" a sua boa vontade (Fp 2.12-13). Deus opera "em vós o que é agradável diante dele" (Hb 13.21). Ele cumpre as condições da aliança por meio de nós (Ez 36.27). Nossa segurança é tão certa como Deus é fiel (1 Co 1.8; 1 Ts 5.24).

Isto significa que a maioria das bênçãos da vida cristã são condicionais no cumprirmos a aliança (capacitados por Deus!). Considere os versículos do Salmo 25. As palavras em negrito são todas condições que o salmista disse que satisfazia para receber bênçãos. As palavras sublinhadas são todas referências ao fato de que estas bênçãos são dadas graciosamente, não são obtidas por merecimento.

Leia esta passagem com atenção. Você percebe que há condições que satisfazemos para recebermos a orientação (v. 9), a misericórdia (v. 10), a instrução (v. 12) e a proteção de Deus (v. 20)? Mas todas essas condições são cumpridas por "pecadores" (vv. 8 e 11). Observe também que esses pecadores que cumprem as condições da aliança e recebem a orientação e a proteção de Deus são preservados em sua sinceridade e retidão (v. 21). Em outras palavras, embora pequemos de maneiras diversas, todos os dias, existe uma profunda diferença entre pecadores que guardam a aliança de Deus (v. 10) e os que não guardam essa aliança.

Exorto-o a examinar seu coração à luz deste salmo para verificar

se espera no Senhor (v. 21); se você se refugia nEle (v. 20) e O teme (v. 12); se é humilde diante dEle (v. 9) e guarda “a sua aliança” (v. 10). Estes são os pecadores que Deus guiará e protegerá. Você é um deles?

43

Passos Práticos para Mortificar o Pecado

Pensamentos sobre a mortificação

Saber que todos os crentes verdadeiros têm o pecado remanescente em si mesmos, nesta vida, tanto é um alívio como uma tristeza. O grande apóstolo disse: "Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (Fp 3.12). Em outra carta, ele disse: "Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros" (Rm 7.23). E Jesus nos ensinou a orar diariamente: "Perdoa-nos as nossas dívidas" (Mt 6.12).

Isto não significa que temos de ser complacentes com o pecado. Significa que temos de combatê-lo diariamente. Somos ordenados a matar constantemente o pecado que permanece em nossa vida. "Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis... Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena" (Rm 8.13; Cl 3.5). Isto não é opcional. É um combate mortal: ou o pecado morre, ou nós morremos. O que acontece não é que nos tornamos perfeitos nesta vida, mas

continuamos a matar os pecados quando eles nos atacam, dia após dia. Não nos acostumamos com o pecado. Lutamos e matamos.

Como mortificamos o pecado? Aqui ofereço treze passos táticos nesta batalha.

1. Busque forças na verdade de que o velho pecador em você já está decisivamente morto (Rm 6.6; Cl 3.3; Gl 5.24). Pela fé, estamos unidos a Cristo, de tal modo que a morte dEle foi a nossa morte (Rm 6.5; 2 Co 5.14). Isto significa três coisas: a) o golpe mortal em nosso "velho homem" já foi dado; b) o velho "eu" não será bem-sucedido em dominar-nos agora; c) a derrota final do pecado é certa.

2. Reconheça conscientemente a morte do velho homem, ou seja, creia na verdade das Escrituras a respeito da morte do velho homem em Cristo e procure viver nessa liberdade (Rm 6.11). Viver aquilo que você realmente é constitui uma prova do que você é. Uma ilustração clara de tornar-se aquilo que você é encontra-se em 1 Coríntios 5.7: "Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento". Isso parece estranho, mas a salvação é uma coisa estranha e maravilhosa. Lançai fora o velho fermento do pecado, porque ele já foi lançado fora. Se você tentar criar argumentos lógicos com esta realidade e disser: "Não preciso lutar contra o pecado, porque ele já foi removido", provará apenas que não está entre os purificados.

3. Cultive inimizade contra o pecado! Você não mata amigos (Rm 8.13), e sim inimigos. Pondere como o pecado matou o seu melhor Amigo (Jesus), desonra a seu Pai e almeja destruí-lo para sempre. Desenvolva maior ódio ao pecado.

4. Rebele-se contra as ações bem-sucedidas do pecado. Recuse ser intimidado pelos enganos e manipulações do pecado. "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões" (Rm 6.12). Tentações ao pecado são meias-verdades e meias-mentiras na melhor da hipóteses. Paulo chama os frutos do pecado de "concupiscências do engano" (Ef 4.22).

5. Confesse lealdade radical ao outro lado — Deus — e coloque, de modo consciente, toda a sua mente, coração e corpo à disposição da pureza e da retidão. “Oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça” (Rm 6.13).

6. Não faça qualquer plano que abra a porta para o pecado. “Nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14). Não prove sua pureza em uma loja de pornografia ou seu compromisso com a simplicidade em um *shopping* de classe alta.

7. Conheça o espírito de sua época e resista conscientemente à conformação com ele (Rm 12.2). Como D. L. Moody afirmou: “O navio está na água do mundo, mas, se a água entrar no navio, este afunda”.

8. Desenvolva hábitos mentais que renovam, de forma contínua, a mente na centralidade de Deus (Rm 12.2; 2 Co 4.16). Fixe sua atenção, todos os dias, nas “coisas do Espírito” (Rm 8.5), “nas coisas lá do alto” (Cl 3.2). Que a sua mente se ocupe com “o que é verdadeiro... respeitável... justo... puro... amável... de boa fama...” (Fp 4.8).

9. A cada dia, admita seu erro e confesse todo pecado conhecido (1 Jo 1.9). Peça o perdão de Deus (Mt 6.12).

10. Em todas estas coisas, peça a ajuda e o poder do Espírito de Deus. “Se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (Rm 8.13). Tudo o que é bom em nós é um “fruto do Espírito” (Gl 5.22). Ele nos faz andar como devemos (Ez 36.27; Is 26.12).

11. Seja parte de uma igreja e de um pequeno grupo de comunhão onde será freqüentemente exortado a acautelar-se do engano de pecado (Hb 3.13). Perseverança na fé é um projeto de comunidade. Não temos garantia para pensar que teremos essa perseverança, se negligenciarmos os meios designados por Deus para o encorajamento e exortação mútuos.

12. Lute contra seus impulsos pecaminosos, com toda a sua força, assim como um boxeador enfrenta um oponente e um maratonista luta contra a fadiga (1 Co 9.27; 2 Tm 4.8).

13. Acautele-se das "obras da lei" e permita que toda a sua guerra seja uma "obra de fé" (2 Ts 1.11). Ou seja, permita que a sua luta contra o pecado resulte de sua confiança nos prazeres superiores de tudo o que Deus promete para você, em Cristo.

44

Instituições: Perigosas e Proveitosas

O perigo de confiar em seu cavalo

Um comentário a respeito de Karl Marx me deixou a pensar sobre como as idéias moldam a vida. "Marx causou mais impacto nos eventos atuais, bem como na mente de homens e mulheres, do que qualquer outro intelectual nos tempos modernos. A razão para isso não é principalmente a atração de seus conceitos e metodologia, e sim o fato de que a filosofia dele tem sido institucionalizada em dois dos maiores países do mundo: Rússia e China".[1] Em outras palavras, um dos fatores que preservam e prolongam a influência de idéias é o serem elas institucionalizadas.

Um exemplo espiritual deste fato é a teologia de Princeton (a visão reformada, calvinista, centralizada em Deus, fundamentada nas Escrituras e ensinada por homens como B. B. Warfield e Charles Hodge). Mark Noll destaca que "a teologia de Princeton fluiu da mente de seus representantes, mas jorrou para outros lugares por meio de instituições que transcenderam amplamente tais indivíduos".[2] As instituições que Mark Noll tinha em mente era o próprio Seminário de Princeton (por mais de cem anos), a Universidade de Princeton (por

grande parte do século dezenove), vários jornais estudantis de Princeton e a Igreja Presbiteriana. Durante quase cem anos (antes das influências da moderna falta de confiança nas Escrituras), essas instituições incorporavam e propagavam a visão teocêntrica e bíblica dos fundadores.

Surge a pergunta: o avanço da influência da verdade bíblica por meio de instituições humanas faz parte da vontade de Deus revelada nas Escrituras? Ou seja, falo de instituições como seminários, faculdades, escolas evangélicas, agências missionárias, editoras, companhias de teatro, boletins, hospitais, instituições de amparo, grupos musicais, centros de aconselhamento, conferências, acampamentos, jornais, associações evangelísticas, rádio e televisão.

A razão da urgência desta pergunta é que as instituições desenvolvem, por natureza, um poder auto-sustentável, oposto ao poder sustentador por parte de Deus. Existem expectativas humanas, empregados humanos, procedimentos, tradições, dinheiro, poder intelectual, propriedades, facilidades, reputação e uma clientela. Tudo isso pode fazer com que uma instituição continue funcionando, mesmo quando o Espírito Santo já se retirou. Deste modo, as instituições evangélicas podem se tornar contradições e artificialidades do poder divino que havia antes.

A Bíblia adverte repetidas vezes contra o confiar em poderes residentes na cultura humana (poder institucional). Por exemplo, Salmos 33.17: "O cavalo não garante vitória; a despeito de sua grande força, a ninguém pode livrar". Não podemos confiar no poder da instituição militar para dar livramento.

Por outro lado, a Bíblia não afirma que as instituições são, por esse motivo, más ou inúteis. Provérbios 21.31 declara: "O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do SENHOR". Reconhecer que as instituições não constituem a força decisiva para o triunfo não significa que elas não são forças.

Deus nunca mandou Israel abolir seu exército, mas advertiu constantemente o povo a não confiar no exército, quando saíam à batalha. "Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro e se estribam em cavalos; que confiam em carros, porque são muitos, e

em cavaleiros, porque são mui fortes, mas não atentam para o Santo de Israel, nem buscam ao Senhor!" (Is 31.1).

Parece-me que, neste mundo caído, as instituições são inevitáveis não somente onde as pessoas se estabelecem confortavelmente com estruturas autoconfiantes; elas são muito mais inevitáveis onde os crentes fervorosos sonham com novas maneiras de proclamar a glória de Cristo entre as nações. Por isso, espero que até à volta de Jesus sempre haja tensões entre os crentes a respeito de onde foram ultrapassados os limites entre a vida institucional ordenada por Deus, sustenta pelo Espírito, e o institucionalismo criado e sustentado pelo homem.

Portanto, estejamos alerta às possibilidades e às armadilhas das instituições. Se você faz parte de uma instituição, pondere estas coisas. Trabalhemos a fim de permear todas as nossas estruturas humanas com oração e sincera confiança em Deus, que "a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17.25).

---

1 Johnson, Paul. *Intellectuals.* New York: Harper and Row, 1988. p. 52.

2 Noll, Mark. *The Princeton theology.* Grand Rapids: Baker Book House, 1983. p. 18.

45

Tremendo com Alegria por meu Livramento

Meditação sobre o inferno na época do Natal

Você lembra uma ocasião em que esteve perdido como uma criança, ou em perigo de cair num precipício, ou quase a afogar-se? Então, repentinamente, foi salvo. Você continuou vivo. Tremeu por causa daquilo que quase perdeu. Ficou feliz; tão feliz e agradecido. Tremeu com alegria.

No final do ano, isto é o que sinto a respeito de meu livramento da ira de Deus. Nos dias frios, no natal, em Minnesota, acendemos a lareira. Às vezes, os carvões estão sobremodo quentes, e, quando os atiço, quase queimo a mão. Eu me afasto e estremeço ante o horrível pensamento da ira de Deus contra o pecado, no inferno. Quão indescritivelmente horrível será o inferno!

Há alguns anos, em uma tarde de Natal, visitei uma mulher que tinha queimado mais de 87% de seu corpo. Estivera no hospital desde agosto. Meu coração se encheu de compaixão por ela. Quão maravilhoso foi transmitir-lhe esperança, por meio da Palavra de Deus. "A tua graça é melhor do que a vida" (Sl 63.3). E Deus nunca abandona e sempre ajuda aqueles que confiam nEle (Is 41.10; Hb 13.5). Mas

voltei para casa pensando não somente no sofrimento daquela mulher nesta vida, mas também no eterno sofrimento do qual fui salvo por meio de Jesus.

Julgue comigo a minha experiência. Esta alegria é uma maneira conveniente de terminarmos o ano? Paulo sentiu-se feliz com o fato de que o Senhor do céu é "Jesus, que nos livra da ira vindoura" (1 Ts 1.10). Paulo advertiu que haverá "ira e indignação aos... que desobedecem à verdade" (Rm 2.8). "Porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (Ef 5.6).

No final do ano, estava completando minha viagem pela Bíblia, lendo o último livro, Apocalipse. É uma gloriosa profecia do triunfo de Deus e da alegria eterna de todo aquele que bebe "de graça a água da vida" (Ap 22.17). Não haverá mais lágrimas, nem dores, nem depressão, nem tristeza, nem morte (Ap 21.4).

Oh! que horror é alguém não se arrepender e não se manter fiel ao testemunho de Jesus! A descrição da ira de Deus feita pelo "apóstolo do amor" é apavorante. Aquele que rejeita o amor de Deus "beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite" (Ap 14.10-11). "E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo" (Ap 20.15). Jesus pisará "o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso" (Ap 19.15). "E correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios" (Ap 14.20).

Tremo de alegria pelo fato de que sou salvo! A santa ira de Deus é um destino horrível. Fujam disto, irmãos e irmãs. Fujam com toda a força de vocês. E salvemos todos os que pudermos! Não admira que exista mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos! (Lc 15.7).

46

Um Derramamento de Poder Extraordinário

O que é um avivamento?

Martyn Lloyd-Jones disse em 1959: "O maior problema que nos confronta na igreja de hoje é o fato de que a maioria de crentes professos não está convencida da realidade e da desejabilidade de avivamentos".[1]

Uma das razões para isso é que não sabemos o que são os avivamentos. Constantemente, confundimos avivamento com uma campanha evangelística. Qual é a diferença? Lloyd-Jones afirmou o seguinte: "Um campanha evangelística é a igreja decidindo fazer algo a respeito daqueles que estão fora. Um avivamento não é a igreja resolvendo fazer algo e fazendo-o. É algo FEITO para a igreja... toda a essência de um avivamento é que ele acontece à igreja, ao povo da igreja. Eles são afetados, movidos, e coisas tremendas acontecem".[2]

O que acontece? Novamente, Lloyd-Jones responde: "A melhor maneira de responder a essa pergunta é dizer que, em um sentido, um avivamento é uma repetição do dia de Pentecostes... A essência de um avivamento é que o Espírito Santo desce... Se você prefere as-

sim, um avivamento é uma visitação do Espírito Santo ou... um derramamento do Espírito Santo... As pessoas ficam cientes de que algo desceu repentinamente sobre elas. O Espírito de Deus desceu ao meio delas, Deus veio e está entre elas. Um batismo, um derramamento, uma visitação".[3]

Que efeito isto tem sobre as pessoas? "Elas imediatamente se tornam conscientes da presença e do poder de Deus, de um modo que não conheceram antes... As pessoas presentes começam a ter uma consciência das coisas espirituais e pontos de vista claros a respeito dessas coisas como nunca tiveram... as coisas espirituais se tornam realidades... Elas testemunham isto: 'Você sabe, de repente tudo se tornou claro para mim. Fui iluminado subitamente. Coisas com as quais eu era tão familiarizado se destacam com preciosidade. Eu entendo. Eu o vejo de um modo como nunca tinha visto em toda a minha existência'".[4]

Quais são as coisas das quais elas se tornam conscientes? "Primeiramente, e acima de tudo, a glória e a santidade de Deus... e isso leva inevitavelmente a um profundo e terrível senso de pecado e um tremendo senso de culpa... Então, elas recebem uma clara percepção do amor de Deus e do Senhor Jesus Cristo, especialmente de sua morte na cruz... Começam a ter interesse pelos membros de sua própria família... Existe um constrangimento que as impulsiona. Elas falam aos outros sobre esse constrangimento... e começam a orar por eles... Outros, que estão de fora, começam a tomar parte nas reuniões e a dizer: 'O que é isto?' Assim, elas vêm e passam pela mesma experiência".[5]

Quem não se alegraria se tal coisa acontecesse? Isto não é uma cruzada evangelística. Não é algo que pode ser organizado ou esquematizado. É uma obra espontânea e soberana de Deus. Mas ao menos podemos pedir a Deus que realize essa obra. Isso parece ter sido o que Paulo fez, em Efésios 3.19, quando rogou que fôssemos cheios "de toda a plenitude de Deus". Pode acontecer em uma pessoa por vez, e isso é maravilhoso, ou pode acontecer em um despertamento de amplo alcance.

Se queremos vê-lo acontecendo aos nossos filhos, cônjuge e nós

mesmos, como devemos anelar e orar para que o avivamento sobrevenha a muitos. Oh! Como devemos orar por avivamento!

---

1 LLOYD-JONES, Martin. *Revival.* Westchester, Ill.: Crossway Books, 1987. p. 93.
2 Ibid., p. 99-100.
3 Ibid., p. 100.
4 Ibid., p. 101.
5 Ibid., p. 101-103.

47

Fazei Todas as Coisas sem Murmuração

Meditação sobre Filipenses 2.14-15

> *Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo.*

Um dos resultados de minha preleção em uma conferência no Alaska foi a convicção de meu pecado de murmurar. Falei sobre assuntos que mais amo. Preguei sobre o grande e glorioso Deus do hedonismo cristão:

O Deus que "trabalha para aquele que nele espera" (Is 64.4).

O Deus que "nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Sl 84.11).

O Deus que nos acompanha com "bondade e misericórdia" todos os dias de nosso viver (Sl 23.6).

O Deus que faz todas as coisas cooperarem "para o bem daqueles que" O amam (Rm 8.28).

O Deus que "não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou" e "nos dará graciosamente com ele todas as coisas" (Rm 8.32).

O Deus por meio de quem podemos fazer todas as coisas (Fp 4.13).

O Deus que, "segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19).

O Deus que nos fortalecerá, nos ajudará e nos sustentará com a sua destra fiel (Is 41.10).

O Deus que nunca nos deixará e nunca nos abandonará; por isso, podemos dizer com confiança: "O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.5-6).

O Deus que completará a boa obra que começou em mim (Fp 1.6).

O Deus em cuja presença "há plenitude de alegria", em cuja destra há "delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

O Deus que possui toda a autoridade no céu e na terra e que estará conosco até à consumação do século (Mt 28.18, 20).

O Deus que "nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.10).

O Deus cujos olhos "passam por toda a terra, para mostrar-

se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele” (2 Cr 16.9).

O Deus que sabe quantos cabelos temos e controla a existência dos pássaros (Mt 10.29-30).

O Deus que se alegra em fazer-nos o bem, de todo seu coração e de toda sua alma (Jr 32.41).

O Deus que se deleita em nós com alegria e se regozija em nós com júbilo (Sf 3.17).

Quando ouvi essas palavras saírem de meus lábios, senti-me profundamente convencido de que meu coração havia murmurado em meses recentes. A Bíblia diz: “Fazei tudo sem murmurações”. Murmurar é uma evidência de pouca fé na providência graciosa de Deus, em todos os assuntos de nossa vida. É um tipo de incredulidade nessas promessas espetaculares que descrevi aos pastores. E a incredulidade desonra a Deus. Ela deprecia a sabedoria, a bondade e a soberania de Deus.

Creio nessas coisas? Se minha fé é forte, não murmurarei. Oh! como precisamos orar uns pelos outros para que nos alegremos no Senhor e recebamos espontaneamente, das mãos dEle, tudo o que planeja para a nossa santidade — quer seja doloroso, quer seja agradável. Como diz o famoso hino sueco *Dia a Dia*: Ele “dá a cada dia o que julga melhor, outorgando com amor a sua parte de sofrimento e regozijo, mesclando o trabalho árduo com paz e descanso”.

Se cremos realmente nisso — e em todas as promessas sobre as quais preguei naquela semana, no Alaska — então, como declarou Paulo, em Filipenses 2.15, seremos “luzeiros no mundo”. Murmurar somente aumenta as trevas porque obscurece a luz da providência divina, graciosa e controladora de todas as coisas. O amor sem murmuração, repleto de alegria e sacrificial pelos outros é o mais brilhante reflexo da glória de Deus no mundo.

Uma paixão pela supremacia de Deus é uma paixão por não mais murmurar.

48

Salvando Bebês e Salvando Pecadores

Pensamentos sobre os horrores do aborto e do inferno

Sinto-me frustrado porque tenho apenas uma vida para viver para Cristo. Nesta manhã, depois do café, fiquei novamente angustiado, bastante angustiado, ante o pensamento de que milhares de crianças são legalmente mortas por instrumentos médicos. Deitei na cama e contemplei o teto. A imensidão do horror de pequenas cabeças, braços e pernas ensangüentados, desmembrados e acumulados sobre uma cama de uma clínica retornou diversas vezes vez à minha mente.

Durante três anos, Noël e eu vivemos a poucos quilômetros de Dachau, o campo de concentração fora de Munique, na Alemanha. Hoje, aquele campo está aberto ao público. Existem fotos. É somente por causa daquelas fotos que acreditamos no que aconteceu ali. Sem o registro fotográfico, ninguém acreditaria. Andamos pelas salas terríveis e pelos fornos. Passamos por entre os beliches apinhados. Mas isso não é real. As fotos são apenas acessórios à imaginação. Isso não aconteceu neste lugar. Não, realmente não.

Depois, vimos as fotos. Elas não mentem. Tudo pode mentir,

exceto as fotos. Podemos escapar de qualquer coisa, exceto das fotos. Uma imaginação ampla veio a partir das fotos. Sem elas, o acontecimento era inimaginável; aquilo não podia ter acontecido. Oh! Sim, aconteceu. Todavia, eu não podia sentir o que senti — não sem as fotos.

Assim é o aborto. São as fotos que me chocam nesta manhã — as cenas incríveis do livro *Eclipse of Reason* (Eclipse da Razão) e as fotos de corpos mutilados legalmente. O que deverei fazer? As súplicas e orações foram suficientes na Alemanha nazista?

Em seguida, pensei sobre a imensidade e o horror do pecado de não crer em Deus. Pensei sobre a ofensa contra a imensurável honra de Deus. Considerei a realidade do inferno e das figuras apresentadas nas Escrituras: "A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite" (Ap 14.11).

De repente, ocorreu-me como é ilógico para o crente sentir indignação pelo holocausto de judeus e pelo aborto e não pelo holocausto de pecadores que morrem na incredulidade. Matar bebês é um mal terrível e a destruição deles é infernal. Todavia, não crer em Deus é um mal ainda mais terrível, e a destruição de pessoas incrédulas não é infernal, é o próprio inferno. Por isso, sinto-me frustrado por que tenho apenas uma vida para viver para a glória de Cristo. Uma vida deveria ser dedicada a parar o massacre (temos de falar ilustrativamente, ou mentimos) do aborto. Outra vida deveria, com certeza, ser dedicada a salvar pessoas do inferno.

O que farei? Qual a solução para essa frustração? A solução é a diversidade de membros da igreja de Jesus Cristo. Não posso ir a todas as pessoas não-alcançadas do mundo, com as boas-novas da salvação do pecado. Não posso gastar todo o tempo que gostaria para trabalhar (escrevendo, falando, viajando e motivando) em favor da causa de crianças ameaçadas. A única solução que conheço é você.

Que horror do mundo de nossos dias o deixa mais triste? Onde você se desgastará, durante os poucos anos que lhe restam, antes de prestar contas ao justo Juiz de toda a terra?

49

O PODER DO CÉU E DO INFERNO NA VIDA DIÁRIA

Aprendendo com Jesus a ter esperançe e temor

Jesus tinha consciência viva e diária do céu e do inferno. Estas realidades impressionantes eram sempre relevantes na maneira como Ele vivia e ensinava. Jesus era radicalmente sensato a respeito dessas coisas. Se viveremos para sempre em felicidade ou em tormento, então, apropriar-se do céu e fugir do inferno é mais importante do que pensamos.

Por isso, Jesus motivou ações de amor, com a esperança da comunhão com Deus no céu. Ele também motivou a pureza radical, com o temor da separação e do tormento no inferno. Para Jesus, um profundo desejo pelo céu e um forte temor do inferno eram elementos que faziam parte de um viver diário alegre e santo. Por exemplo:

Motivação para a generosidade sacrificial:

> *Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventu-*

rado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos (Lc 14.13-14).

Motivação para amar seus inimigos:

Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo (Lc 6.35).

Motivação para simplicidade e caridade:

Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome (Lc 12.33).

Motivação para evangelismo e missões:

Das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos (Lc 16.9).

Motivação para suportar com alegria a perseguição:

Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus (Mt 5.11-12).

Motivação para evitar a concupiscência:

Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulte-

> *rou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno* (Mt 5.28-29).

Motivação para não temer a morte na causa do evangelho:

> *Digo-vos, pois, amigos meus: não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer* (Lc 12.4-5).

Motivação para produzir bons frutos:

> *Toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo* (Lc 3.9).

Motivação para sermos praticantes e não apenas ouvintes de Jesus:

> *Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces, e, arrojando-se o rio contra ela, logo desabou; e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa* (Lc 6.49).

Motivação para darmos nossa vida por amor ao evangelho:

> *Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?* (Lc 9.24-25)

Nunca entendi a atitude cínica que trata o céu como um assunto irrelevante, nem a afirmação aparentemente piedosa de que o temor do inferno não tem valor como motivação cristã. Parece-me que estas duas posições mal fundamentadas procedem da descrença na indescritível glória e no horror destes dois destinos, respectivamente.

Estamos brincando, se afirmamos que anelamos pelo céu mais do que por esta terra e, ao mesmo tempo, vivemos como pessoas mundanas: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3.3). Você não pode colocar sua esperança em tudo que Deus promete ser para nós em Cristo e, ao mesmo tempo, viver como todas as pessoas que dependem de dinheiro, segurança e prestígio para a sua felicidade. E você não pode considerar verdadeiramente a possibilidade de intermináveis séculos de tormento e não ser levado à estrada do Calvário, que conduz à vida.

Que Deus nos dê, em proporção perfeita, o frutífero equilíbrio de amar o céu e temer o inferno.

50

Como não Cometer Idolatria ao Dar Graças

Jonathan Edwards e a verdadeira ação de graças

Jonathan Edwards tem uma mensagem para nossos dias, uma mensagem que dificilmente seria mais penetrante do que se ele estivesse vivo hoje. Refere-se ao fundamento da gratidão: "A verdadeira gratidão a Deus, por sua bondade para conosco, resulta de um alicerce lançado antes — amar a Deus por aquilo que Ele é em Si mesmo; enquanto a gratidão natural não possui esse alicerce antecedente. As inspirações graciosas de afeição para com Deus, pela bondade recebida, sempre procedem de um estoque de amor já acumulado no coração, estabelecido primeiramente sobre outro fundamento, a saber, a própria excelência de Deus".[1]

Em outras palavras, a gratidão que agrada a Deus não é, em primeiro lugar, um deleite nos benefícios que Deus proporciona (embora isso faça parte dessa gratidão). A verdadeira gratidão precisa estar fundamentada em algo que vem antes, ou seja, um deleite na beleza e excelência do caráter de Deus. Se isto não for o alicerce de nossa gratidão, ela não é superior ao que o "homem natural" experimenta — sem o Espírito Santo e a nova natureza em Cristo. Nesse caso, a

gratidão a Deus não Lhe é mais agradável do que todas as outras emoções que os incrédulos experimentam sem deleitarem-se nEle.

Você não seria honrado se eu lhe agradecesse, freqüentemente, pelos seus dons para comigo, e não tivesse consideração profunda e espontânea por sua pessoa. Você se sentiria insultado, não importando o quanto eu lhe agradecesse por seus dons. Se o seu caráter e personalidade não me atraíssem nem me causassem alegria, quando eu estivesse em sua companhia, você se sentiria usado, como uma ferramenta ou uma máquina para produzir coisas que eu realmente amo.

Isto é verdade em relação a Deus. Se não somos cativados por sua personalidade e caráter, todas as nossas declarações de gratidão assemelham-se à gratidão que uma esposa expressa ao seu marido pelo dinheiro que ela recebe dele para usar em seu relacionamento com outro homem. Esta é a figura apresentada em Tiago 4.3-4. Tiago critica os motivos da oração que trata a Deus como um marido de adúltera — "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus?" Por que Tiago chamou de adúlteras (infiéis) essas pessoas que oravam? Por que, embora orassem, estavam abandonando seu esposo (Deus) e saindo à procura de um amante (o mundo); e, para tornar as coisas piores, estavam pedindo a seu esposo (em oração) que financiasse o seu adultério.

Admiravelmente, esta mesma dinâmica espiritual corrompida é verdadeira, às vezes, quando os crentes agradecem a Deus por mandar Jesus para morrer por eles. Talvez você já ouviu crentes dizerem como devemos ser gratos pela morte de Cristo, porque ela nos mostra o grande valor que Deus nos atribuiu. Qual é o fundamento desta gratidão?

Jonathan Edwards chama isso de gratidão de hipócritas. Por quê? Porque "eles primeiramente se regozijam e se enlevam com o fato de que são muito valorizados por Deus; e, com base nisso, Deus lhes parece amável... Eles se deleitam no grau mais elevado em ouvir o quanto Deus e Cristo os valoriza. Portanto, o gozo deles é realmente um gozo em si mesmos e não em Deus".[2] É chocante perceber que

uma das descrições mais comuns, em nossos dias, a respeito de como reagir à cruz pode muito bem ser uma descrição de amor natural por si mesmo sem qualquer valor espiritual.

Faremos bem se ouvirmos Jonathan Edwards. Ele não estava apenas nos explicando em detalhes a verdade bíblica de que devemos fazer todas as coisas — incluindo o dar graças — para a glória de Deus (1 Co 10.31)? Deus não é glorificado, se o fundamento de nossa gratidão é o valor do dom e não a excelência do Doador. Se a gratidão não está alicerçada na beleza de Deus, em vez de no próprio dom, a gratidão será provavelmente idolatria disfarçada. Que Deus nos conceda um coração que se deleita nEle por aquilo que Ele é, de modo que nossa gratidão por seus dons seja o eco de nosso gozo na excelência do Doador!

---

1 EDWARDS, Jonathan. *Religious affections*. In: *The works of Jonathan Edwards,* v. 2. New Haven: Yale University Press, 1959. p. 247.

2 Ibid., p. 250-251.

51

Quatro Maneiras pelas quais Deus Guia seu Povo

Pensamentos sobre como conhecer a vontade de Deus

Vejo pelo menos quatro métodos que Deus usa para guiar-nos em sua vontade. Apresento-os com palavras iniciadas com "D", para ajudar-me a recordá-las.

1. Decreto. Deus decreta e planeja soberanamente circunstâncias que nos levam aonde Ele deseja que estejamos, ainda que não tenhamos parte consciente em chegarmos lá. Por exemplo, Silas e Paulo estiveram na cadeia, e o resultado foi a salvação do carcereiro e de sua família (At 16.24-34). Este era o plano de Deus, não o de Paulo. Deus faz isso constantemente — colocando-nos em lugares nos quais não planejamos nem decidimos estar. É assim que o decreto nos guia. O decreto é único acima dos outros métodos, porque os inclui (visto que Deus decreta a inclusão de todas as nossas resoluções) e porque o decreto sempre se cumpre (pois nenhum dos planos de Deus "pode ser frustrado" — Jó 42.2). Os outros três métodos de Deus envolvem o sermos guiados conscientemente.

2. Direção. Isto é apenas o que Deus faz por nós ao dar-nos os mandamentos e ensinos da Bíblia. Estes nos direcionam especificamente quanto ao que fazer e não fazer. Os Dez Mandamentos são um exemplo. Não roubarás. Não matarás. Não mentirás. O Sermão da Montanha é outro exemplo: amai os vossos inimigos. As epístolas são outro exemplo: enchei-vos do Espírito; revesti-vos de humildade. É assim que esse método nos guia. Deus revela direções na Bíblia.

3. Discernimento. A maioria das decisões que fazemos não são descritas especificamente na Bíblia. O discernimento é a maneira como seguimos a direção de Deus através do processo de aplicação espiritualmente sensível da verdade bíblica aos aspectos específicos de nossa situação. Romanos 12.2 descreve isto: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Neste caso, Deus não declara uma palavra específica sobre o que fazermos, mas o Espírito Santo molda a mente e o coração, por meio da Palavra e da oração, para que tenhamos inclinações para aquilo que mais glorificaria a Deus e ajudaria os outros.

4. Declaração. Este é o menos comum dos métodos de Deus em guiar-nos. Ele simplesmente declara o que devemos fazer. Por exemplo, de acordo com Atos 8.26, "um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para o lado do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza". E, de acordo com Atos 8.29, "disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o".

Observe três implicações. Primeira, devemos confiar nos decretos de Deus. Eles sempre serão bons para nós, se amamos a Deus e fomos chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28). Isto remove a preocupação de nossa vida e nos coloca em paz, quando buscamos ser guiados pela direção, discernimento e declaração do Senhor.

Segunda, existe a implicação de que o guiar de Deus por *decreto* pode realizar atos contrários ao seu guiar por *direção, discernimento ou declaração*. Em outras palavras, Ele pode direcionar: "Não

matarás", mas decretar o assassinato de seu próprio Filho (At 4.28). Existem mistérios nesta implicação. Mas em muitas passagens das Escrituras Deus quer que aconteçam coisas que Ele proíbe em sua Palavra.[1]

Finalmente, a nossa confiança de que estamos seguindo, com exatidão, os passos de Deus, em cada um destes métodos de guiar, aumenta quando nos movemos do início ao fim desta lista. Dentre todos os métodos pelos quais Deus nos guia, as declarações de Deus percebidas subjetivamente são as menos comuns e as mais facilmente abusadas. A nossa confiança de que temos conhecido a vontade de Deus neste método não será tão grande quanto nos outros que se relacionam diretamente com a Palavra escrita de Deus. Discernir o que fazer com base em um princípio bíblico, quando não temos um mandamento específico para tomarmos a decisão exata, produzirá menos confiança do que quando temos uma direção explícita na Bíblia. E a verdade de que Deus é soberano e controla todas as coisas é a confiança que serve de alicerce para todos os outros métodos.

E confiança em Deus é um bom lugar para descansarmos.

---

1 Para mais exemplos disto, com reflexão ampliada, ver Piper, John. Are there two wills in God? Divine election and God's desire for all to be saved. In: Schreiner, Thomas; Ware, Bruce (Eds.) *The grace of God, the bondage of the will.* Grand Rapids: Baker Book House, 1995. p. 107-132.

52

Quando os Direitos Entram em Conflito

Por que o direito de aborto é injusto

O argumento mais popular em defesa do aborto, em nossos dias, parece ser o de que sem o aborto as mulheres são forçadas a experimentar grande infelicidade e até a morte, especialmente em países pobres que têm acesso limitado aos contraceptivos. Em conversas com pessoas que usam esse argumento, percebi que a questão primordial não é esta: o feto é ou não um ser humano. Alguns admitem que o feto é um ser humano. A questão primordial é o direito de a mulher não ficar grávida e não arriscar sua própria vida passando por abortos inseguros.

Há pelo menos três princípios de justiça geralmente aceitos que se levantam contra esta argumentação:

1. A justiça age com base na suposição de que, se os direitos legítimos de uma pessoa têm de ser limitados, para proteger os direitos legítimos de outrem, a limitação que causar menor dano será a mais justa.

A injustiça não é, por si mesma, a negação dos direitos. A injustiça

é a negação de um direito maior para preservar um menor. Negar direitos que protegem valores menores, para manter direitos que protegem valores maiores, é o que as boas leis deveriam fazer. Negamos o direito de dirigir a 160km/h porque o valor da vida é maior do que o valor de chegar na hora em um compromisso. É um ato de justiça tirar o direito de dirigir em alta velocidade.

Exceto nos casos raros, a gravidez não ameaça tanto a mãe como o aborto ameaça a criança. O dano causado à criança é quase sempre horrível, enquanto o possível dano à mãe é quase sempre menor. Por isso, é justo negar à mãe o direito de não continuar grávida ao custo da vida da criança.

2. A justiça age com base na suposição de que, se uma de duas pessoas tem de ser incomodada ou prejudicada, para aliviar a situação desagradável de ambas, aquela que tem mais responsabilidade por tal situação deve suportar maior parte do incômodo ou do prejuízo, a fim de aliviar a condição em que estão inseridas.

Se levasse comigo meu filho de quatorze anos para roubar um banco, e ambos fôssemos presos, eu deveria sofrer uma pena maior do que a de meu filho, por causa de minha maior responsabilidade na situação desagradável para ambos. Exceto em casos raros, a inconveniência da gravidez se deve tão-somente a escolhas conscientes e espontâneas que a mãe fez quanto a relações sexuais, enquanto a inconveniência da criança não se deve à sua própria escolha. Portanto, na maioria dos casos, é justo exigirmos que a mãe suporte o peso de sua grande responsabilidade na situação desagradável e não exigirmos o preço final de uma criança que não tem qualquer responsabilidade pelo incômodo da gravidez.

3. A justiça age com base na suposição de que as pessoas não devem coagir as outras a fazerem o mal, por ameaçarem a si mesmas com danos voluntários.

Por exemplo, você comete uma injustiça grave quando ameaça matar a si mesmo, para obrigar outrem a conspirar com você, a fim de desviarem recursos financeiros, seqüestrarem alguém ou comete-

rem um assassinato. De modo semelhante, a ameaça que as mulheres fazem de causarem danos a si mesmas, passando por abortos inseguros, se a sociedade não aprovar o aborto legal de seus filhos, é uma coerção injusta da prática do mal para com outra pessoa, a criança não-nascida.

Conclusão: visto que o direito de viver de um ser humano não-nascido é maior do que o direito de uma mulher em usar o aborto como meio de controle de natalidade, e visto que o direito de uma mulher em livrar-se da gravidez não é maior do que o direito do não-nascido de ser livre da violência que lhe ameaça a vida, uma lei que reverte a ordem destes direitos é injusta.

53

Um Meio Admirável de Mudança

Considerações sobre o poder da meditação

Uma das capacidades mais admiráveis da mente humana é a capacidade de dirigir sua atenção a algo que escolha. Podemos parar e dizer à nossa mente: "Pense nisto e não naquilo". Podemos focalizar nossa atenção em uma idéia, uma figura, um problema ou uma esperança.

É um poder admirável. Duvido que os animais o tenham. Eles não pensam a respeito de si mesmos; pelo contrário, são governados pelos impulsos e instintos. Os seres humanos têm a maravilhosa capacidade de pensar e decidir meditar sobre um objeto de pensamento.

Isto é um dom de Deus, parte de sua imagem em nós. É um meio tremendamente poderoso de nos tornarmos o que devemos ser. Você tem negligenciado esta grande arma do arsenal de sua luta contra o pecado? Freqüentemente, a Bíblia nos exorta a usarmos este dom notável. Vamos empunhá-lo, aprimorá-lo e usá-lo.

Por exemplo, em Romanos 8.5-6, Paulo disse: "Os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam

para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz".

Isto é extraordinário! O que você coloca em sua mente determina se o assunto é vida ou morte!

Temos nos tornado muito passivos em nossa busca por mudança, integridade e paz. Em nossa época de terapias, caímos na mentalidade passiva de simplesmente "conversar sobre os problemas", ou de "lidar com nossas questões", ou de "descobrir as raízes de nossa fraqueza na origem de nossa família". Embora essas coisas sejam proveitosas ocasionalmente, creio que tendemos a recair em uma maneira passiva de pensar a respeito de mudança — a mudança pode me ocorrer em algum destes dias, se eu tão-somente conversar sobre os meus problemas.

Vejo no Novo Testamento uma abordagem de mudança mais agressiva e ativa. Ou seja: "Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2). Paulo disse que os "inimigos da cruz... "só se preocupam com as coisas terrenas" (Fp 3.18-19). "Os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne" (Rm 8.5).

Nossas emoções são governadas, em sua maioria, por aquilo em que pensamos — aquilo em que meditamos com nossos pensamentos. Por exemplo, Jesus nos disse que, para vencermos a emoção de ansiedade, temos de meditar — "Não andeis ansiosos... Observai os corvos... Observai os lírios" (Lc 12.22, 24, 27).

A mente é a janela do coração. Se deixarmos nossa mente pensar demoradamente sobre as trevas, o coração se sentirá em trevas. Se abrirmos a janela de nossa mente para a luz, o coração sentirá a luz.

Era isso que Paulo queria dizer em Filipenses 4.8: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento".

Acima de tudo, esta grande capacidade que nossa mente tem de focalizar e considerar tem o propósito de meditar sobre Jesus: "Santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus... Considerai,

pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma" (Hb 3.1; 12.3).

Este é o caminho da mudança. Somos chamados a andar neste caminho, não esperando passivamente enquanto nossa mente é atraída por todos os tipos de paixão que lutam contra a alma (1 Pe 2.11). Quando focalizamos nossa mente na glória de Cristo, somos transformados de glória em glória (2 Co 3.18). Neste momento, resolva que você será resoluto a respeito do que a sua mente considera. Ela se deterá em algo e se transformará naquilo em que se deter.

54

Carne Forte para os Músculos de Missões

Pensamentos sobre o ministério de Adoniram Judson

Estou cada vez mais convencido de que um movimento profundo e duradouro de missões precisará de uma doutrina de salvação que tenha raízes profundas. Em minha férias, li algumas das memórias de Adoniram Judson. Você recorda que ele foi um congregacionalista que se tornou batista. Judson foi à Birmânia em 1812 e só retornou ao seu país depois de 33 anos.

Courtney Anderson conta a história emocionante e romântica em seu livro *To The Golden Shore* (Rumo à Praia Dourada). Mas, assim como muitos biógrafos de missionários, Anderson parece não saber o que motivava Judson. São as memórias que nos fazem ver as raízes teológicas. Hoje somos teologicamente superficiais e, por isso, não podemos imaginar quão apaixonados por doutrinas eram os primeiros missionários.

O que motivava Judson era, simplesmente, um forte compromisso evangélico com a soberania da graça (um amor missionário intenso, humilde e reverente chamado calvinismo). Judson escreveu uma liturgia birmanesa e um credo que incluía as seguintes afirma-

ções: "Deus, sabendo desde o princípio que a humanidade cairia em pecado e seria arruinada, por sua misericórdia, escolheu alguns da raça e deu-lhes o seu Filho, para salvá-los do pecado e do inferno... Adoramos a Deus... que envia o Espírito Santo para capacitar aqueles que foram escolhidos antes da fundação do mundo e dados ao Filho".[1]

O *Breve Catecismo de Westminster,* na Pergunta 20, atinge o âmago da fé exercida por Judson e acende o estopim de missões.

> *Pergunta:* Deus deixou todos os homens a perecerem na condenação do pecado e miséria?
> *Resposta:* Deus, motivado por seu beneplácito, desde toda a eternidade, tendo escolhido um povo para a vida eterna, entrou em um pacto de graça, para livrá-los da condição de pecado e miséria e trazê-los à condição de salvos por meio de um Redentor. (Ef 1.3-4; 2 Ts 2.13; Rm 8.29-30; 5.21; 9.11-12; 11.5-7; At 13.48; Jr 31.33.)

O termo "aliança da graça" está repleto de esperança agradável e preciosa. Refere-se à decisão e ao juramento espontâneo de Deus para empregar toda a sua onipotência, sabedoria e amor para resgatar seu povo do pecado e miséria. A aliança é iniciada e realizada completamente por Deus mesmo. E não pode falhar. "Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim" (Jr 32.40).

A aliança da graça é válida para todos os que crêem. Todos os que quiserem podem vir e desfrutar desta salvação. E, sendo este querer uma obra da graça soberana de Deus (Ef 2.5-8), aqueles que crerem e vierem são os eleitos — eleitos em Cristo "antes da fundação do mundo" (Ef 1.4). A aliança foi selada no coração de Deus antes que o mundo existisse (2 Tm 1.9).

Esta aliança da graça é o clamor de vitória sobre todos os conflitos no campo missionário. A graça de Deus triunfará. Ele tem um compromisso de aliança e de juramento para salvar todos os que es-

tão predestinados para a vida eterna, de cada tribo, língua, povo e nação (At 13.48; Ap 5.9). "Jesus estava para morrer pela nação [de judeus] e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos" (Jo 11.51-52). O clamor da batalha de missões é: "O Senhor tem outras ovelhas, não deste aprisco. Ele as trará (um compromisso de aliança!); elas ouvirão (um compromisso de graça) a voz dEle" (Jo 10.16).

Enquanto estava na Birmânia, Adoniram Judson pregou um sermão sobre João 10.1-18. Qual foi o objetivo de Judson? "Embora envolvidas no amor eletivo do Salvador, [as suas ovelhas] podem até vaguear nas montanhas obscuras do pecado." Portanto, o missionário tem de chamar a todos com a mensagem de salvação, a fim de que, conforme disse Judson, "o convite de misericórdia e amor, que penetra nos ouvidos e coração apenas dos eleitos", seja eficaz.[2]

Se desejamos ver homens semelhantes a Adoniram Judson, William Carey, John G. Paton, Henry Martyn e Alexander Duff surgir entre nós, outra vez, devemos beber a mesma doutrina forte que os governou na causa de missões.

---

1 Citado em NETTLES, Thomas J. *By his grace and for his glory: a historical, theological, and practical study of the doctrines of grace in baptist life*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986. p. 153.

2 Ibid., 149.

55

Ó Senhor, Dá-nos Filhos da Promessa e não Filhos da Carne!

Meditação sobre Romanos 9.8

> *Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa.*

Este é o comentário de Paulo sobre o nascimento de Ismael e de Isaque (Gn 16; 17.15-21; 18.9-15; 21.1-7). Toda a história me enche com o anelo de não edificar uma igreja "bem-sucedida", com milhares de filhos "da carne".

Eis o que estou querendo dizer. Deus prometeu a Abraão: "Aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro" (Gn 15.4). Como o número das estrelas, "será assim a tua posteridade" (Gn 15.5). No entanto, Sara, a esposa de Abraão, era estéril (Gn 11.30). E "não lhe dava filhos" (Gn 16.1).

Imagine Abraão servindo como um pastor. O Senhor diz: "Eu te abençoarei e farei próspero o teu ministério". Mas, depois de algum tempo, há pouco fruto. A igreja é estéril e não dá filhos.

O que Abraão fez? Começa a desesperar-se da intervenção

sobrenatural. Está envelhecendo. Sua esposa continua estéril. Por isso, ele decide ter o filho prometido por Deus sem a intervenção sobrenatural. Ele tem relação sexual com Agar, a serva de Sara (Gn 16.4). O resultado, porém, não é um "filho da promessa", e sim um "filho da carne" — Ismael.

Deus surpreendeu Abraão, ao dizer-lhe: "Dela [Sara] te darei um filho" (Gn 17.16). Então, Abraão clama a Deus: "Tomara que viva Ismael diante de ti" (Gn 17.18). Abraão quer que a obra de sua própria carne seja o cumprimento da promessa de Deus. Mas Deus lhe responde: "Sara, tua mulher, te dará um filho" (Gn 17.19).

Sara tem agora noventa anos. Durante toda a vida, ela fora estéril e agora não tem mais seus ciclos de menstruação (Gn 18.11). Abraão está com cem anos. Deus havia adiado tanto o cumprimento da promessa, que agora ela se torna humanamente impossível. A única esperança para um filho é a intervenção sobrenatural.

Isto é o que significa ser um filho da promessa — ser nascido não "da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1.13). Os únicos filhos que são contados como filhos de Deus, neste mundo, são aqueles gerados sobrenaturalmente como filhos da promessa. Este é o principal ensino dessa passagem do Antigo Testamento. Em Gálatas 4.28, Paulo disse: "Vós [crentes]... sois filhos da promessa, como Isaque". Nasceram segundo o Espírito, não segundo a carne (Gl 4.29).

Pense novamente sobre Abraão como um pastor. Sua igreja não está crescendo da maneira que ele acha que Deus prometeu. Abraão está cansado de esperar pela intervenção sobrenatural. O que ele faz? Volta-se aos meros artifícios humanos e decide que pode atrair pessoas sem a obra sobrenatural do Espírito Santo.

E pode. No entanto, não será uma igreja cheia de pessoas como Isaque, e sim como Ismael — filhos da carne, não filhos de Deus.

Deus nos livre desse tipo de sucesso. Quão sutil é a tentação para sermos "bem-sucedidos" aos olhos do homem. Deus, porém, olha para o coração e conhece a diferença entre as orações fundadas na dependência dEle e a confiança nos métodos humanos.

56

Conseqüências do Pecado Perdoado

Quando o sofrimento não é uma penalidade

Fui novamente cativado pela história do pecado de Davi contra Urias (assassinato) e Bate-Seba (adultério), bem como pela reação de Deus em 2 Samuel 11 e 12. Davi reconheceu que o autor de tais ofensas merecia a morte (2 Sm 12.5). Contudo, o profeta Natã lhe disse no final: "Também o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás" (2 Sm 12.13). Isto é graça admirável. Deus perdoa o pecado e remove a penalidade de morte.

Embora o pecado tenha sido perdoado e removida a sentença de morte, Natã disse: "Mas, posto que com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do Senhor, também o filho que te nasceu morrerá" (2 Sm 12.14). Apesar de haver o perdão, ainda permanece alguma "penalidade" por causa do pecado. Destaquei o vocábulo *penalidade* porque acredito que temos de distinguir as conseqüências do pecado perdoado (v. 13) das conseqüências do pecado não-perdoado. Estas são adequadamente chamadas de penalidades; aquelas deveriam ser chamadas de "conseqüências disciplinares". Ou seja, estão relacionadas ao pecado e refletem o desprazer de

Deus para com este, mas não têm como alvo a justiça eqüitativa. O objetivo das conseqüências do pecado perdoado não é acertar as contas exigidas por uma penalidade justa.

É para isso que existe o inferno. Existe um julgamento cujo propósito é vindicar o direito por meio da restituição do erro, estabelecendo, assim, a eqüidade no reino de Deus, um reino de justiça. A cruz faz isso para aqueles que estão em Cristo, e o inferno o faz para todos aqueles que não estão em Cristo. A maldição que merecíamos foi lançada sobre Cristo, na cruz, se cremos nEle (Gl 3.13), mas recairá sobre nós, no inferno, se não cremos nEle (Mt 25.41). "A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). Se Deus perdoa o pecado e, conforme aconteceu com Davi, os trata como não merecedores de punição, isto é apenas um misericordioso adiamento na retribuição. Ou o pecado é corrigido na cruz, conforme Paulo disse em Romanos 3.25, ou o será no "dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus" (Rm 2.5).

No entanto, o alvo das conseqüências do pecado perdoado, as quais são enviadas por Deus, não é acertar as contas exigidas pela penalidade da justiça. Os alvos dessas conseqüências são: 1) demonstrar a excessiva malignidade do pecado; 2) mostrar que Deus não trata com leviandade o pecado, mesmo quando deixa de lado a punição; 3) humilhar e santificar o pecador perdoado.

Hebreus 12.6 nos ensina que "o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe". O propósito não é penalizar, e sim purificar. "Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hb 12.10-11).

Nem toda dor da disciplina ordenada por Deus resulta diretamente de algum pecado que cometemos, mas todas as dores são designadas para o nosso bem como pecadores perdoados. É imensamente importante que ensinemos isso num tempo em que existe desequilíbrio de ênfase na ternura perdoadora do Pai e exclusão da severidade perdoadora do Pai. Por isso, muitas pessoas não têm quaisquer

parâmetros para lidar com as conseqüências do pecado em suas vidas, exceto o de subestimar a preciosidade do perdão ou o de acusar a Deus de castigo duplo em punir o que já foi perdoado.

Pelo poder da verdade e do Espírito, temos de aprender a nos deleitarmos na graça de Deus, no perdão dos pecados, na esperança da glória e no gozo do Senhor, ao mesmo tempo que estamos sofrendo as conseqüências de pecado perdoado. Não devemos igualar o perdão à ausência de conseqüências dolorosas. A vida de Davi é uma ilustração vívida desta verdade.

57

Por que Deus Criou as Famílias?

Considerando a revelação de Deus

Por que Deus criou as famílias? Uma resposta óbvia para esta pergunta é que as famílias existem para cumprir o propósito de multiplicarem as pessoas e encherem a terra. Foi isso que Deus ordenou a Adão e Eva, no princípio: "Multiplicai-vos, enchei a terra" (Gn 1.28).

Mas essa não é uma resposta suficiente, porque Deus poderia ter criado os seres humanos com a capacidade de se reproduzirem como os vermes da terra. Ele poderia ter pulado a infância e ter evitado toda a idéia de um casamento que dura pelo resto da vida, bem como os anos de infância e de criação dos filhos. Então, por que Deus criou e ordenou que homem e mulher se casassem, para terem filhos pequenos e frágeis e passarem anos e anos criando esses filhos em relacionamentos familiares? (Estou admitindo que lares de pais sozinhos são famílias, assim como corpos são corpos mesmo quando perdem um membro.)

Oferecemos seis razões bíblicas que explicam por que Deus fez as coisas à sua maneira.

1. Deus criou o homem e a mulher de modo que o gozo deles chegasse à plenitude por compartilharem o dom da vida, não por viverem isolados. "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18).

O casamento é o instrumento mais básico de estender e expandir o gozo de Deus no bem do próximo, mas as pessoas solteiras também experimentam isso, em amizades preciosas e na vida do corpo de Cristo. Precisamos tanto disso, que criancinhas sem famílias se tornam autistas.

2. Deus criou o casamento como um anúncio do relacionamento entre Cristo e a igreja. "Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne... Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja" (Gn 2.24; Ef 5.32).

Esta é a razão mais profunda por que Deus odeia o divórcio (Ml 2.16). Votos de casamento rompidos deformam o retrato do indestrutível amor de Cristo por sua noiva, a igreja (Ef 5.25).

3. Deus criou a paternidade para revelar aos filhos e a todos nós a paternidade dEle mesmo, bem como o seu poderoso e amável cuidado. "É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige?" (Hb 12.7).

Deus é revelado nas Escrituras principalmente como pai e, em grau menor, como mãe, porque, conforme eu penso, Ele tenciona ressaltar sua autoridade e poder orientador, protetor e supridor. Numa família que tem pai e mãe, Deus chama os pais a cumprirem esta responsabilidade especial. As mães equilibram e complementam esta responsabilidade, de muitas maneiras, em especial com o calor, ternura e cuidado exclusivos das mulheres, os quais constituem seu próprio vigor. Famílias existem para revelar Deus aos filhos.

4. Deus criou famílias com pais e bebês que têm de crescer para que os pais e todos nós pudéssemos aprender que a fé é semelhante a tornar-se uma criança. "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como

esta criança, esse é o maior no reino dos céus" (Mt 18.3-4).

As famílias revelam não somente como Deus se relaciona conosco na amável provisão, autoridade, força e orientação dos pais, mas também como devemos nos relacionar com Ele na dependência feliz e completa que uma criancinha demonstra para com seus pais.

5. Deus estabeleceu as famílias para que estas transmitam a verdade dEle e a nossa fé, de uma geração para outra. "Vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6.4). "Ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança" (Sl 78.5-7).

6. Deus criou as famílias para revelar a maneira como os membros da igreja devem se relacionar uns com os outros, ou seja, como uma família de irmãos, irmãs, mães e pais. "Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza" (1 Tm 5.1-2).

Paulo chamava constantemente os outros crentes de "irmãos" e "irmãs". No reino vindouro, não haverá casamentos ou geração de filhos. "Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu" (Mt 22.30). A família, como a conhecemos agora, será mudada. Mas, no tempo presente, ela existe para revelar Deus ao mundo e elucidar relacionamentos no corpo de Cristo que permanecerão para sempre.

58

Você se Deleita em Sentir Medo?

Meditação sobre algumas maravilhosas palavras de temor

Em vez de tentar definir o "temor do Senhor", gostaria de motivá-lo a seguir esse temor. Se você quer experimentar muito do temor do Senhor, provavelmente fará as leituras necessárias e meditará para descobrir o que significa esse temor. Para muitos de nós, temer é algo do que desejamos nos livrar, e não experimentar mais. Se isso é verdade a respeito do temor do Senhor, existe algo errado em nosso coração ou em nosso entendimento desse temor.

Você já reuniu algumas promessas espetaculares feitas àqueles que temem a Deus? Elas são tão maravilhosas que você poderia até imaginar que temer a Deus tem de ser a coisa mais emocionante deste mundo — e realmente é. Espero que você seja motivado a seguir, com todo empenho, o temor do Senhor.

A intimidade do Senhor:

> *A intimidade do* SENHOR *é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança* (Sl 25.14).

O cuidado atencioso do Senhor:

> *Eis que os olhos do SENHOR estão sobre os que o temem* (Sl 33.18).

O livramento da parte dos anjos do Senhor:

> *O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra* (Sl 34.7).
>
> *Ao SENHOR, vosso Deus, temereis, e ele vos livrará das mãos de todos os vossos inimigos* (2 Rs 17.39).

Livramento das necessidades:

> *Nada falta aos que o temem* (Sl 34.9).

A compaixão paternal do Senhor:

> *Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem* (Sl 103.13).

O misericórdia permanente de Deus:

> *A misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem* (Sl 103.17).

Ser um deleite para Deus:

> *Agrada-se o SENHOR dos que o temem* (Sl 147.11).

Ter o princípio e a essência da sabedoria:

> *O temor do Senhor é a sabedoria* (Jó 28.28).
>
> *O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria* (Sl 111.10; Pv 9.10).

Beber da fonte da vida:

> *O temor do SENHOR é fonte de vida para evitar os laços da morte* (Pv 14.27).

Ser uma pessoa satisfeita:

> *O temor do Senhor conduz à vida; aquele que o tem ficará satisfeito* (Pv 19.23).

Isto é tão bom que poderíamos indagar se pecadores como nós temos a esperança de fazer alguma coisa tão maravilhosa, que Deus responda com tal bondade espetacular. Mas isso seria uma maneira de pensar retrógrada. A verdade é que nós, pecadores, não vencemos nosso pecado de modo tão espetacular, que Deus reage com bênçãos. A verdade é o contrário: "Contigo, porém, [ó Deus] está o perdão, para que te temam" (Sl 130.4). Deus inspira o temor por perdoar nossos pecados, e não por condenar-nos. Sei que isso parece estranho, mas é bastante confortador. Se os benefícios dependem de temermos a Deus, devemos lembrar que o temer a Deus depende do perdão completamente imerecido da parte dEle. É admirável que Isaías tenha dito sobre o Servo do Senhor: "Deleitar-se-á no temor do Senhor" (Is 11.3). Espero que você sinta tanto prazer no temor do Senhor, que o buscará com todas as suas forças.

59

Como Você Obedece a Ordem de Nascer de Novo?

Reflexões sobre o levantar-se dentre os mortos

Como você obedece ao mandamento de nascer de novo? Antes, faça outra pergunta: quando Jesus ordenou a Lázaro que ressuscitasse dos mortos, como ele obedeceu a essa ordem? João 11.43 diz: "[Jesus] clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!" Esta ordem foi dada a um homem morto. O versículo seguinte acrescenta: "Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras".

Como Lázaro fez isso? Como um homem morto obedece a ordem de viver novamente? A resposta parece ser: a ordem leva consigo o poder de criar uma nova vida. Obedecer à ordem de nascer de novo significa fazer o que pessoas vivas fazem. Isto é extremamente importante. A ordem de Deus: "Levanta-te de entre os mortos!" leva consigo o poder de que necessitamos para obedecer-Lhe. Não obedecemos a esta ordem criando essa vida. Obedecemos a essa ordem fazendo o que pessoas vivas fazem — Lázaro saiu para fora. Ele ressuscitou. Caminhou até Jesus. A chamada de Deus cria vida. Respondemos no poder daquilo que a chamada criou.

Em Efésios 5.14, Paulo disse: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará”. Como você obedece à ordem de acordar do seu sono? Se a casa estivesse cheia de monóxido de carbono, e alguém gritasse: “Acorde! Salve-se! Saia!”, você não obedeceria esta ordem acordando a si próprio. A altissonante e poderosa ordem, por si mesma, o desperta. Você obedece por fazer aquilo que pessoas acordadas fazem diante do perigo. Você se levanta e sai da casa. A chamada cria o despertar. Você reage no poder do que a chamada criou.

Creio que isto explica por que a Bíblia diz coisas paradoxais a respeito do novo nascimento, ou seja, que temos nós mesmos de obter um novo coração, mas é Deus quem cria o novo coração. Por exemplo:

Deuteronômio 10.16: *Circuncidai... o vosso coração.*

Deuteronômio 30.6: *O Senhor, teu Deus, circuncidará o teu coração.*

Ezequiel 18.31: *Criai em vós coração novo e espírito novo.*

Ezequiel 36.26: *Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo.*

João 3.7: *Importa-vos nascer de novo.*

1 Pedro 1.3: *“Deus... nos regenerou* [fez nascer de novo].

“Circuncidar o coração” significa fazer o que fazem as pessoas que têm o coração circuncidado. Seja cuidadoso para com Deus e abandone todo o mal. Separe a sua vida para Deus e seja diferente do mundo. Tudo isto é possível somente por causa da promessa: “O Senhor, teu Deus, circuncidará o teu coração”. Como diz Filipenses 2.12-13: “Desenvolvei a vossa salvação... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. “Desenvolvei a vossa salvação” corresponde a “circuncidai... o vosso coração”. “Deus é quem efetua em vós” corresponde a “o Senhor, teu Deus, circuncidará o teu coração”. A conexão é que o nosso fazer depende de Deus fazê-lo primeiro. Ele inicia e capacita.

De modo semelhante, “criai em vós coração novo” significa que

devemos agir em novidade de coração e dar passos de acordo com essa novidade. A promessa "dar-vos-ei coração novo" significa que Deus é o criador decisivo do novo coração. Deus nos dá o novo coração, e agimos de acordo com ele.

Igualmente, o modo de obedecermos à ordem de nascer de novo é, primeiramente, experimentar a dom divino da vida espiritual e fazer o que pessoas vivas fazem — invocar a Deus com fé, gratidão e amor. Quando a ordem de Deus nos alcança com o poder de criar e converter do Espírito Santo, essa ordem nos dá vida. A evidência de que a ordem divina nos alcançou criando vida é que reagimos com vida, fé, esperança e alegria. Se essa resposta está em nós, somos nascidos de Deus e temos obedecido à ordem.

Você já nasceu de novo? Tem um novo coração? Ressuscitou espiritualmente de entre os mortos? Esta é a obra de Deus em e por trás de sua resposta de fé. Portanto, responda com humilde confiança, reconhecendo no próprio ato o toque soberano de Deus.

60

Inspirados pela Incrível Igreja Primitiva

Senhor, dá-nos uma imitação santa!

É avassalador ser envolvido no espírito daqueles primeiros séculos, quando o cristianismo se espalhou pelos lugares mais distantes, por intermédio de santos desconhecidos e inumeráveis em culturas totalmente pagãs. Por volta do ano 300 d.C., não havia nenhuma parte do império romano que não tivesse sido penetrada, em alguma medida, pelo evangelho. Que fatores humanos Deus ordenou para realizar esta maravilhosa propagação do movimento cristão? Em sua obra *History of Christian Missions* (História das Missões Cristãs), Stephen Neill sugeriu seis fatores (páginas 39-43).

1. Em primeiro lugar, e acima de tudo, houve a fervorosa convicção que tomou conta de grande número dos crentes primitivos. Eusébio de Cesaréia (260-340 d.C.), historiador da igreja, descreveu a maneira como o evangelho se propagou:

> *Nesse tempo [por volta do começo do segundo século], muitos crentes sentiram suas almas inspiradas pela santa palavra, com um ardente desejo por per-*

feição. O procedimento deles, em obediência às instruções do Salvador, era vender seus bens e distribuí-los entre os pobres. Deixando as suas casas, resolviam cumprir a obra de um evangelista, tendo como sua ambição o pregar a palavra da fé àqueles que ainda não tinham ouvido nada a respeito dela e confiar-lhes os livros dos evangelhos divinos. Eles se contentavam em apenas lançar os fundamentos da fé entre estes povos estrangeiros; depois, eles designavam outros pastores e lhes confiavam a responsabilidade de edificar aqueles que haviam trazido à fé. Em seguida, dirigiam-se a outros países e nações com a graça e a ajuda de Deus.

2. A sólida mensagem histórica que os crentes trouxeram era realmente boas-novas e uma alternativa agradável para as religiões de mistério daqueles dias. Não era uma filosofia; eram novas de algo que havia acontecido. “Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho... Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Co 15.1-4).

3. As novas comunidades de crentes recomendavam-se a si mesmas pela sua pureza de vida. “[Cristo] a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14).

4. As comunidades de crentes eram caracterizadas pela lealdade mútua e rejeição do antagonismo entre as classes. “No qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos” (Cl 3.11).

5. Os crentes eram conhecidos pela realização primorosa do serviço de caridade, especialmente para aqueles que pertenciam à igreja. “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). O imperador

romano Juliano, escrevendo no início do século IV, lamentou o progresso do cristianismo porque este afastava as pessoas dos deuses romanos. Ele disse: "O ateísmo [ou seja, a fé cristã!] tem se propagado especialmente por meio do serviço amável prestado a estranhos e do cuidado pelo sepultamento dos mortos. É um escândalo que não haja um único judeu que seja um mendigo e que os galileus ímpios se preocupam não apenas com os seus pobres, mas também como os nossos, enquanto aqueles que pertencem ao nosso povo buscam em vão a ajuda que lhes deveríamos prestar".[1]

6. A perseguição dos crentes e a sua prontidão de sofrer causou um impacto dramático nos incrédulos. "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1 Pe 2.12). Stephen Neill observa: "No império romano, os crentes não tinham o direito legal de existir... Todo crente sabia que mais cedo ou mais tarde teria de testemunhar a sua fé ao custo de sua própria vida".[2]

Estamos na virada de um milênio. Que Deus levante centenas de milhares de crentes extraordinários e comunidades de crentes que tenham essa paixão. Com essa herança, sou novamente inspirado a ouvir e obedecer à mensagem de Hebreus 6.12: "Não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas". Senhor, dá-nos a imitação santa daqueles poderosos dias.

1 Citado em Neill, Stephen. *A history of christian missions*. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1964. p. 42
2 Ibid., p. 43.

61

Os Admiráveis Avisos de Mateus para não Sermos Discípulos Falsos

Pensamentos sobre a necessidade de justiça prática

Mateus parece especialmente encarregado de alertar-nos sobre o perigo de pensarmos que somos salvos, quando não o somos. Esta não parece ser a preocupação de muitas pessoas de nossos dias, as quais se mostram mais dispostas a proporcionar sentimentos de segurança a indivíduos que não têm vida espiritual autêntica. Precisamos ouvir as advertências de Jesus, relatadas por Mateus. Segurança de salvação é algo precioso, tão precioso e tão necessário (Hb 3.14), que não ousamos diluí-lo com sentimentos de segurança separados de vidas transformadas.

Mateus 5.20: "Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus". A justiça aqui exigida é a justiça imputada de Cristo, como o alicerce indispensável da vida cristã. O restante de Mateus 5 ilustra a justiça prática e sincera que Jesus demanda. Esta passagem contrasta os mandamentos de Jesus com os mandamentos (e uso errado por parte dos fariseus) do Antigo Testamento. A justiça que excede a dos fariseus e leva ao

reino de Deus é delineada em Mateus 5.21-48.

Mateus 7.21-23: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade". Profetizar, expulsar demônios e realizar obras poderosas em nome de Jesus não provam que Jesus nos conhece. A evidência de ser conhecido de modo salvífico por Jesus é ser alguém que parou de fazer o mal, ou seja, ter uma justiça que excede à dos escribas e fariseus. Zelo religioso e até realização de milagres não provam a existência de um novo coração de amor.

Mateus 13.20-21: "O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza". A alegria que se evapora no calor da aflição não é a alegria em Deus, e sim alegria no conforto. Paulo disse saber que Deus havia escolhido os tessalonicenses porque eles tinham "recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo" (1 Ts 1.6). Alegria na tribulação é a evidência da alegria em Deus, e não alegria na tranqüilidade.

Mateus 13.47-50: "O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes". Observe atenciosamente que os peixes lançados fora, na fornalha, também foram apanhados pela rede do reino. Foram apanhados pelo reino, mas não estavam preparados para a vida eterna. É possível alguém experimentar os poderes do reino e não ser do reino — tal como os realizadores de milagres em Mateus 7.22 (ver Hebreus 6.5).

Mateus 22.2, 10-14: “O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho... E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados. Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes”. Esta situação é semelhante à dos peixes ruins apanhados na rede do reino. A falta da veste nupcial provavelmente representa a falta de justiça que excede à dos escribas e fariseus. O homem mal vestido foi atraído pelo poder do reino, atraído do mundo para a sala do banquete, tal como o peixe apanhado pela rede, mas esse homem não estava preparado para o reino e, por isso, foi lançado fora.

Além de todos esses avisos, considere a penalidade infligida ao servo incompassivo (18.23-25); as cinco virgens néscias que viverem com as fiéis, mas foram negligentes quanto ao óleo (25.1-13); o destino do homem que recebeu um investimento do Senhor, mas nada fez com esse investimento (25.14-30); as pessoas que, em muitas maneiras, pareciam ovelhas-discípulos mas, na realidade, eram lobos (7.15), os que se declaram profetas cristãos que fazem sinais e maravilhas, porém são falsos (24.24) e o discípulo (durante três anos!) chamado Judas Iscariotes, que traiu a Jesus (10.4).

Oh! quão sério é o assunto de autenticidade na vida cristã! Uma decisão por Cristo não é tão crucial como um vida para Cristo. Deus leva em conta somente a realidade. Portanto, aprendamos três lições: 1) “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos” (2 Co 13.5); 2) “Entrai pela porta estreita... porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.13-14); 3) “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.16). Os frutos não são a justificação pelas obras, e sim a evidência indispensável da justificação pela fé.

62

Como os Forasteiros Servem à Cidade

Vivendo bem quando Deus e Satanás agem na Terra

Suponha que eu visite a casa de um amigo e, ao dirigir-me até à porta, jogue uma lata de Coca-Cola vazia no jardim. Você me vê fazendo isso e pergunta: “Você não a deixará ali, não é?” Eu respondo: “E por que não? Este não é o meu jardim”. Você se impressionaria?

Existe uma atitude semelhante que temos de evitar quando pensamos sobre nós mesmos como forasteiros na terra. O apóstolo Pedro nos chamou “peregrinos e forasteiros” (1 Pe 2.11). E Paulo disse: “Nossa pátria está nos céus” (Fp 3.20). Por isso, talvez digamos irrefletidamente a respeito da maneira como tratamos nossa cidade: “Por que não? Este não é meu mundo”.

É verdade que o hino de Maltbie Babcock proclama: “Este é o mundo de meu Pai”. Está correto. “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém” (Sl 24.1; Êx 9.29; 1 Co 10.26). Também é verdade que o homem foi colocado aqui para encher a terra, subjugá-la e governá-la (Gn 1.28). Além disso, Deus prometeu a Abraão e seus descendentes que ele seria “herdeiro do mundo” (Rm 4.13).

Jesus disse: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5.5).

No entanto, Paulo fala de Satanás como o “deus deste século” (2 Co 4.4), e João diz que “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5.19). No deserto, o diabo fez a reivindicação de possuir todos os reinos do mundo à sua disposição, para dar a Cristo, se tão-somente Ele o adorasse (Mt 4.8). Embora Paulo tenha dito que “não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”, ele também fala sobre os “principados e potestades... os dominadores deste mundo tenebroso” (Ef 6.12). Evidentemente, este mundo está sob um cerco que Deus permite para cumprir seus propósitos sábios e santos. Jesus veio para invadir e conquistar os poderes estranhos que agora, estando sob o controle de Deus, reivindicam a posse deste mundo. Por isso, Jesus disse: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (Jo 12.31). Satanás é um dominador deste mundo, mas não por direito de criação, nem por herança, nem por poder. O governo dele é subordinado e temporário.

Por conseguinte, ainda que como filhos de Deus herdaremos a terra, quando ela for tornada nova, no reino (Ap 21.1), em um sentido profundo, este mundo não é o nosso lar. Quando deixarmos este corpo, estaremos em casa, “com o Senhor” (2 Co 5.8). Visto que nossa verdadeira pátria está com Deus, no céu, não devemos nos conformar “com este século” (Rm 12.2). Nossa vida “está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3.3). Fomos libertados “do império das trevas” e transportados “para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13). “Já passamos da morte para a vida” (1 Jo 3.14). Somos forasteiros e estranhos neste mundo.

Como devemos viver neste lugar estranho? Devemos estar envolvidos na maneira como este mundo se comporta? Devemos nos importar com o que acontece aqui?

Uma resposta provém simplesmente da cortesia cristã de não jogarmos lixo no jardim de outrem. Fazer aos outros o que desejamos que façam conosco (Mt 7.12) é uma grande resposta no esclarecimento deste assunto. Esperamos que os estrangeiros de nosso país

trabalhem intensamente e façam sua parte para que as coisas funcionem.

Contudo, há mais. Deus tem uma mensagem para os seus exilados e para a forma de se comportarem em lugares estrangeiros. A mensagem se encontra em Jeremias 29.4-7: “Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados que eu deportei de Jerusalém para a Babilônia: Edificai casas e habitai nelas; plantai pomares e comei o seu fruto... Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz”.

Se isso era verdadeiro para os exilados de Deus na Babilônia, poderia ser muito mais verdadeiro para os forasteiros cristãos neste mundo “babilônico”. Então, o que devemos fazer?

Devemos fazer as coisas comuns que precisam ser feitas: construir casas, viver nelas, plantar jardins. Isto não o contamina, se você o fizer para o verdadeiro Rei e não apenas para ser visto como alguém que agrada aos homens.

Procure a paz da cidade para qual Deus o enviou — Minneapolis, Los Angeles, Atlanta, Detroit, Bangkok, Londres, Almata, Manila, Kankan, Grand Rapids... Pense em si mesmo como alguém enviado por Deus à sua cidade, pois você o é.

Ore ao Senhor em benefício de sua cidade. Faça orações longas. Peça que coisas boas e grandes aconteçam em favor da cidade. Evidentemente, Deus não está alheio ao bem-estar de sua cidade “estrangeira”. Uma das razões por que Ele está interessado é que na paz da cidade o seu povo encontra paz.

Isto não significa que desistimos de nossa orientação como forasteiros. De fato, faremos grande bem a este mundo se mantivermos resoluta liberdade das atrações ilusórias do mundo. Servimos melhor à nossa cidade por obtermos nossos valores da cidade “que há de vir” (Hb 13.14). Fazemos maior bem à nossa cidade se chamarmos muitos de seus habitantes a se tornarem cidadãos da “Jerusalém lá de cima” (Gl 4.26). Que o Senhor dos céus e da terra nos dê graça e sabedoria para vivermos de modo que os nativos desta terra queiram conhecer nosso Rei. Para o bem da cidade em que vivemos, não nos conformemos com a nossa época.

63

MONTANHAS NÃO DEVEM SER INVEJADAS

Pensamentos notáveis sobre Charles Spurgeon

Montanhas não existem para ser invejadas. Na realidade, não existem nem mesmo para serem possuídas por alguém, na terra. Como afirmou Davi, elas são "as montanhas de Deus" (Sl 36.6).

Se você tentar fazer com que uma colina imite uma montanha, você estará zombando da colina. As colinas têm o seu papel, assim como as planícies. Se todo o mundo fosse montanhas, onde plantaríamos os cereais? Toda vez que você comer pão, diga: "Eu te dou graças, Senhor, pelas campinas!"

Estou falando sobre Charles Haddon Spurgeon. Estou advertindo meu ego hesitante de que ele não pode ser imitado. Ele pregou como pastor de uma igreja batista, em Londres, de 1854 a 1891 — trinta e oito anos de ministério em um único lugar; e morreu em 31 de janeiro de 1892, com a idade de cinqüenta e sete anos.

A coletânea dos seus sermões enchem sessenta e três volumes, equivalentes aos vinte e sete volumes da nona edição da Enciclopédia Britânica (em inglês), e permanece como o maior conjunto de livros

escritos pelo mesmo autor, na história do cristianismo. Spurgeon lia seis livros por semana e recordava o que estava escrito neles e onde se encontrava cada assunto. Ele leu *O Peregrino* mais de cem vezes.

Acrescentou 14.460 pessoas à membresia de sua igreja e fez ele mesmo quase todas as entrevistas de membresia. Ele podia olhar para uma congregação de 5.000 pessoas e lembrar do nome de cada um dos membros. Fundou um colégio de pastores e treinou quase 900 homens durante o seu pastorado.

Ele disse certa vez que podia contar oito grupos de pensamentos sobrevindo-lhe à mente, enquanto estava pregando. Orava freqüentemente por sua igreja durante o próprio sermão que pregava para ela. Pregava por quarenta minutos à proporção de 140 palavras por minuto, usando uma pequena folha de papel, com anotações, que ele havia preparado na noite anterior. Qual foi o resultado? Mais de vinte e cinco mil cópias de seus sermões eram vendidas todas as semanas em vinte idiomas; e a cada semana alguém era convertido por meio dos sermões escritos.

Spurgeon se casou e teve dois filhos, que se tornaram pastores. Sua esposa era inválida na maior parte da vida e raramente o ouvia pregar. Fundou um orfanato, editou uma revista, produziu mais de 140 livros, respondia 500 cartas por semana e, freqüentemente, pregava dez vezes a cada semana, em várias igrejas, bem como em sua própria igreja.

Ele sofria de gota, reumatismo e dos rins. Nos últimos vinte anos de seu ministério, esteve tão doente que ficou ausente em 1/3 dos domingos no Tabernáculo Metropolitano de Londres.

Spurgeon era liberal no que se referia à política; era um batista calvinista conservador. Falava o que pensava, acreditava no inferno e chorava por causa dos perdidos, milhares dos quais foram salvos por meio de sua paixão por ganhar almas. Era um cristão hedonista, que se aproximava, mais do que qualquer outra pessoa que eu conheço, da minha sentença favorita: "Deus é mais glorificado em nós quando nos satisfazemos mais nEle". Spurgeon afirmou: "Isto é inquestionável: traremos mais glória ao Senhor, se recebermos dEle mais graça".

O que faremos desse homem? Nem um deus, nem um alvo. Ele

não deve ser adorado, nem invejado. Ele é muito pequeno para uma coisa e muito grande para a outra. Se adoramos homens como esse, somos idólatras. Se os invejamos, somos tolos. Montanhas não existem para ser invejadas. Devem ser admiradas, para a glória de seu Criador. São as montanhas de Deus.

Além disso, temos de subir sem inveja à mente e ao coração deles, para nos deleitarmos com o que viram com muita clareza e sentiram com tanta profundidade. Devemos nos beneficiar deles sem anelar ser como eles. Quando aprendemos isso, podemos descansar e nos regozijar com eles. Até que o aprendamos, eles podem nos fazer sentir miseráveis, porque ressaltam nossa fraqueza. Sim, somos fracos, e sermos recordados disso é bom para nós. Mas também precisamos ser lembrados que, comparada à nossa inferioridade em relação a Deus, não existe distância entre nós e Spurgeon. Somos todos completamente dependentes da graça de nosso Pai.

Ele tinha os seus pecados. Isso deve nos confortar em nossos momentos de fraqueza. No entanto, em vez disso, sejamos confortados pelo fato de que a grandeza desse homem era um dom gratuito de Deus — tanto para nós como o era para Spurgeon. Portanto, pela graça de Deus, sejamos tudo o que pudermos, para a glória de Deus (1 Co 15.10). Em nossa pequenez, não nos tornemos menores por causa da inveja, e sim maiores por meio de humilde admiração e agradecimento pelos dons dos outros.

Não inveje a montanha; glorie-se no Criador dela. Você descobrirá que o ar da montanha é fresco e revigorante e que a visão é extasiante, acima de qualquer descrição.

Por isso, não inveje. Desfrute!

64

Você Aceitaria a Condenação à Morte por ser Crente?

O martírio também é moderno

Quando tínhamos tempo para um culto familiar mais demorado, à noite, meus filhos mais novos queriam ler histórias de cristãos que sofreram por sua fé. Por exemplo, lemos a história de John Bunyan, o autor de *O Peregrino*. Por mais de doze anos, ele ficou preso, enquanto sua segunda esposa, Elizabeth, cuidava dos seis filhos. Seu crime? Pregar o evangelho sem a aprovação do Estado. As autoridades o libertariam, se tivesse prometido que não pregaria. Bunyan respondeu que permaneceria na prisão até que o limo crescesse em suas pálpebras, em vez de não fazer o que Deus lhe ordenara. Ele disse que ficar separado da esposa e dos filhos "era, naquele lugar, como o arrancar a carne de meus ossos".[1] Isso era especialmente verdadeiro no que se referia à sua filha mais velha, que era cega.

Um dia, lemos sobre os anabatistas. Que história comovente eles oferecem! Hans Brett foi executado em 4 de janeiro de 1577, depois de oito meses penosos de aprisionamento na Holanda. Na manhã em que ele foi queimado na fogueira, o executor prendeu sua língua com parafusos e a cauterizou com ferro quente, para que ela inchasse

e ele não testemunhasse, enquanto era morto pelo fogo!

As mulheres também não estavam em segurança. Em 10 de março de 1528, Balthasar Hubmaier foi queimado na fogueira, em Viena, por causa de crenças anabatistas; e três dias depois sua esposa foi afogada violentamente no rio Danúbio. A mesma morte sobreveio a Margaretha Sattler, oito dias depois da morte de seu esposo Michael, na fogueira. Ela foi afogada no rio Neckar, que passava ao lado de Rotemburgo.

Então, começamos a perceber, como família, que o martírio também continuava a acontecer em nossos próprios dias. Em 3 de dezembro de 1990, depois de ser torturado durante um mês de aprisionamento, Hossein Soodmand, um pastor de cinqüenta e cinco anos, ordenado na Assembléia de Deus, foi enforcado no Irã. Ele era um dos poucos pastores iranianos que haviam deixado o islamismo pela fé cristã. Em março de 1991, Lynda Bethea, uma missionária batista de quarenta e dois anos de idade, foi morta no Quênia, quando foi ajudar seu esposo, perto de Nairobi. Eles estavam indo ao encontro de seus dois filhos na academia americana Rift Valley.

David Barrett, em seu artigo *Status of Global Mission* (Status de Missões Globais), publicado em 1996, no *International Bulletim of Missionary Research* (Boletim Internacional de Pesquisa Missionária) informou que naquele ano houve aproximadamente 159.000 mártires cristãos, ao redor do mundo, pessoas que morreram por causas relacionadas à sua fé cristã.

Quando leio estas coisas, sinto desejo de viver de maneira cada vez mais simples. Isso me faz desejar ter pouco para me manter neste mundo. Faz-me desejar ser completamente cativado por Jesus, de modo que para mim o viver seja Cristo, e o morrer, lucro (Fp 1.21).

Você pode dizer, com esses crentes: “A tua graça é melhor do que a vida” (Sl 63.3)? Melhor do que a vida! Viver no amor de Deus é melhor do que viver com esposa, filhos e um ministério significativo. Oh! que Deus venha e nos arrebate a esse tipo de devoção sincera!

---

1 Citado de BUNYAN, John. *Grace abounding*. In: BEAL, Rebecca. “Pulling flesh from my bones.” *Christian history* 5, no. 3:14.

65

Resoluções de Adolescentes em Honra do Pai e da Mãe

O que peço a Deus que nossos adolescentes digam

Ao escrever estas palavras, dois de meus filhos estão saindo da adolescência (vinte e quatro; vinte e um anos), dois são adolescentes (dezessete e catorze anos), e um deles está nos doze anos de idade. Preparei estas resoluções e as apresentei aos adolescentes de ensino fundamental e médio de nossa igreja, há alguns anos. Esta é a minha visão do que é possível, no poder do Espírito de Cristo, sob a influência da Palavra de Deus.

1ª Resolução: obedecerei as instruções de vocês e farei o que sei que esperam de mim, mesmo quando não o dizem. Não os forçarei a repetirem ordens, o que, às vezes, chamo de importunação.

2ª Resolução: não reclamarei nem murmurarei quando cumprir minhas tarefas caseiras. Pelo contrário, lembrarei que coisa maravilhosa é ter uma família, um lar, roupas, comida, água e luz elétrica num mundo em que milhões de adolescentes não têm nenhuma dessas coisas.

3ª Resolução: quando eu pensar que as exigências dos adultos são injustas, primeiramente eu as cumprirei; e, depois de mostrar uma atitude de obediência, perguntarei se podemos conversar e lhes explicarei a minha opinião, procurando entender a de vocês.

4ª Resolução: não me negarei a conversar com vocês, tampouco lhes darei o tratamento de silêncio, que detesto receber de meus amigos. Se me sentir deprimido e quiser ficar sozinho, lhes direi: "Desculpem-me, não estou com vontade de conversar agora. Podemos conversar depois? Não estou com raiva; quero apenas ficar sozinho".

5ª Resolução: Quando fizer algo errado e desapontá-los, pedirei desculpas com sinceridade, usando palavras audíveis, como: "Mamãe, desculpe-me, não apanhei as roupas".

6ª Resolução: eu os chamarei com títulos afetivos como "mamãe", "papai", "mãezinha", "paizinho". Não permitirei que outros adolescentes me pressionem a chamá-los de qualquer coisa ou a usar termos desrespeitosos, como se a afeição verdadeira fosse algo embaraçoso ou infantil.

7ª Resolução: direi freqüentemente "muito obrigado!", pelas coisas comuns que vocês fazem por mim. Não as receberei como coisas que sempre farão, como se fossem meus escravos.

8ª Resolução: falarei sobre os meus sentimentos: tanto os positivos (felicidade, compaixão, motivação e simpatia) como os negativos (raiva, temor, tristeza, solidão e desânimo). Lembrarei que sentimentos não-compartilhados levam à desavença, à frieza, bem como ao isolamento e abatimento.

9ª Resolução: decido que rirei com a família e não da família. Rirei especialmente quando meus irmãos mais novos contarem anedotas simples, com entusiasmo.

10ª Resolução: oferecerei dois elogios para cada crítica. E todo

criticismo terá o objetivo de ajudar alguém a melhorar, e não o de menosprezar ou prejudicar.

11ª Resolução: participarei do culto doméstico, tratando com respeito a leitura bíblica e a oração. Farei a minha parte em ajudar os outros membros da família a se regozijarem nessas coisas. Quando não me sentir espiritualmente forte, orarei sobre isso como uma necessidade pessoal, em vez de jogá-lo sobre os outros como um balde de água fria. Lembrarei que a fraqueza confessada une os corações.

12ª Resolução: não pagarei o mal com o mal, nem tentarei justificar minha vileza com o fato de que, primeiro, alguém me tratou com desprezo.

13ª Resolução: lerei a Bíblia e orarei todos os dias, ainda que seja apenas um versículo e um breve clamor por ajuda. Sei que os adolescentes não podem viver somente de pão, mas de toda a Palavra que procede da boca de Deus.

14ª Resolução: chegarei em casa na hora combinada. Se acontecer algo que me impeça, telefonarei, explicarei e pedirei a orientação de vocês.

15ª Resolução: saudarei com educação e respeito os nossos visitantes e procurarei fazer com que fiquem contentes por estarem conosco.

16ª Resolução: sempre contarei a verdade, para que vocês confiem em mim e dêem-me mais e mais liberdade, à medida que fico mais velho.

17ª Resolução: orarei por vocês enquanto viver, para que sejamos unidos em fé e amor, não somente neste mundo, mas também durante toda a eternidade, no reino de Deus.

66

Aprendendo com um Grande Homem a Desfrutar da Comunhão com Deus

Pensamentos sobre como relacionar-se pessoalmente com a Trindade

Poucos livros têm me levado a uma comunhão tão profunda com Deus quanto *Communion with God* (Comunhão com Deus), escrito em 1657, por John Owen, o maior puritano, pastor e teólogo do século XVII.[1] J. I. Packer disse: "Quanto à solidez, profundidade, consistência e majestade na exposição, à partir das Escrituras, na maneira de Deus lidar com a humanidade pecadora, ninguém se iguala a John Owen".[2] É verdade que Owen não é uma leitura fácil, mas Packer está certo. "A recompensa de ser beneficiado pelo estudo de Owen é digna de todo o labor envolvido".[3]

Owen define assim a comunhão com Deus: "Nossa comunhão com Deus consiste na comunicação dEle mesmo conosco e em Lhe respondermos com aquilo que Ele requer e aceita, fluindo daquela união que em Jesus Cristo temos com Deus" (*Works* [Obras], 2.8).

Uma das características notáveis e singulares deste livro é que Owen ilustra cuidadosamente como os crentes podem ter comunhão

com as três Pessoas divinas da Trindade — com cada uma delas individualmente ou com as três ao mesmo tempo. Ele disse: "Havendo tão distinta comunicação de graça da parte das diferentes pessoas da Deidade, os santos têm de, necessariamente, desfrutar de comunhão distinta com elas".

Primeiramente, Owen nos mostra os deleites da comunhão com o Pai: "Agora, passo a declarar aquilo em que os santos têm comunhão, de modo peculiar e eminente, com o Pai — isto é o amor, espontâneo, imerecido e eterno" (p. 19). "Ora, a nossa comunhão é com o Pai" (1 Jo 1.3). Em resumo, ele explica como desfrutamos desta comunhão com o Pai: "A comunhão consiste em dar e receber. Enquanto não recebemos o amor do Pai, não temos qualquer comunhão com Ele, nesse amor. Então, como este amor do Pai deve ser recebido, de modo a assegurar-nos comunhão com Ele? Eu respondo: pela fé. Receber o amor é crer no amor" (p. 22). "Conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós" (1 Jo 4.16). O que é esta fé? É uma "persuasão consoladora, uma percepção espiritual e um senso do amor de Deus" (p. 23), por meio do qual a alma repousa e descansa em Deus. Isto é o que tenho procurado expressar com esta afirmação: a fé "consiste em ficar satisfeito com tudo o que Deus é para nós em Jesus".[4]

Em seguida, Owen nos mostra a comunhão com o Filho. "Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Co 1.9). O versículo mais agradável sobre esta comunhão com Jesus é Apocalipse 3.20: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo".

Owen interpreta com muita seriedade a ceia da comunhão de Jesus conosco. O que cada um de nós comemos à mesa de nosso coração? Comemos a verdade espiritual, a beleza e o poder de tudo o que Jesus é para nós. Do que o próprio Jesus se alimenta à mesa de nosso coração? Owen responde: "Ele se renova com suas próprias graças [nos santos], por intermédio de seu Espírito outorgado a eles. O Senhor Jesus Cristo se deleita abundantemente em provar os prazerosos frutos do Espírito nos santos" (p. 40).

Por último, Owen aborda nossa comunhão com o Espírito Santo, o grande Consolador (Jo 16.7). Ele disse que "a vida e a alma de todas as nossas consolações estão entesouradas nas promessas de Cristo", mas admite que estas promessas de Cristo são "impotentes... quando somente na leitura, mesmo quando aprimoradas ao máximo por nossas considerações a respeito delas". No entanto, "às vezes, [elas] irrompem na alma com uma vida e poder conquistador e duradouro"; e neste ponto "a fé lida peculiarmente com o Espírito Santo. Considera as próprias promessas; olha para Cristo, espera nEle, medita sobre as manifestações dEle na Palavra na qual confia, se apropria da obra e da eficácia de Cristo. Logo que a alma começa a sentir o conteúdo de uma promessa aquecendo o seu coração, trazendo alívio, fortalecendo, amparando, libertando de temores, opressões ou problemas, ela percebe que o Espírito Santo está ali; e isso aumentará o gozo da alma, levando o crente à comunhão com o Espírito Santo de Deus" (p. 239).

Oh! como precisamos aprender o que é a comunhão com Deus — a comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo! É claro, das percepções de Owen, que a Palavra de Deus é o lugar de comunhão. Deus se revela em sua Palavra. Anelamos por Deus. Onde o encontraremos? Onde Ele se revela? A resposta se encontra em 1 Samuel 3.21: "Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, enquanto por sua palavra o SENHOR se manifestava ali a Samuel". O Senhor mesmo é conhecido, encontrado, amado e desfrutado por meio de "sua palavra". Para o bem de sua própria alma, vá à fonte da Palavra e beba. Você não estará sozinho.

---

1 Se você desejar ouvir uma palestra minha sobre a vida e ministério de John Owen, pode adquiri-la de Desiring God Ministries. Se você desejar ler *Communion with God,* pode ser adquirido com a coleção *The works of John Owen*, v. 2 (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1965) ou em formato de livrete, da mesma editora.

2 PACKER, James I. *A quest for godliness*, p. 81.

3 Ibid., p. 147.

4 Ver especialmente PIPER, John. *Future grace.* p. 209ff.

67

O Poder de um Pai Disciplinado

Memórias do pai de John G. Paton

John Paton foi um missionário escocês que ministrou nas Novas Hébridas, ilhas atualmente chamadas de Vanuatu, localizadas a 1.600km ao norte da Nova Zelândia e 640Km a oeste de Fiji. Em 5 de novembro de 1858, Paton chegou à ilha de Tanna. Estava com trinta e quatro anos de idade e levava consigo a esposa, Mary Ann. Um filho lhes nasceu em 12 de fevereiro de 1859. "Nosso exílio na ilha se encheu de alegria", escreveu Paton em sua autobiografia[1] (p. 79), mas "a pior das tristezas vinha nas pegadas das rodas dessa alegria!" Primeiramente, houve a febre; em seguida, a diarréia, a pneumonia e o delírio. Em 3 de março, Mary faleceu. "Para coroar meus sofrimentos e completar minha solidão, o querido bebê, a quem demos o nome do pai de Mary, Peter Robert Robson, foi tomado de mim depois de uma semana de enfermidade, em 20 de março" (p. 79).

Paton sepultou ambos com suas próprias mãos e "com lágrimas e orações incessantes... pedia a Deus aquela pátria". Ele confessou: "Se não fosse por causa de Jesus e da comunhão que tinha com Ele

naquele lugar, teria ficado louco e morrido ao lado daquela sepultura" (p. 80). Que tipo de pai preparou John G. Paton para esse tipo de perseverança — mais cinqüenta anos de trabalho missionário árduo e fiel?

O pai de John Paton, James, se converteu aos dezessete anos e logo convenceu a mãe e o pai de que a família deveria orar junta de manhã e à noite. Paton escreveu sobre o seu pai:

> *Em seus dezessete anos, começou aquele bendito costume de oração com a família, pela manhã e à noite; e meu pai fez isso, provavelmente sem uma única omissão, até que descansou em seu leito de morte, aos setenta e sete anos de idade... Nenhum de nós lembra de ter se passado um dia sem este recurso de santificação. Nenhuma pressa para ir ao mercado, nenhuma pressa para os negócios, nenhuma chegada de amigos ou convidados, nenhuma aflição, nenhuma tristeza, nenhuma alegria, nenhuma empolgação jamais impediu que, pelo menos, nos ajoelhássemos no altar familiar, enquanto o sumo sacerdote levava nossas súplicas a Deus e oferecia-se a si mesmo e a seus filhos no altar (p. 14).*

O lugar do Dia do Senhor foi também crucial em moldar os filhos em seu relacionamento com Deus e no gozo da comunhão com Ele. Paton escreveu:

> *Nosso lugar de adoração era a Igreja Presbiteriana Reformada, em Dumfries... a seis quilômetros de nossa casa em Torthorwald; mas a tradição nos diz que, durante todos estes quarenta anos, meu pai foi impedido de ir à adoração a Deus apenas em três ocasiões... Cada um de nós, desde a tenra idade, não considerávamos um fardo, e sim uma grande alegria, ir à igreja com nosso pai. Aqueles seis quilômetros*

> *eram um divertimento para o nosso espírito jovem, e a companhia, durante o caminho, era um novo estímulo... outros poucos homens e mulheres piedosos, dentre os melhores evangélicos, se dirigiam à mesma igreja... e, quando estes camponeses tementes a Deus se encontravam, indo ou voltando da Casa de Deus, nós, os jovens, tínhamos raros vislumbres do que deveria e poderia ser a conversa entre crentes. Eles iam à igreja, cheios de magnífica expectativa de espírito — a sua alma estava à procura de Deus, e retornavam da igreja prontos e ansiosos para compartilhar idéias a respeito do que tinham ouvido e recebido das coisas da vida (pp. 15-16).*
>
> *Eu e meus dez irmãos fomos criados em um lar como esse; e nenhum dos onze, rapaz ou moça, jamais falou ou falará que o domingo é monótono ou fatigante para nós (p. 17).*

Assim era o pai e a família que preparou John Paton para sofrer, sobreviver e se regozijar no glorioso ministério do evangelho entre as tribos canibais das Novas Hébridas.

Pergunto a mim mesmo e a você: 1. A minha família tem um altar estabelecido? Há um lugar e tempo para a família centralizar-se na Palavra e na oração que têm prioridade sobre as coisas menos importantes? 2. Venho à adoração com uma magnífica expectativa de espírito, à procura de Deus?

Um dos segredos de criar filhos que suportam cinqüenta anos nas Novas Hébridas é ser pais disciplinados, saturados com a Bíblia, adoradores e alegres.

---

1 Paton, John G. *The autobiography of John G. Paton.* Edinburgh: Banner of Truth, 1965.

68

Comece Apagando Todas as suas Lâmpadas

A luz, na prisão de Samuel Rutherford

Nunca ouvi alguém dizer: "As lições mais profundas da minha vida vieram por meio de tempos de conforto e tranqüilidade". Mas já ouvi santos fortes dizerem: "Todo avanço significativo que fiz em assimilar as profundezas do amor de Deus e em crescer na comunhão com Ele veio por meio do sofrimento".

Esta é uma séria verdade bíblica. Por exemplo: "Por amor do qual [Cristo Jesus] perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo" (Fp 3.8). Observe as palavras "para ganhar". Sofrer perda é um meio que conduz ao objetivo de ganhar a Cristo.

Eis outro exemplo: "Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5.8). Esse mesmo livro diz que Jesus nunca pecou (Hb 4.15). Por isso, aprender a obediência não significa mudar da desobediência para a obediência. Significa aprofundar-se mais e mais no experimentar a obediência. Implica experimentar as profundezas da sujeição a Deus que não teria sido satisfeita de outro modo. Isso foi o que sobreveio mediante o sofrimento.

Você ama mais os seus queridos, quando sente uma dor estranha

que o leva a pensar que está com câncer. Somos realmente criaturas estranhas. Se temos saúde, paz e tempo para amar, nosso amor é superficial e apressado. Entretanto, se estamos morrendo, a amor é profundo, um rio calmo de alegria inexprimível, e dificilmente suportaríamos desistir dele.

Samuel Rutherford era um pastor escocês nascido por volta de 1600. Depois de ensinar ciências humanas, durante certo tempo, na Universidade de Edimburgo, ele graduou-se em teologia e tornou-se pastor em Anworth, em 1627. Quando os episcopais ganharam poder sobre os congregacionais na Escócia, Rutherford foi aprisionado por dois anos em Aberdeen, devido ao seu não-conformismo. Ele sobreviveu para pregar novamente e servir ao Conselho que escreveu a famosa Confissão de Westminster.

Em 1661, ele foi novamente acusado, desta vez de alta traição. Foi sentenciado à pena de morte — tudo por causa de suas convicções presbiterianas — mas a intimação veio muito tarde. Ele a recebeu com uma mão enferma e uma fé inabalável. "Digam-lhes", falou Rutherford, "que já tenho intimação de um Juiz e de um tribunal superiores. Cumpre-me responder à primeira intimação; e, quando chegar o dia de vocês, estarei em um lugar aonde vão poucos reis e pessoas importantes".[1]

Quando Rutherford esteve preso, não ficou em silêncio. Cerca de 220 cartas dos seus dois anos em Aberdeen estão preservadas; e são, talvez, de todos os escritos dele, os que refletem mais perseverança. O espírito que elas transmitem irradia com a glória e a plena suficiência de Cristo. À caminho da prisão, Rutherford disse: "Vou ao palácio de meu Rei, em Aberdeen. Lábios, imaginação e caneta não podem expressar minha alegria".[2] Esse gozo transbordou. Taylor Innes disse que Rutherford estava "impaciente ao viver na terra, era intolerante para com o pecado e absorto em contínua contemplação da Face invisível, encontrando a sua felicidade no sorriso de resposta desta face".[3] A glória de Samuel Rutherford era a sua dedicação a Cristo. "Ele dormia tendo Cristo como seu travesseiro e acordava com Cristo."[4]

Na prisão, ele fez uma grande descoberta a respeito da fonte de

felicidade duradoura. Expressou-a nestas palavras impressionantes:

> *Se há algum tempo, Deus tivesse me dito que me tornaria tão feliz quanto eu poderia ser neste mundo e também tivesse dito que começaria por mutilar todos os membros de meu corpo e privar-me de todas as minhas fontes habituais de prazer, provavelmente eu teria considerado esta uma maneira estranha de Ele realizar o seu propósito. Mas, como a sua sabedoria se manifesta até nisso! Pois, se você visse um homem fechado em um quarto, idolatrando um conjunto de lampiões e se regozijando na luz deles, e desejasse fazê-lo verdadeiramente feliz, você começaria por apagar todas as suas luzes; e depois abriria as janelas, para que entrasse a luz do céu.*[5]

Oh! como eu suplico que, ao começar Deus, em sua misericórdia, a apagar os meus lampiões, eu não amaldiçoe o vento!

---

1 Citado em SMELLIE, Alexander. *Men of the covenant*. London: Adrew Melrose, 1905. p. 50.
2 Ibid., p. 53.
3 Ibid., p. 56.
4 Ibid.
5 Citado em BOUNDS, E. M. *Heaven: a place, a city, a home.* Grand Rapids: Baker Book House, 1975. p. 13.

69

Felicidade em Ser Amado e Amar por Ser Feliz

Pensamentos sobre liderar com alegria e orar pela alegria dos líderes

Existe profunda alegria em ser amado. Este sentimento não é uma força superficial ou um bem-estar passageiro. Está arraigado no coração que Deus moldou e na verdade de Efésios 2.7. Este versículo diz que o alvo de Deus em nos salvar é "mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus".

Medite nisto por um momento; é supreendente. Considere estes fatos: 1) Deus é graciosamente disposto para conosco e tenciona nos mostrar bondade profusa. Ele planejou os séculos vindouros para cumprirem o propósito de mostrar as imensuráveis riquezas de sua graça em bondade para conosco. 2) A quantidade desta graça e bondade é descrita em termos de "riqueza", e o grau da riqueza é chamado "imensurável". 3) Mas "a suprema riqueza da sua graça" não é como um depósito fora de alcance em um banco; é algo que Deus tenciona "mostrar" e "demonstrar" para nós. Toda a quantia

será sacada e gastada em nós. 4) O escopo e a variedade da bondade de Deus para conosco são tão grandes, que, para se realizarem, não tomarão apenas um ano e sim múltiplos "séculos vindouros".

Isto significa apenas que a bondade de Deus nunca se esgotará. Deus nunca deixará de ter novas maneiras de nos alegrar no profundo gozo de sermos amados! A riqueza da graça de Deus é imensurável! Ele precisará de toda a eternidade para nos mostrar a sua bondade. Isto é o que significa ser Deus. Em Deus, há sempre mais a conhecer, admirar e desfrutar.

Isso me torna muito feliz. É importante que eu e todos os líderes de igreja sintamo-nos felizes em nossa obra. Ou, como a Bíblia afirma, que sirvamos "ao SENHOR com alegria" (Sl 100.2). Por que é tão importante que sejamos felizes no amor de Deus enquanto cumprimos nosso ministério?

Porque a Bíblia diz que uma igreja experimenta amor por intermédio da felicidade de seus líderes. Considere Hebreus 13.17: "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros".

Não há qualquer vantagem para uma igreja quando os seus líderes não sentem alegria no ministério; e , para um líder, não ser bênção numa igreja é uma expressão de falta de amor. Por isso, quando os líderes cumprem seu ministério com tristeza, como se fosse uma coisa opressiva, a igreja experimenta menos proveito. Por conseguinte, os líderes não expressam uma atitude amável quando servem com tristeza, porque não há qualquer vantagem para a igreja. A igreja obtém seu maior proveito espiritual quando seus líderes servem com alegria.

Se você ama a igreja de Cristo, "a qual ele comprou com o seu próprio sangue" (At 20.28), exorto-o a orar pela felicidade dos líderes de sua igreja. E, visto que você sabe que a mais profunda e duradoura felicidade procede de ser amado por Deus, rogue que eles sejam cheios da realidade de Efésios 2.7 — o irrevogável propósito de Deus é passar os "séculos vindouros" mostrando "a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus".

Assim, os líderes de sua igreja se tornarão felizes por serem amados, e vocês serão amados na felicidade deles. Tudo isso virá de Deus, cuja felicidade transborda em amor sobre todos os que esperam nEle, conforme as palavras do salmista: “Agrada-se o Senhor dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia” (Sl 147.11).

70

Criando Filhos para Irem ao Fim do Mundo

Como Amy Carmichael seguiu esse caminho

Amy Carmichael nasceu em 16 de dezembro de 1867, no vilarejo de Millisle, no Norte da Irlanda. Depois de uma vida de serviço na Índia, ela morreu — a querida Amma — deixando uma família de milhares de pessoas. Tinha oitenta e três anos de idade. Cobriram seu caixão com flores. Os meninos cantaram durante uma hora e meia. Era 18 de janeiro de 1952.

Ela sofrera e suportara tudo até ao final. Que tipo de lar produziu essa mulher notável? Como você cria um filho de um modo que o torna livre do comodismo, firme diante do sofrimento e sempre confiante na bondade de um Pai celestial disciplinador?

Elizabeth Elliot, em sua biografia de Amy Carmichael, *A Chance to Die* (Uma Chance de Morrer), dá-nos um vislumbre daquele admirável lar irlandês — "a firmeza dos presbiterianos irlandeses, a robustez produzida pelos invernos próximos àquele mar frio, os princípios sérios de criação de filhos!"

Não havia dúvida na mente dos filhos dos Carmichael quanto ao que se esperava deles. Preto era preto. Branco era branco. Deveriam

confiar plenamente na palavra dos pais; e se não obedeciam, havia conseqüências. Cinco tipos de punição eram usados: ficar de pé, em um canto, com o rosto virado para a parede; não sair para brincar; receber tapas, palmatória e (o pior de todos) laxante.[1]

Leia a biografia para saber mais sobre os detalhes. Estou interessado no "castigar com a palmatória". Sofrer a palmatória era receber uma pancada com uma régua de ébano fina e lisa. Exigia-se que a criança ficasse parada, estendesse a mão e não a retirasse, não fizesse barulho e educadamente dissesse, ao final: "Obrigado, mamãe".

Existe um grande princípio bíblico por trás deste castigo à desobediência. Mesmo Ted Koppel, do programa *ABC's Nightline*, pôde vê-lo. Falando aos graduados da Universidade Duke, ele disse que a razão por que "honra teu pai e tua mãe" estava incluído nos primeiros cinco mandamentos (que tratam de nosso relacionamento com Deus) é que os pais estão no lugar de Deus para os filhos. Deus nos encarrega de mostrar aos filhos como Ele é.

"Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus" (Rm 11.22). "O Senhor corrige a quem ama... É para disciplina que perseverais" (Hb 12.6-7).

Onde Amy Carmichael aprendeu que as provações e as lutas de sua vida laboriosa estavam nas mãos de um Deus sábio, de santidade e amor? Onde ela aprendeu a dizer: "Obrigado, ó Pai", pelas suas aflições? Onde aprendeu a orar assim: "Nem alívio do sofrimento, nem descanso da fadiga, nem qualquer coisa desse tipo é a minha principal necessidade. Tu, ó Senhor, meu Deus, és a minha necessidade — tua coragem, tua paciência, tua fortaleza. E, muito mais do que isso, preciso de gratidão renovada para com a indescritível ajuda que recebo todos os dias".[2]

Elizabeth Elliot estava certa, quando disse: "Assim como o rigor do inverno irlandês, com sua melancolia, umidade e ventos gelados produz bochechas avermelhadas tanto no jovem como no idoso, assim também o rigor da disciplina cristã produziu sangue forte — saúde espiritual — na moça que não imaginava as angústias para as quais seria chamada a suportar".[3]

Qual era a estimativa da própria Amy quanto a este lar temente

a Deus e impressionante? Muito tempo depois, ela escreveu: “Acho que não havia uma criança mais feliz do que eu”.[4]

1 ELLIOT, Elisabeth. *A chance to die: the life and legacy of Amy Carmichael*. Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1987). p. 21.
2 Ibid., p. 365.
3 Ibid., p. 26.
4 Ibid.

71

PALAVRAS DE ESPERANÇA SOBRE UM BEBÊ QUE NASCEU CEGO

Uma carta aos pais

Queridos John e Diane,

Na noite passada, enquanto eu orava com Noël, a lembrança de vocês não saía de minha cabeça. Eu disse: "Ó Senhor, por favor, faze-me ser um pastor que prega, lidera e ama de um modo que torne, para o teu povo, possíveis as impossibilidades da vida, por meio de um milagre da graça sustentadora. Ajuda-me a conhecer a importância e o sofrimento desta vida e a não ficar alegre quando as montanhas caem no mar. Ajuda-me a exalar o aroma dos sofrimentos de Cristo. Impede a frieza e superficialidade no sofrimento. Ó Senhor, faze de mim e dos membros da igreja pessoas que levam fardos".

John e Diane, sinto-me triste devido à cegueira do filho de vocês! Nestes dias, Deus está visitando a Igreja Bethlehem com sofrimentos tais como o nascimento de crianças com problemas físicos. Randy e Ann Erickson ganharam um bebê com problemas de coração; Jan e Rob Barrett, um bebê que viveu apenas um dia; e o precioso filhinho de vocês! O Senhor está dizendo: "Tenho um dom para a igreja de

vocês"? Este não é o fardo de dois ou três casais. É um dom e uma chamada para toda a igreja. É uma mensagem concernente à fragilidade desta época caída, de futilidade. É um convite para todos crermos que "não temos aqui cidade permanente" (Hb 13.14). É um convite a considerarmos todo lucro como "perda por causa de Cristo" (Fp 3.7). É um teste chocante para verificarmos se perdemos o ânimo, quando o propósito de Deus é mostrar que sua graça é suficiente para renovar nosso homem interior, a cada dia, a fim de lidarmos com a "nossa leve e momentânea tribulação [que] produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2 Co 4.17-18).

Ó Senhor, abre nossos olhos para o teu amor neste sofrimento. Abre nossos olhos. "Orou Eliseu e disse: SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O SENHOR abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu" (2 Rs 6.17). John e Diane, as montanhas que circundam a vida de vocês estão repletas de carros e cavalos de Deus. Somente aos olhos dos incrédulos Satanás tem a posição de controle neste caso. Através dos anos e das gerações, Deus está agindo de maneiras e em favor de milhões de pessoas que nem podemos imaginar. O nosso dever é crer nisso, sem importar-nos com o custo. Este é nosso dever para esta vida breve.

Parece-me que esta vida é um campo de provas para o reino vindouro. Exige-se de alguns que dediquem quarenta ou cinqüenta anos cuidando de uma criança deficiente, em vez de atravessarem facilmente a vida, sem sofrimentos. Exige-se de outros que suportem a cegueira durante toda a vida.

Mas somente nesta vida — somente nesta vida. Quero ser o tipo de pessoa que faz desse "somente" aquilo que ele realmente é — bastante curto; um prelúdio à infinitude de gozo, gozo, gozo — que não teremos agora, completamente.

Como enfrentaremos as aflições desta vida, se cremos que isto é tudo que existe ou se cremos que este é o principal ato do drama da

realidade? Ó Senhor, dá-nos tua visão das coisas.

Que Deus os encha de gozo antecipado!

> *Tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós.*
>
> *Romanos 8.18*

Eu amo vocês.
Pastor John

72

Inspirados por Aristides

O modo de amar dos cristãos primitivos

Por volta de 113 d.C., Aristides, um professor de filosofia, apresentou uma defesa do cristianismo ao imperador Adriano. Lendo esta defesa, podemos ter uma idéia a respeito de como os cristãos primitivos eram e por que a igreja cresceu incessantemente, naqueles primeiros séculos. Com certeza, isso foi o cumprimento das palavras de Jesus ao dizer que devemos fazer nossa luz brilhar de tal modo, que os homens vejam nossas boas obras e glorifiquem a nosso Pai, que está nos céus (Mt 5.16). Ó Senhor, veste-nos com os mantos daqueles primeiros crentes!

> *Cristo morreu e foi sepultado. E eles dizem que, depois de três dias, ele ressuscitou e subiu ao céu. Então, estes doze discípulos saíram por todos os reinos do mundo, falando sobre a grandeza dEle, com toda a humildade e prudência. Por isso, aqueles que ainda servem a exatidão da mensagem dEle são chamados cristãos, os quais são famosos...*

> *Ora, os cristãos, ó Rei... têm os mandamentos do próprio Senhor Jesus Cristo gravados no coração e os cumprem, aguardando a ressurreição dos mortos e a vida do mundo por vir. Não cometem adultério, nem fornicação, nem prestam falso testemunho. Não hesitam em devolver o que lhes foi emprestado e não cobiçam as coisas de outros homens. Eles honram o pai e a mãe e amam o seu próximo. Julgam corretamente e não adoram ídolos em forma de homens. Não fazem aos outros aquilo que não desejariam que os outros lhes fizessem. Confortam aqueles que os ofendem e tornam-se amigos deles. Trabalham para fazer o bem aos seus inimigos (são mansos e gentis)... Quantos aos servos, às servas ou aos filhos dos cristãos, se algum deles têm filhos, eles os persuadem a que se tornem cristãos porque os amam. E, quando se tornam cristãos, são chamados "irmãos", sem distinção.*
>
> *Não desprezam a viúva, e não afligem o órfão. Contribuem liberalmente para com aqueles que nada têm. Se vêem um estrangeiro, trazem-no para debaixo de seu teto e se alegram com ele, como se fosse irmão deles, visto que chamam uns aos outros de irmãos, não segundo a carne, mas segundo o espírito e em Deus... E, se ouvem que alguém dentre eles está preso ou em aflição por causa do Messias, todos lhe suprem as necessidades, e, se for possível libertar tal pessoa, eles a libertam.*
>
> *Se há entre eles alguém que é pobre ou necessitado, e não têm abundância de suprimento, jejuam por dois ou três dias para suprir ao necessitado o alimento suficiente. Por amor a Cristo, eles estão prontos a dar a própria vida.*[1]

Por essa razão, se espalhou o dito: "Vejam como eles se amam".

Por meio do que seremos conhecidos? Que seja por meio de nossa disposição de morrer por Cristo e, além disso, que estejamos prontos a viver para Ele, amando o seu povo — e seus inimigos. Os cristãos primitivos jejuavam para que tivessem mais para dar ao necessitado; isso significa que eles não tinham muitos bens guardados. Ó Senhor, ajuda-nos a ver Cristo, ficar satisfeitos com Ele e mostrá-Lo como o fizeram os cristãos primitivos.

1 Citado em STEVENSON, J. *A new Eusebius.* London: SPCK, 1968. p. 56-57.

73

O Poder de Deus e a Argumentação em Favor da Escolha Pessoal

Pensamentos sobre uma conversa na prisão

Durante quase uma hora, através das barras de uma cela da prisão (depois de um resgate em 1989), conversei sobre o aborto com o enfermeiro do local. Ele havia deixado a Igreja Católica por causa do controle de natalidade. Ele não estava disposto a conversar sobre acertar seu relacionamento com Deus; todavia, se mostrou pronto a falar sobre as minhas idéias "ridículas" a respeito do aborto.

Ele conhecia bem algumas coisas sobre o mal e a miséria de nossa sociedade. Falou sobre os "bebês de cocaína e AIDS". Falou sobre as prisioneiras que engravidavam diversas vezes e, habitualmente, quando estavam drogadas. Falou sobre as vinte e três crianças recebidas mensalmente no Lar Saint Joseph, retiradas de lares onde sofriam abusos ou onde os pais eram viciados em drogas, não para serem adotadas, porque é necessário os pais autorizarem a adoção. O aborto, ele disse, pelo menos alivia um pouco desta miséria. Ao que

eu respondi: “Matar pessoas inocentes não é uma boa maneira de aliviar a miséria”.

A princípio, ele argumentou: “Vocês sempre usam linguagem emocional, como ‘matar’”. Mas, antes que a hora acabasse, ele concordou comigo em quase tudo. Mostrou-se disposto a afirmar que os bebês não-nascidos são pessoas humanas; que abortar é matar uma criança; que o aborto diminui o valor da vida, leva à eutanásia e à experiência com tecidos fetais e que o aborto é errado. Também disse: “Não aconselharia um aborto para minha esposa”. Mas insistiu que o direito de uma mulher abortar tem de ser protegido a quase todo custo.

O que eu podia dizer? Nenhum argumento tocaria aquele homem. Ele concordara que todas as minhas opiniões levariam a uma posição pró-vida. Os não-nascidos são pessoas humanas. Abortar é o mesmo que matá-las e, até, errado. Todavia, nada disso causou impacto sobre a profissão de fé predominante na mente daquele homem: o direito de as mulheres escolherem o aborto funciona como absoluto na mente dele — não é um assunto de debate. É uma profissão de fé. De maneira solene, ele chegou a declarar: “Esta é a minha crença”.

Fiquei admirado. Perguntei: “Existe alguma outra área da vida em que você admite a existência humana de alguém e, mesmo assim, dá a outras pessoas o direito absoluto de tratar aquela pessoa como elas querem, até ao ponto de matá-la?” Ele respondeu: “Não, esta é a única área”. Perguntei admirado: “Mas, por quê?” Ele respondeu: “É a minha crença”. O direito de escolha da mulher (ter seu filho morto) é o valor supremo e crucial. Não pode ser tocado por qualquer argumentação ou fatos. É como um deus.

Quando nos separamos, permaneci extasiado ante o poder e a irracionalidade do mal. Não houve qualquer convencimento. Matar a criança (ele concordou com a expressão!) é permissível, se a criança está no ventre. Ele justificou sua posição com o absoluto, supremo e intocável direito de uma mulher fazer o que quiser com a sua “gravidez”, ou seja, com o seu filho.

Com este encontro, aquele homem levou-me a pensar novamente que precisamos do poder divino no evangelismo e do envolvimento

social. Paulo disse: “As armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2 Co 10.4-5).

Que tipo de poder é capaz de quebrantar e despertar este enfermeiro, ganhando sua obediência para Cristo? Romanos 15.18-19 afirma: “Não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo”.

74

O PODER DOS LIVROS E COMO USÁ-LOS

Pensamentos sobre ler uns para os outros em voz alta

A Bíblia é um livro. Ela tem mudado o mundo. Alguns livros não-inspirados também têm produzido grande bem na causa de Deus e da verdade. Por exemplo, algumas biografias clássicas têm alimentado o fogo de missões por centenas de anos, biografias como *A Vida de David Brainerd,* escrita por Jonathan Edwards.

Permita-me sugerir, a respeito de livros e amigos, algo que você talvez nunca tenha feito. Era costume dos pastores da Associação Batista de Northamptonshire, na Inglaterra, nos anos posteriores a 1700, reunirem-se, com regularidade, para oração, jejum e leitura uns para os outros.

Por exemplo, o diário de John Ryland registra as seguintes palavras no dia 21 de janeiro de 1788: "Os irmãos Fuller, Sutcliffe, Carey e eu guardamos este dia como um jejum particular. Lemos as Epístolas de Paulo a Timóteo e Tito. Lemos também *O Encargo de Booth a Hopkins, A Vida de Blackerby,* em *Historical Collections*, escrito por Gilles, e *Sessenta Recomendações para uma Vida*

Piedosa, escrito por Rogers of Dedham. Além disso, oramos duas vezes cada um. O irmão Carey orou com amplitude e vigor singulares. Nosso principal objetivo era implorar por um avivamento do poder da piedade em nossa própria alma, nas igrejas e em toda a Igreja".

O alvo não era a recreação, e sim a luta e estratégia espiritual. Ler um para o outro era parte das táticas.

Em outra ocasião, outro membro desta comunhão de batistas que amavam missões, Andrew Fuller, escreveu em seu diário: "Nesta noite, li para nossos amigos uma parte de *Tentativa de Promover a Oração por Avivamento do Cristianismo,* escrito por Jonathan Edwards, a fim animá-los a gostar dessa prática. Senti meu coração enriquecido e tornado sério pelo que li".

Fizemos isso como equipe de pastores de nossa igreja. Fiz cópias de um capítulo do diário de David Brainerd e de um capítulo da biografia de Ann Judson (esposa de Adoniram Judson). Fizemos uma noite de retiro e, por duas horas, lemos juntos, naquela noite, estes capítulos uns para os outros, cada um lendo uma página, assentados em círculos, até que acabamos.

Foi uma experiência poderosa. O capítulo do diário de Brainerd nos levou a um dos tempos de oração mais intensos que já tivemos juntos. Recomendemos, de coração, esta prática em outros grupos.

É essencial que vocês leiam obras ricas e centralizadas em Deus, não apenas qualquer coisa que tenha o nome de cristã. Quero mencionar algumas. Matthew Henry, que morreu em 1714, escreveu um comentário de toda a Bíblia, em diversos volumes grandes. George Whitefield costumava ler de joelhos este comentário, juntamente com o Novo Testamento Grego. É um comentário rico e devocional, tão bom para a mente como para o coração.

Sou tentado a começar alistando meus livros favoritos, mas isso seria restrito e unilateral. Minha intenção não é promover um tipo particular de livros, e sim recomendar a leitura pública em grupos. Se vocês têm um grupo pequeno e estão procurando ler e discutir juntos um bom livro, mas não encontram tempo para ler o capítulo da semana, por que não planejam gastar a primeira hora da reunião lendo uns para os outros?

Livros realmente bons trazem benefícios tanto ao serem ouvidos quanto lidos. Deus nos deu sua Palavra em um livro, a Bíblia, mas também designou a pregação e o ensino. Existe algo na voz audível que ressalta a verdade e a esclarece para nós. Vocês encontrarão mais poder em sua boca do que imaginavam; e seus ouvidos podem se abrir em maneiras que mudarão a sua vida.

75

O Grande "Portanto" da Ressurreição

Considerando as conseqüências das idéias

Victor Frankl esteve preso em Auschwitz e Dachau, campos de concentração nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Como um judeu, professor de neurologia e psiquiatria, ele se tornou mundialmente famoso por causa de seu livro *Man's Search for Meaning* (A Busca do Homem por Significado), que vendeu mais de oito milhões de cópias. No livro, Victor Frankl revela a essência de sua filosofia, que chegou a ser chamada de logoterapia — ou seja, o motivo mais fundamental do ser humano é achar significado na vida. Ele observou nos horrores dos campos de concentração que o homem pode suportar quase todos os "como" da vida, se tiver um "por quê". Existe, porém, um citação menos conhecida que pode ser igualmente profunda: "Estou plenamente convencido de que as câmaras de gás de Auschwitz, Treblinka e Maidanek foram preparadas não em algum dos ministérios de Berlim, e sim no escritório e salas de palestras de cientistas e filósofos niilistas".[1]

Em outras palavras, as idéias têm conseqüências que abençoam ou destroem. O comportamento das pessoas — bom ou mau — não

resulta do nada. Resulta de opiniões prevalecentes sobre a realidade, opiniões que se arraigam na mente e produzem bem ou mal. Esta é a razão por que alguns de nós atribuímos valor elevado ao ensino. É também a razão por que pregamos da maneira como o fazemos e por que nos preocupamos profundamente com as questões concernentes à verdade.

A Bíblia deixa evidente a verdade de que idéias têm conseqüências práticas, ao afirmar coisas como: "Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que... tenhamos esperança" (Rm 15.4). As idéias apresentadas nas Escrituras produzem o efeito prático de "esperança". Outra vez, Paulo disse: "O intuito da presente admoestação visa ao amor" (1 Tm 1.5). A comunicação de idéias por meio da "admoestação" tinha o propósito de produzir amor. Esperança e amor não vêm do nada. Desenvolvem-se a partir de idéias — opiniões acerca da realidade — mostradas nas Escrituras e aplicadas pelo poder do Espírito de Deus.

Outra maneira pela qual a Bíblia nos mostra que as idéias têm conseqüências é o uso do vocábulo "portanto" (ou "pois", mais de mil vezes). Por exemplo: "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1); "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1); "Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã" (Mt 6.34); "Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais" (Mt 10.31); "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Mt 7.12); "Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus. Não nos julguemos mais uns aos outros" (Rm 14.12-13); "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal" (Rm 6.12); "Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo" (1 Co 6.20); "Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor" (Rm 14.8).

Uma das idéias mais importantes no universo se encontra em 1 Coríntios 15.51-58 — a ressurreição e um precioso "portanto" que dela resulta: "Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta... Onde está, ó morte, a tua

vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão".

A maior visão da realidade — a maior idéia — é Cristo triunfando sobre o pecado, a culpa, a morte e o inferno. Oh! que sejamos totalmente dominados e guiados por este grande motivo de firmeza!

---

1 "Victor Frankl at ninety: an interview." *First things,* April. 1995, p. 41

76

TODOS OS ANJOS VIRÃO COM ELE

Meditação sobre Mateus 25.31-46

Tem sido emocionante ler novamente, no Evangelho de Mateus, a seqüência de eventos e afirmações de Jesus, em seus últimos dias na terra. Alguns dias atrás, fiquei surpreso ao reler duas afirmações sucessivas de nosso Senhor. Às vezes, coisas familiares se tornam novas e poderosas por serem vistas em um novo relacionamento.

No final de Mateus 25, existe a parábola das ovelhas e dos cabritos. Imagine Jesus, que parecia um homem comum, começando a parábola com estas palavras impressionantes: "Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei..." (vv. 31-34).

Procuremos entender estas palavras. Determinemos, primeiramente, quem é o Filho do Homem. Não há dúvida. Em Mateus 16.13, Jesus disse: "Quem diz o povo ser o Filho do Homem?" Em seguida,

Ele perguntou: “Mas vós... quem dizeis que eu sou?” Eis a conclusão: Jesus é o Filho do Homem. Este era um dos seus títulos favoritos. Estava oculto neste título o mistério da humanidade e da dignidade celestial de Jesus, porque em Daniel 7.13-14, “um como o Filho do Homem”, no céu, receberia o reino eterno de Deus.

Agora, entendamos o que Jesus disse a respeito de Si mesmo em Mateus 25.31-33: “Quando vier o Filho do Homem na sua... glória”. Esta glória não é o esplendor de um pôr-do-sol, ou do Grand Canyon, ou de um grande cometa, ou do universo. É a glória de Deus — conforme declara Mateus 16.27: “A glória de seu Pai”. Se a criação tem uma glória que nos causa admiração, com suas cataratas, desfiladeiros, rochas cobertas de neve e noites repletas de estrelas, a glória dAquele que planejou e criou tudo isso ofuscará a glória de todas as coisas criadas. O Filho do Homem virá com essa glória.

“E todos os anjos com ele.” Todos os anjos. Você entende isso? O céu se esvaziará de seus exércitos. Todos os anjos virão com Jesus! Isto significa que o triunfo é tão certo, que ninguém terá de proteger a retaguarda dEle. Ninguém ameaçará o céu. Todos os exércitos de Deus estarão na linha de frente com o Filho do Homem. Jesus poderia conquistar a vitória sozinho — Ele é Deus — mas os anjos vêm para magnificá-Lo e cumprir a ordem dEle. Qual será a ordem? Apenas esta: “Enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos”. Os anjos ajuntarão a você e a mim para nos encontrarmos com o Filho do Homem.

“Então, se assentará no trono da sua glória.” Ele está em um trono porque é Rei. “Dirá o Rei...” Jesus é o rei do universo agora. Governa e sustenta todas as coisas (Mt 28.18; Cl 1.17). Mas, quando Jesus vier, o seu reinado se tornará claro para todos, os que vivem em Minneapolis, Moscou e Madras...

“E todas as nações serão reunidas em sua presença.” Jesus, o Filho do Homem, o Rei do universo, se assentará em seu trono, e cada pessoa, cada presidente, cada primeiro-ministro e cada rei da terra estarão reunidos e dirão: “Jesus é Senhor”, para a glória de Deus, o Pai. Quando os eleitos forem reunidos, e o Rei estiver assen-

tado para o julgamento glorioso, se cumprirão as palavras do profeta: "As nações se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu" (Is 60.3).

Repentinamente, após esta parábola, lemos nos versículos seguintes: "Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos, disse a seus discípulos: Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado". O mesmo Filho do Homem. Entregue e crucificado. Você já perguntou a si mesmo que tipo de gozo e esperança sustentaram a Jesus naquelas terríveis horas de sofrimento.

Ele ressuscitou e virá novamente. Enquanto isso, "saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério" (Hb 13.13).

77

"NENHUM MAL TE SOBREVIRÁ." É VERDADE?

Acautele-se da maneira como Satanás usa os Salmos

O apreciado Salmo 91 parece estar em desarmonia com a experiência e com outras passagens da Escritura. O que devemos fazer com suas promessas?

> *Caiam mil ao teu lado, e dez mil, à tua direita; tu não serás atingido* (v. 7).
>
> *Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda* (v. 10).
>
> *Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação* (v. 16).

Pessoas de fé nunca morrem na batalha? Nunca sofrem pragas? Sempre têm vida longa?

Há três maneiras de resolver este problema. 1) Podemos dizer que o escritor deste salmo e aqueles que o incluíram no saltério não tinham discernimento e cometeram um erro. 2) Podemos dizer que as

vítimas da batalha, os doentes e aqueles que têm vida curta não fazem do Senhor o seu refúgio, nem andam pela fé. Em outras palavras, a promessa é absoluta, e todos os que não a experimentam têm de ser incrédulos. 3) Ou podemos dizer que o autor do salmo pretendia comunicar que Deus realmente governa o vôo das flechas, a propagação das doenças e a duração da vida. Ele pode dar (e certamente dá) segurança, saúde e vida a quem Ele quer; portanto, essas coisas são um dom de Deus. Podemos dizer que o autor não deseja que tomemos estas promessas como garantia de que Deus não permitirá que sejamos atingidos por uma flecha, sucumbamos a doenças e morramos aos trinta e oito anos de idade. Em outras palavras, as promessas têm exceções ou qualificações.

Quando diz: "Caiam mil ao teu lado, e dez mil, à tua direita; tu não serás atingido" (v. 7), Deus pretende que entendamos esta qualificação não proferida: "A morte não o atingirá*, sem a minha permissão e desígnio*. Meu desígnio para aqueles sob o meu cuidado é sempre bom, ainda que eu permita a morte tirar-lhes a vida". Por isso, Derek Kidner afirma: "Esta é uma afirmação de providência abrangente e exata; não é um amuleto contra a adversidade... A promessa nos garante que nada pode tocar o servo de Deus sem a permissão dEle".[1]

Há várias razões no contexto do saltério e na Bíblia pelas quais creio ter sido este o intento do salmista. A primeira das razões é que nos próprios salmos há predições de que "muitas são as aflições do justo" (34.19). E, embora o Senhor nos livre "de todas" elas, indiscutivelmente as experimentamos e talvez sejamos livres delas apenas no céu ("A tua graça é melhor do que a vida" — Sl 63.3). Além disso, em Salmos 44.22, aqueles que não têm sido falsos à aliança de Deus confessam: "Por amor de ti, somos entregues à morte continuamente, somos considerados como ovelhas para o matadouro". Provavelmente essa foi a razão por que Paulo citou este versículo em Romanos 8.36, referindo-se ao mártires cristãos, e, em seguida, disse: "Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou" (Rm 8.37).

Talvez seja muito significativo observar que Satanás citou Sal-

mos 91.11-12 para Jesus, no deserto (Mt 4.6; Lc 4.10-11). Como Satanás usou este salmo? Ele o usou como se não tivesse qualificações. Levou Jesus ao pináculo do templo e Lhe disse: "Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo" e, em seguida, citou Salmos 91: "Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra" (vv. 11-12). Satanás desejava explorar o mesmo problema que estou abordando sobre este salmo. Ele estava dizendo: "Veja! É absoluto. Não há qualificações. Use-o e prove a promessa de Deus em sua vida! Se ela se aplica a qualquer pessoa, certamente se aplica a você, o Filho de Deus".

Mas Jesus recusou este uso do salmo e provou que tinha, de fato, qualificações: Ele morreu *jovem,* sentiu *o golpe* da carne lacerada, foi *perfurado* pela lança e os pregos, enquanto dez mil se retiraram sem um arranhão. Jesus também ensinou aos seus discípulos a advertência e promessa paradoxal: "Matarão alguns dentre vós... Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça" (Lc 21.16,18). E Paulo confirma essa maneira de pensar não somente em Romanos 8.28 e 35, mas também em Filipenses 4.19, onde ele disse: "O meu Deus... há de suprir (em Cristo Jesus)... cada uma de vossas necessidades", juntamente com o testemunho: "De tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo [incluindo fome e escassez] posso naquele que me fortalece" (Fp 4.12-13).

Exorto-o a seguir a interpretação feita por Jesus quanto ao Salmo 91, e não a de Satanás. Ou seja, em seu Getsêmani de sofrimento, ore por livramento de acordo com o soberano poder e misericórdia de Deus (doze legiões de anjos poderiam ter livrado a Jesus — Mt 26.53). Mas diga também: "Não seja como eu quero, e sim como tu queres". E creia: o que vier a acontecer não será, no final, o mal para você, e sim o bem (Rm 8.28).

---

1 Kidner,Derek. *Psalms 73-150* — London: InterVarsity Press, 1975, p. 333).

78

Lutero, Bunyan, a Bíblia e o Sofrimento

Meditação sobre Salmos 119.71

Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos.

De 1660 a 1672, John Bunyan, o pregador batista da Inglaterra e o autor de *O Peregrino,* esteve na prisão de Bedford. Ele poderia ter sido solto, se houvesse concordado em não pregar. Bunyan não sabia o que era pior: o sofrimento das condições ou o tormento de escolher a prisão, em vista do que tal escolha custaria à sua esposa e quatro filhos. Sua filha Mary era cega e tinha dez anos de idade quando ele foi preso.

> Estar separado da esposa e dos filhos sempre tem sido, neste lugar, semelhante a uma ferida na carne... não somente porque amo muito essas grandes misericórdias, mas também porque recordo freqüentemente as muitas dificuldades, misérias e necessidades que minha pobre família talvez enfrente, visto que fui retirado de-

> les, especialmente minha filha cega, com a qual me preocupo mais do que com todos os outros queridos. Oh! os pensamentos sobre as dificuldades pelas quais imagino minha filhinha cega está passando despedaçam o meu coração.[1]

Mas, por causa dos sofrimentos, esse Bunyan de coração partido via, na Palavra de Deus, tesouros que provavelmente não veria de qualquer outra maneira. Estava descobrindo o significado de Salmos 119.71: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos".

> Em toda a minha vida, nunca desfrutei de tão grande aprofundamento na Palavra de Deus como agora [na prisão]. As Escrituras nas quais eu nada via agora estão resplandecendo sobre mim, neste lugar. Jesus Cristo também nunca foi tão real e evidente para mim como agora. Aqui eu O tenho visto e sentido realmente... Tenho visto [coisas] acerca das quais estou persuadido de que jamais poderei expressar, enquanto estiver neste mundo... Sendo amável para comigo, Deus não me tem permitido ser molestado, mas com uma passagem ou outra das Escrituras Ele me tem fortalecido contra tudo, de tal modo que tenho dito freqüentemente: se me fosse lícito rogaria mais problemas, para que recebesse mais consolação.[2]

Em outras palavras, um dos dons de Deus no sofrimento é estarmos certos de que veremos e experimentaremos as profundezas de sua Palavra, o que uma vida sossegada não possibilitaria.

Martinho Lutero descobriu o mesmo "método" de ver a Deus em sua Palavra. Ele disse haver três regras de entendimento da Escritura: orar, meditar e sofrer. As provações, ele disse, são extremamente valiosas. Elas "ensinam não somente a conhecer e a entender, mas também a experimentar quão correta, verdadeira, agradável, amável, poderosa e consolodora é a Palavra de Deus. Ela é sabedo-

ria suprema". Por isso, o diabo mesmo se torna o professor involuntário da Palavra de Deus:

> O diabo o afligirá e fará de você um autêntico doutor. Por meio de suas tentações, ele o ensinará a buscar e a amar a Palavra de Deus. Quanto a mim mesmo... devo aos papistas muitos agradecimentos, por me espancarem, afligirem e ameaçarem, motivados pelo furor de Satanás, de tal modo que me tornaram um bom teólogo, levando-me a um alvo que eu nunca teria atingido.[3]

Testifico de minha pouca experiência que isto é verdade. Desapontamento, perda, doença e temor levam-me a aprofundar-me mais do que antes em Deus e em sua Palavra. Nuvens de frivolidade foram sopradas para longe, e a glória das coisas invisíveis resplandecem nos olhos do coração. Permitamos que Bunyan e Lutero nos encorajem a confiarmos na Palavra de Deus em tempos de aflição, como não o fizemos antes. Sei que há épocas em que não podemos ler ou pensar, o sofrimento é muito intenso. Mas Deus nos dá algum alívio em meio a esses tempos terríveis. Volte os seus olhos à Palavra e comprove a verdade de Salmos 119.71: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos".

---

1 BUNYAN, John. *Grace abounding to the chief of sinners.* Hertfordshire: Evangelical Press, 1978. p. 123.

2 Ibid, p. 123.

3 PLASS, Ewald M. *What Luther says.* St. Louis: Concordia Publishing House, 1959, v. 3, p. 1360.

79

Agostinho e o que Significa Amar a Deus

Pensamentos sobre o amor como um deleite, e não apenas como uma ação e um desejo

O que significa amar a Deus? Alguns o reduzem a fazer coisas em obediência a Deus, porque João 14.15 afirma: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos". Mas isso não é o que o texto ensina. Ele diz que a obediência *resultará do* amor. Não diz que a obediência *é* o amor. Nem 1 João 5.3 contradiz este ensino, quando declara: "Este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos", porque com esta primeira afirmação devemos ler a frase seguinte: "Ora, os seus mandamentos não são penosos". Em outras palavras, o amor não é apenas fazer, e sim fazer com um tipo de coração que não vê isso como algo "penoso".

Outros reduzem o amor a atos de força de vontade e decisão. A razão geralmente dada para essa redução é que o amor é ordenado na Bíblia, e as pessoas dizem que, se o amor é ordenado, você tem de ser capaz de amar, não importando o que você sinta. Em outras palavras, visto que o amor é ordenado (Mt 22.37), ele é uma decisão,

e não algo mais profundo ou que esteja fora de nosso controle imediato, como uma afeição ou emoção.

Mas o problema nesta maneira de pensar é que ela contradiz a Bíblia. Várias coisas são ordenadas na Bíblia que não são apenas decisões e estão realmente fora de nosso controle imediato. Por exemplo, ter alegria é uma ordem (Sl 100.2; Fp 4.4), assim como ter esperança (Sl 42.5), temor (Lc 12.5), zelo (Rm 12.11), tristeza (Tg 4.9), desejo (1 Pe 2.2), compaixão (Ef 4.32), quebrantamento e contrição (Sl 51.17), amor fraternal (Rm 12.10) e gratidão (Cl 3.15).

Não é verdade que, se alguma coisa é ordenada, ela tem de ser um simples ato da vontade e que está em nosso poder fazer tal coisa. Sem dúvida, isto é ofensivo às pessoas que negam os efeitos mortais do pecado original. Mas, para aqueles que crêem que o pecado original trouxe uma horrível dureza de coração, morte espiritual e cegueira moral à raça humana, não é surpreendente que os mandamentos de Deus são dirigidos a pessoas que simplesmente não podem cumpri-los. Nossa vontade está moral e espiritualmente corrompida. No entanto, somos responsáveis pelo cumprimento dos mandamentos de Deus. A corrupção moral que nos incapacita não nos isenta da responsabilidade de fazer o que é bom e correto. "Chamou Moisés a todo o Israel e disse-lhe: Tendes visto tudo quanto o SENHOR fez na terra do Egito... porém o SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje" (Dt 29.2, 4). Vendo, não vedes. Contudo, apesar desta cegueira e surdez moral, Israel era responsável para guardar "as palavras desta aliança" e cumpri-las (v. 9).

Então, o que é o amor a Deus, se não é apenas ação ou mera força de vontade?

Eis a maneira como Agostinho o definiu há mais de mil e seiscentos anos:

> Eu chamo [o amor a Deus] de movimento da alma em direção ao gozo de Deus, por amor a Ele mesmo, e o gozo de si mesmo e do próximo por amor a Deus".[1]

Acho que essa é uma excelente definição. Diferentemente das duas definições já sugeridas, *deleite em Deus* é o âmago da definição.

Esta definição explica muitos textos que nos exortam não somente a obedecer ao Senhor e a tomar decisões em relação a Ele, mas também a *nos deleitarmos* no Senhor. "Agrada-te do Senhor, e ele satisfará os desejos do teu coração" (Sl 37.4). "Alegrai-vos sempre no Senhor" (Fp 4.4). "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 42.1-2). "Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória. Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam" (Sl 63.1-3). "Então, irei ao altar de Deus, de Deus, que é a minha grande alegria" (Sl 43.4). "Todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação" (Hc 3.18).

O que é, então, esse "movimento da alma" chamado amor a Deus, na vida de Agostinho? Eis uma de suas respostas:

> Mas, o que eu amo quando amo o meu Deus?... Não o cântico suave e harmonioso; não a fragrância das flores, dos perfumes, das especiarias; não o maná ou o mel; não aqueles membros que o corpo tem prazer em abraçar. Não são estas coisas que amo quando amo o meu Deus. Mas, quando O amo, é verdade que amo certo tipo de luz, uma voz, um perfume, uma comida, um abraço. Mas estas são coisas do tipo que amo no meu interior, quando minha alma se banha na luz que não é limitada por espaço; quando ouve o som que nunca acaba; quando sente a fragrância que o vento não dissipa; quando prova o alimento que nunca acaba; quando se prende num abraço do qual não é separada pela satisfação do desejo. Isto é o que eu amo quando amo a meu Deus.[2]

Não há dúvida de que um amor como este produzirá o querer e

o fazer. Mas este amor é muito mais do que mera ação e vontade. Quando este deleite interior em Deus está ausente, o que pode ser o exterior, se não bronze que soa e címbalo que retine?

1 AGOSTINHO. *On christian doctrine,* iii, x, p. 16.
2 AGOSTINHO. *Confissões,* X, p. 6.

80

Como Ser Forte no Senhor

Considerando poder da alegria no Senhor

A Bíblia nos ordena: “Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10). O que isto significa? Como podemos ser fortes na força de outrem? O caminho para o poder em Cristo é uma estrada áspera e feliz. Considere comigo estes quatro marcos bíblicos sobre o caminho chamado *força no Senhor*.

A alegria do Senhor é a vossa força.
Neemias 8.10

Não é bom pertencer a um Deus que torna a alegria o caminho para o poder? Satanás é um deus muito sombrio. Mas Jesus disse: “Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu” (Lc 6.23). Satanás não pode suportar a música dos santos. Certo disso, ele fabrica “músicas” substitutas que não procedem do coração sincero de pessoas felizes; tais canções são grunhidos, suspiros e gritos de pessoas sem paz. Tenho visto Satanás se retirar diante da música de crentes cheios de esperança. Em minha própria vida, sei

que encontrar paz, para completar a carreira, significa recuperar novamente a alegria do Senhor. A alegria é um grande poder.

> *Gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.*
>
> Romanos 5.2

Algumas alegrias resultam do que temos agora — perdão dos pecados, comunhão com Deus, vidas que têm um objetivo, adoração, comunhão, aurora, pôr-do-sol, amigos queridos e familiares. Mas o fato simples e desagradável é que "o nosso homem exterior" se corrompe (2 Co 4.16). "Em tudo somos atribulados... perplexos... perseguidos... abatidos" (2 Co 4.8-9). E nós que temos o Espírito "gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23). Portanto, se devemos ter um gozo inabalável nesta vida, tem de ser "na esperança". "Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos" — e com *gozo* (Rm 8.24-25). Por isso, "regozijai-vos na esperança" (Rm 12.12). Isto será a vossa *força* no Senhor.

> *E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.*
>
> Apocalipse 21.4, 23

Esta é a nossa esperança. A glória de Deus um dia permanecerá sobre a nova criação e removerá todo mal, toda dor, toda tristeza, todo temor e toda culpa. Toda obediência e fidelidade serão vindicadas e recompensadas. Toda renúncia e todo sofrimento serão recompensados cem vezes mais. Deus, que não poupou seu próprio Filho, antes O entregou por todos nós, nos dará graciosamente, com Ele,

todas as coisas (Rm 8.32). Tudo o que Deus possui será a herança dos seus filhos, para o gozo eterno deles. Por conseguinte, ponha a sua esperança na glória de Deus e se regozije nessa esperança. Permita que esse gozo seja a sua força para a batalha desta vida.

> *Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos.*
>
> Efésios 1.15-18

Agora, o grande desafio para nós é conhecer a glória de nossa esperança. Vê-la com os olhos do coração e não somente pensar sobre ela. Esta é uma grande batalha espiritual. E lutamos com a televisão desligada, de joelhos, firmados na Palavra. Deus não permita que, vendo, não vejamos e, ouvindo, não ouçamos (Mt 13.13). Com todo o coração, roguemos a Deus, o qual disse: "Haja luz", que resplandeça em nosso coração, a fim de nos dar a "iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo" (2 Co 4.6). Isso era o que Paulo estava pedindo em favor dos crentes de Éfeso, que algo sobrenatural acontecesse no coração deles — um tipo de ver que é diferente do ver dos olhos físicos. Isto é apreensão espiritual. É o milagre que Jonathan Edwards chamou de "uma luz divina e sobrenatural transmitida imediatamente à alma, pelo Espírito de Deus".[1]

Então, como seremos fortes no Senhor? Primeiramente, temos de orar por capacitação da parte de Deus nos outorgando conhecimento e visão espiritual. Sem isto, estamos cegos. Vendo, não vemos. Em segundo, temos de ver com os olhos do coração a grandeza e a glória de nosso futuro com Deus. Ele removerá toda lágrima, e será nossa luz. O Cordeiro será nossa luz. Em terceiro, temos de nos regozijar na glória certa e firme. Isto deve ser nossa alegria diária e nosso

tesouro inabalável. Finalmente, esta alegria será a nossa força. Ela nos libertará poderosamente de todos os prazeres conflitantes do mundo que nos enfraquecem e nos tornam soldados indiferentes, em vez de poderosos em lutar para Deus.

---

1 HICKMAN, Edward. *The works of Jonathan Edwards.* Edinburgh: The Banner or Truth Trust, 1974, v. 2, p. 12.